



Andréia Mainardi Contri

**A LINGUAGEM HIPERTEXTUAL E O ENSINO DE LITERATURA:  
UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL  
NA ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação de Mestrado

CRUZ ALTA – RS, 2019

Andréia Mainardi Contri

**A LINGUAGEM HIPERTEXTUAL E O ENSINO DE LITERATURA:  
UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL  
NA ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Rosane da Silva Tavares Alves

Coorientador: Prof. Dr. Antonio Escandiel de Souza

Cruz Alta – RS, Fevereiro de 2019

Universidade de Cruz Alta – Unicruz  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Práticas Socioculturais e  
Desenvolvimento Social

**A LINGUAGEM HIPERTEXTUAL E O ENSINO DE LITERATURA:  
UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL  
NA ESCOLA PÚBLICA**

Elaborado por

Andréia Mainardi Contri

Como requisito parcial para obtenção do Título  
de Mestre em Práticas Socioculturais e  
Desenvolvimento Social.

Banca Examinadora:

Profª Drª. Carla Rosane da Silva Tavares Alves \_\_\_\_\_ Unicruz

Prof. Dr. Antonio Escandiel de Souza \_\_\_\_\_ Unicruz

Profª. Drª Maria Aparecida Santana Camargo \_\_\_\_\_ Unicruz

Profª Drª Eva Teresinha Boff \_\_\_\_\_ Unimí

Cruz Alta – RS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de

À minha filha Manuela, raio de luz que  
ilumina minha vida!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e sua benção nesta caminhada.

À minha família, que não mediu esforços para que esse sonho se tornasse realidade, principalmente, meu esposo e minha filha.

À minha orientadora, amiga, um ser humano iluminado, sempre à disposição para me encorajar e auxiliar diante das dificuldades e conquistas.

À Universidade de Cruz Alta e todos os professores, pelo conhecimento, atenção e comprometimento.

Aos meus colegas, pelo companheirismo e amizade construídos durante o curso.

À direção da escola, colegas de profissão e alunos que contribuíram para que a pesquisa pudesse ser realizada.

“Não se luta contra o destino; o melhor é deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste até onde queira alçar-nos ou despenhar-nos.” (Machado de Assis)

## RESUMO

### **A LINGUAGEM HIPERTEXTUAL E O ENSINO DE LITERATURA: UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA ESCOLA PÚBLICA**

Autora: Andréia Mainardi Contri

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Rosane da Silva Tavares Alves

O presente estudo, inserido na linha de pesquisa Linguagem, Comunicação e Sociedade, teve como temática a linguagem hipertextual e o ensino de literatura inferido pela abordagem social e cultural, com o propósito de discutir questões que envolvessem linguagem, sociedade e cultura no contexto contemporâneo. O problema de pesquisa se apresentou pelo seguinte questionamento: que contribuições o uso da linguagem hipertextual apresenta, como recurso metodológico para o ensino de literatura enquanto prática sociocultural, para estudantes de uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental? Em face disso, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural, em uma turma do sétimo ano de uma escola de Ensino Fundamental, no município de Ijuí – RS. Para viabilizar o estudo, utilizou-se a pesquisa qualitativa com os procedimentos bibliográfico e pesquisa-ação. O *corpus* da pesquisa, enquanto coleta de dados, foi obtido por meio de questionários aplicados, da observação direta *in loco* e das oficinas realizadas. A análise dos dados ocorreu através da análise de conteúdo, organizados em categorias, sob a perspectiva de Bardin (2009). A pesquisa buscou contribuir com a qualidade do ensino público, na medida em que, por meio do hipertexto digital, o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural, apresentou fatores que levam à emancipação do sujeito a partir de reflexões. Buscou-se, assim, estabelecer diálogos entre questões históricas e o processo de formação da sociedade e, com isso, reavaliar valores e reconstruir conceitos. Os resultados da pesquisa mostram que o uso do hipertexto ganha um espaço contínuo na sociedade e não pode estar desconectado na escola, como uma tecnologia enunciativa, um novo modo de produzir linguagem que também é capaz de promover conhecimento, entretanto ainda pouco explorado no educandário constituinte do *corpus* desta investigação, mas que pode se tornar um grande aliado na construção de aprendizagens.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação. Hipertexto. Linguagem.

## ABSTRACT

### THE HYPERTEXTUAL LANGUAGE AND THE TEACHING OF LITERATURE: A PERSPECTIVE OF SOCIO-CULTURAL TRAINING IN THE PUBLIC SCHOOL

Author: Andréia Mainardi Contri

Advisor: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Rosane da Silva Tavares Alves

The present study, inserted in the line of research Language, Communication and Society, had as its theme as the hypertextual language and the teaching of Literature inferred by the social and cultural approach, with the purpose of discussing issues involving language, society and culture in the contemporary context. The research proposal was presented by the following question: what contributions does the use of hypertextual language present, as a methodological resource for the teaching of literature as a sociocultural practice, for students of a seventh year class of Elementary School? As a result, the general objective of the research was to analyze the use of hypertextual language, fostering its use as a support for the teaching of Literature from a sociocultural perspective, in a seventh grade class of a Primary School in the city of Ijuí - RS. To make the study viable, qualitative research was used with bibliographic and action-research procedures. The *corpus* of the research, as data collection, was obtained through questionnaires applied, direct observation in loco and the workshops performed. Data analysis occurred through content analysis, organized into categories, from the perspective of Bardin (2009). The research sought to contribute to the quality of public education, in that, through digital hypertext, the teaching of literature from a sociocultural perspective, presented factors that lead to the emancipation of the subject with reflections. Thus, it was sought to establish dialogues between historical issues and the process of formation of society and, with this, reassess values and reconstruct concepts. The results of the research show that the use of hypertext gains a continuous space in society and can not be disconnected in school, as an enunciative technology, a new way of producing language that is also capable of promoting knowledge, though still little explored in the constituent educandário of the *corpus* of this research, but that can become a great ally in the construction of learning.

Keywords: Learning. Education. Hypertext. Language.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O movimento das oficinas na pesquisa-ação .....	31
Figura 2 - Imaterialidade do hipertexto .....	58
Figura 3 - Ubiquidade do hipertexto .....	59
Figura 4 - Textualidades do hipertexto .....	60
Figura 5 - Página inicial do hipertexto .....	61
Figura 6 - Página do hipertexto com seus responsáveis .....	72
Figura 7 - Informações no hipertexto .....	73
Figura 8 - O conto em hipertexto .....	74
Figura 9 - Resposta de alguns questionamentos obtidas na categoria do hipertexto .....	80

## SUMÁRIO

<b>I CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	11
<b>1.1 Objetivos</b> .....	14
1.1.1 Objetivo geral .....	14
1.1.2 Objetivos específicos.....	15
<b>1.2 Estrutura capitular da pesquisa</b> .....	15
<b>II CAMINHO EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	18
<b>2.1 Fundamentos epistemológicos</b> .....	18
<b>2.2 Fundamentos metodológicos da pesquisa</b> .....	23
2.2.1 Caracterização da pesquisa .....	23
<b>2.3 Sujeitos da pesquisa</b> .....	26
<b>2.4 Instrumentos e procedimentos de pesquisa</b> .....	27
2.4.1 Procedimentos para a coleta de dados .....	28
2.4.2 Análise e interpretação dos dados .....	31
<b>2.5 Questões éticas</b> .....	33
<b>III A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL</b> .....	34
<b>3.1 A Linguagem na perspectiva de Bakhtin e Fairclough</b> .....	35
<b>3.2 A linguagem hipertextual e suas potencialidades no ambiente escolar</b> .....	44
<b>IV EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR SOBRE A CULTURA DIGITAL</b> .....	49
<b>4.1 O ciberespaço e a cibercultura</b> .....	49
<b>4.2 O uso das tecnologias digitais no contexto escolar</b> .....	54
<b>4.3 O hipertexto e sua exploração no mundo digital</b> .....	57
<b>V UMA PRÁTICA SOCIOCULTURAL NO ENSINO DE LITERATURA, A PARTIR DA EXPLORAÇÃO DE UM HIPERTEXTO</b> .....	63
<b>5.1 A literatura como prática sociocultural – alguns conceitos e definições</b> .....	63
<b>5.2 O escritor brasileiro Machado de Assis</b> .....	66

<b>5.3 O conto <i>Pai contra mãe</i>.....</b>	
5.3.1 Discussão de algumas questões culturais e sociais presentes no conto .....	69
<b>5.4 O hipertexto e sua exploração em relação ao conto .....</b>	<b>72</b>
<b>5.5 A vivência da prática sociocultural por meio da pesquisa-ação na obra <i>Pai contra mãe</i></b>	
.....	74
5.5.1 O primeiro questionário: a coleta de informações importantes sobre linguagem, literatura e hipertexto .....	76
5.5.2 A pesquisa-ação: (um dos) grandes momentos .....	84
5.5.3 Questionário final: a tessitura das últimas reflexões .....	93
<b>VI CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>117</b>

## I CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A era da globalização transcende todos os segmentos da sociedade, junto com ela ocorrem os avanços tecnológicos que se inserem no dia a dia das pessoas. A escola, como formadora de pensamentos, precisa acompanhar esse contexto emergente e, frente a isso, surge a necessidade de novas metodologias para reflexão e construção de conhecimentos voltados à formação social dos jovens. Pensar o ensino por meio de hipertextos pode ser uma metodologia que promove, nos alunos, novos meios de compreender aspectos sociais que, ao longo do tempo, vêm sendo marcados por fatores que os constituem, de forma interativa e motivadora de aprendizagem.

A linguagem organiza o homem e suas relações com o mundo, é um modo de interação que assume uma função social e comunicativa. A concepção de linguagem que norteia este trabalho parte do significado de que a linguagem é uma prática sociointeracionista. Nessa perspectiva, o ato de comunicação possibilita a interação entre os sujeitos, envolvendo o relacionar-se, o conviver em comunidades, bem como o desenvolvimento de linguagens particulares, conforme o grupo de convívio desses sujeitos. Por isso deixa de ser um sistema fechado de regras e passa a ser considerada como instrumento possibilitador de relações dialógicas no mundo.

A linguagem hipertextual, enquanto possibilidade de comunicação e interação entre pares, possibilita um resgate e, ao mesmo tempo, inovação de práticas antigas de leitura e escrita, que podem ser remodeladas, por meio dos hipertextos. Textos digitalizados que estão em livre acesso no ambiente virtual e que, mediante o uso do computador, podem ser manuseados de acordo com o interesse do leitor/escritor. Com isso, caracteriza-se uma nova perspectiva de interação e dialogicidade entre seres, seja nos modos de produção, seja de leitura.

A literatura<sup>1</sup>, como uma forma artística de linguagem, constitui-se na arte da escrita e, dentre suas funções, oportuniza a compreensão de inúmeras situações socioculturais das mais diferentes épocas e períodos da história que, para Candido (2011), tem a capacidade de produzir e modificar concepções de mundo, de sentimentos e de valores. Nesse sentido, a literatura pode revigorar práticas de leitura que auxiliem o leitor a melhor compreender a sociedade e refletir acerca de alguns fatos sociais, seja aprofundando sua visão, seja criticando a ocorrência de tais fatos em um contexto historicamente constituído.

Além do livro impresso, na sociedade atual, o leitor dispõe do mecanismo virtual da linguagem literária em hipertexto. Uma nova organização textual que permite uma leitura diferenciada, o hipertexto se caracteriza pela sua disponibilidade de leitura digital, conforme o interesse do leitor e sustentado por vários *links* que permitem construir outras/novas informações sobre a leitura que está sendo realizada. Além do formato do texto que poderá ser distribuído em capítulos com acesso rápido e informações extras.

Dessa forma, buscou-se, nesta pesquisa qualitativa, com abordagem metodológica pelos procedimentos da pesquisa-ação e revisão bibliográfica, oportunizar aos jovens do Ensino Fundamental uma prática de leitura por meio da linguagem hipertextual, como ferramenta pedagógica para a imersão inicial na literatura em uma perspectiva de formação sociocultural.

Com tais considerações, o problema de pesquisa se apresentou pelo seguinte questionamento: que contribuições o uso da linguagem hipertextual apresenta, como recurso metodológico para o ensino de literatura enquanto prática sociocultural, para estudantes de uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental?

A hipótese inicial pressupunha que, mesmo diante da precariedade dos sistemas educacionais, no que se refere aos avanços tecnológicos, seria possível sim trabalhar, no Ensino Fundamental, a literatura sob uma perspectiva de formação sociocultural. Por meio, do recurso do hipertexto, disponibilizado na rede mundial de computadores como ferramenta de pesquisa e leitura, contribuindo com isso na qualidade da educação. Dessa forma, a aprendizagem pode se tornar mais significativa e, nesse processo de exploração de hipertexto, busca-se a literatura

---

<sup>1</sup> A tarefa de definir literatura enquanto manifestação artística não é fácil, pois, ao longo dos tempos ela foi se consolidando nas mais diversas formas de manifestações, tanto de expressão artística, quanto de representação de cunho social. Em cada período histórico, ela vem marcada pela particularidade de seus autores. Nicola (1998) afirma que a literatura, enquanto manifestação artística, apresenta, na maioria das vezes, em suas obras a visão do autor sobre o mundo. Para este autor, o que difere na literatura é sua matéria-prima e o meio de divulgação. O que torna um texto literário é a função poética da linguagem que, conforme o autor, “ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significado” (NICOLA, 1998, p. 24). Enquanto que em outras manifestações o autor somente tem interesse em despertar o imaginário do leitor e, nesse sentido, sua definição se torna ampla e muito particular para cada situação.

como suporte artístico-cultural para o desenvolvimento humano e a capacidade crítica de compreensão da realidade histórico-social.

Assim, a justificativa desta pesquisa iniciou-se, pelo fato da pesquisadora ser professora da rede pública de ensino e constatar que o ensino público vem, ao longo dos anos, sofrendo uma defasagem que não acompanha o avanço das tecnologias digitais e da globalização. Além de dar continuidade aos estudos realizados por esta pesquisadora, no Trabalho de Conclusão de Curso e nos projetos de pesquisa desenvolvidos na Universidade de Cruz Alta, que enfocam as práticas socioculturais no âmbito da literatura e da linguagem.

Como motivação pessoal, destacou-se a participação em estudos e pesquisas, em que foi possível compreender o quanto a literatura é importante para a formação da sociedade, revelando aspectos sociais e culturais. Sempre houve uma curiosidade da pesquisadora em compreender como o ensino de literatura brasileira, a partir da linguagem dos hipertextos, poderia contribuir para uma mudança conceitual, no que se refere à criticidade do aluno-leitor, na construção de novos conhecimentos literários e na sua formação social enquanto sujeito.

É preciso enfatizar que a produção científica sobre essa temática que envolve o entrelaçamento entre a literatura e o hipertexto, numa perspectiva de formação social e cultural, é pouco explorada. Por outro lado, quase não se encontram trabalhos que contribuam com outras alternativas, na sala de aula, quanto ao ensino da literatura envolvendo práticas socioculturais.

Em uma sociedade marcada pelas transformações tecnológicas, a ferramenta pedagógica do hipertexto configura um espaço de leitura não linear, em que o fluxo informacional pode ser modificado ou interrompido em tempo real. Cada um pode estabelecer um novo texto, no momento em que o percorre, podendo acrescentar seus próprios *links* ao texto original.

Já a escolha de uma obra literária no Ensino Fundamental foi feita pela sua imensa capacidade em promover e desenvolver conhecimentos, tanto literários como sociais, culturais e históricos que, por meio da leitura e discussão, permite se consolidar. A literatura é, pois, uma das disciplinas do currículo escolar, que, mesmo quando trabalhada de forma universal ou em parceria com outras áreas, precisa ser ricamente explorada pelos profissionais, na busca de cidadãos mais esclarecidos e humanizados.

Por isso, ao unir linguagem, literatura e recursos midiáticos, como o hipertexto, buscou-se fomentar caminhos que levassem os alunos ao desenvolvimento do conhecimento em uma perspectiva de formação social e cultural, no ambiente escolar. A escolha da turma do

7º ano realizou-se em virtude da obra *Pai contra mãe*<sup>2</sup>, *corpus* literário escolhido para o trabalho com os alunos, aspectos sociais que possibilitassem refletir sobre situações tanto históricas, como escravidão, quanto situações do dia a dia, como a dificuldade de emprego e dinheiro, diante de uma formação familiar nova.

Os alunos escolhidos faziam parte da escola municipal em que a pesquisadora atua como professora de Língua Portuguesa. Emergem de uma comunidade carente, muitos vivem em situações vulneráveis e a constituição familiar apresenta-se deficitária em sentido emotivo, constitutivo e financeiro. Diante disso, era necessário potencializar discussões que viessem contribuir para uma formação de pensamento que busquem novas alternativas para suas vidas, a partir de fatores bem conhecidos deles, como os que se encontram no conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. Visto que alguns dizem estar ali somente porque o Conselho Tutelar “fica cuidando”, senão já estariam fora da escola para realizar trabalhos informais.

Justifica-se, ainda, o fato de a proposta de estudo vir ao encontro da linha de pesquisa Linguagem, Comunicação e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, da Universidade de Cruz Alta, nível Mestrado. Assim, a presente pesquisa teve por objetivo discutir aspectos interdisciplinares relacionados a questões que envolvem a linguagem em seus múltiplos aspectos, bem como questões sociais e culturais que permeiam o contexto contemporâneo. Além disso, a referida linha de pesquisa atende à necessidade do sujeito, no mundo globalizado, quanto ao domínio de uma leitura crítica e interdisciplinar, para que o sujeito possa atuar como protagonista na constituição e sustentação de ações sociais.

## 1.1 Objetivos

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural, em uma turma do sétimo ano de uma escola de Ensino Fundamental, no município de Ijuí – RS.

---

<sup>2</sup> O conto *Pai contra mãe* em hipertexto utilizado nesta pesquisa é disponibilizado no site: [http://machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/index.asp](http://machadodeassis.net/hiperTx_romances/index.asp), por se tratar de um hipertexto, a obra não é disponibilizada em páginas, mas em um texto corrido, razão pela qual não são indicadas, neste estudo, as páginas para citações. Assim para situar a leitura, indicou-se com a escrita *on-line* e o ano foi referido em consonância com a criação da página hipertextual (2009).

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Refletir sobre concepções de linguagem, literatura e hipertexto, a partir de uma perspectiva de práticas sociais.
- Averiguar a compreensão dos alunos quanto ao ensino da disciplina de literatura como um dos meios para entender os fatos históricos e sociais necessários para a formação do cidadão.
- Investigar como o recurso do hipertexto vem sendo usado nas escolas e, com isso, incentivar essa prática pedagógica.
- Realizar oficinas de literatura, por meio do recurso hipertextual, com ênfase nas questões socioculturais, a partir do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, disponibilizado na internet.

## 1.2 Estrutura capitular da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida em cinco capítulos que organizam as discussões realizadas e que buscam alcançar os objetivos almejados no estudo. No primeiro capítulo, foram apresentadas as considerações iniciais, momento de reflexão sobre as etapas iniciais do processo da pesquisa, que aponta e norteia o leitor nas demais etapas. O capítulo é composto pelos seguintes elementos: o problema de investigação, os objetivos, a justificativa e a estrutura capitular que compõe o trabalho.

No segundo capítulo, esboçou-se o caminho metodológico que orienta a pesquisa, sendo esta de abordagem social, qualitativa, pelo procedimento bibliográfico e da pesquisa-ação, recorrendo a autores como: Santos (2010), Minayo (2012), Thiollent (2004), Barbier (2006), entre outros. Este capítulo apresentou os seguintes subitens: a caracterização da pesquisa; os sujeitos da pesquisa; os instrumentos e procedimentos da pesquisa; procedimentos para coleta de dados; análise e interpretação dos dados e questões éticas. Também se encontram nele os fundamentos epistemológicos, com uma breve fundamentação teórica, a partir de autores como: Bakhtin (2010), Fairclough (2001), Candido (2011), Marcuschi (2001), Xavier (2005), Lévy (1999), entre outros.

No terceiro capítulo, contextualizou-se a linguagem como prática social, a partir do enfoque bibliográfico com o aporte dos teóricos Bakhtin (2006, 2010) e Fairclough (2001), autores da contemporaneidade que fundamentam, com propriedade, concepções sobre linguagem em uma perspectiva social. Ainda fez-se a discussão da abordagem teórico-



conceitual do hipertexto no contexto escolar, tendo como principal autor Xavier (2013). O terceiro capítulo foi subdividido em: a linguagem na perspectiva de Bakhtin e Fairclough e a linguagem hipertextual e suas potencialidades no ambiente escolar.

O quarto capítulo, intitulado Educação na contemporaneidade: um olhar sobre a cultura digital, apresentou-se a discussão teórica desse novo contexto digital que emerge da cibercultura e do ciberespaço e que define novos modos de se relacionar e conviver em sociedade. Além disso, discutiu-se sobre o uso do hipertexto e suas principais características. Castells (1999), Levy (1999) e Xavier (2013) são os principais autores que fundamentam a discussão e que garantem a compreensão destes novos conceitos emergentes da sociedade da informação, na qual os sujeitos se inserem. A reflexão iniciou-se com o item: o ciberespaço e a cibercultura; logo após, o uso das tecnologias digitais no contexto escolar e por fim, o hipertexto e sua exploração no mundo digital.

O quinto capítulo apresentou a literatura como arte desveladora de práticas sociais, capaz de formar e construir conceitos importantes para a compreensão da realidade em que a sociedade se insere, bem como, as análises dos questionários e as oficinas da pesquisa-ação. Coutinho (2003) e Nicola (1998) são alguns dos autores, que embasam a primeira parte do capítulo. Em seguida apresentou-se o texto que constitui o *corpus* literário, o conto intitulado *Pai contra mãe*, de autoria de Machado de Assis, e algumas questões sociais e culturais que o texto contempla. São subtítulos do primeiro momento: a literatura como prática sociocultural – alguns conceitos e definições; o escritor brasileiro Machado de Assis; o conto *Pai contra mãe*; discussão de algumas questões culturais e sociais presentes no conto; o hipertexto e sua exploração em relação ao conto.

A segunda parte do capítulo constituiu-se da análise dos dados obtidos durante a pesquisa. Fez-se o cruzamento entre as informações obtidas nos questionários semiestruturados e as oficinas realizadas por meio da pesquisa-ação realizada com os alunos. Os resultados obtidos foram discutidos fundamentando-se na análise de conteúdo, tendo como principal autor Bardin (2009). Destaca-se a opção por apresentar a análise neste capítulo, considerando a necessidade de construção do aporte teórico de linguagem, literatura e hipertexto, para, somente depois, com a construção dessa base, fazer o entrelaçamento de dados resgatando a coleta de informações com a devida aplicação dos fundamentos conceituais. Os subtítulos que contemplaram a finalização do capítulo foram: a vivência da prática sociocultural por meio da pesquisa-ação na obra *Pai contra mãe*; o primeiro questionário: a coleta de informações importantes sobre linguagem, literatura e hipertexto; a pesquisa-ação: (um dos) grandes momentos; e o questionário final: a tessitura das últimas reflexões.

Ressalta-se que a escolha dos autores que embasam os diferentes capítulos, desta pesquisa, foram definidos devido a sua relevância na temática que cada um oferece na abordagem capitular apresentada. Nesse sentido, fez-se um levantamento dos principais autores e teóricos sobre as teorias a serem discutidas e defendidas, os aqui escolhidos, apresentaram-se como fundamentais nas reflexões estabelecidas que sustentam e norteiam a pesquisa.

Por fim, apresenta-se as considerações finais, em que foram resgatados os objetivos, verificando-se até que ponto foram alcançados e as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa. Retoma-se também a metodologia utilizada no estudo, a fim de evidenciar a análise realizada a partir da discussão teórica do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, em hipertexto, à luz dos dados colhidos no questionário aplicado e nas cinco oficinas pedagógicas com os educandos do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Ijuí/RS.

## **II CAMINHO EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA**

A sociedade constitui-se em um processo histórico marcado por lutas e vitórias, raízes e mudanças. Cada sujeito, pertencente a um grupo social no qual se relaciona, constrói seus saberes, o que o diferencia dos outros. Isso só foi possível porque o ser humano sempre foi movido pela curiosidade, inquietação e atividade investigativa, sendo que a produção de conhecimentos, a partir dessas indagações, resultaram no aumento de conhecimento científico.

O conhecimento científico, de acordo com Santos (2010), é uma forma privilegiada de se conhecer, resultado de um processo histórico, por meio de debates, de potencialidades, da busca de superação dos limites, sempre voltados para o bem-estar da sociedade. A ciência moderna, como uma nova forma de conhecimento, se autoconcebeu como um novo começo, assume uma inserção no mundo com uma maior profundidade, propõe não apenas conhecer o mundo ou explicá-lo através de padrões científicos tabelados, mas também de compreender e transformá-lo, por isso o caminho metodológico do saber científico se apresenta como um meio definidor que potencializa e orienta os saberes construídos ao longo da pesquisa.

A seguir são apresentados os fundamentos epistemológicos da pesquisa em consonância com a proposta do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado, bem como os fundamentos metodológicos pelos quais se concretizou a pesquisa.

### **2.1 Fundamentos epistemológicos**

O construto teórico para a fundamentação epistemológica desta pesquisa está embasado em Bakhtin (2006, 2010), Fairclough (2001), Candido (2011), Marcuschi (2001), Xavier (2005), Lévy (1999), entre outros, que fundamentam conceitos referentes à linguagem, literatura e hipertexto.

A construção humana é tecida em experiências grupais de interações, por isso o ser humano é, por excelência social, e significa o mundo partir das suas relações particulares, pelo uso da linguagem em seus discursos com o seu meio. Para discutir alguns pressupostos teóricos da linguagem como prática social, são abordados os teóricos Bakhtin (2010) e Fairclough

(2001), autores que se fundamentam os estudos sobre a linguagem.

Mikhail Bakhtin é um dos grandes estudiosos que compreende a linguagem como fenômeno social, resultado da interação entre membros de uma comunidade, que tem em seu grupo social signos linguísticos preestabelecidos e os utiliza no processo de comunicação. Já Norman Fairclough retoma em seus estudos, abordagens da Sociolinguística, desenvolvidas por autores, como Bakhtin, e as amplia, afirmando que toda atividade linguística é um discurso, uma prática social em que se estabelecem relações, de acordo com os interesses dos seus locutores.

Fairclough (2001) afirma que a linguagem se constitui pelo discurso e por isso o contexto assume uma postura primordial para a concretização dessa prática. Nesse processo de construção do discurso, encontram-se as relações de dominação e poder, assim como as de controle, concretizadas pelas funções da ideologia e da hegemonia que se constroem nas relações sociais.

Nesse sentido, o discurso, como uma prática social, na perspectiva do autor, constitui-se num modo de ação historicamente situado. Esse modo de ação tem, por um lado, estruturas que organizam a produção discursiva nas sociedades e, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes da ação de enunciar.

Bakhtin (2010) afirma que a utilização da língua, como processo de comunicação, efetua-se em forma de enunciados que integram a atividade humana, enfatizando que cada enunciado reflete condições específicas e finalidades para a comunicação que se deseja elaborar. Cada enunciado recorre a gêneros do discurso, previamente elaborados no processo histórico de comunicação, para que esta possa se efetivar num modo compreensivo.

Os enunciados podem ser individuais, mas recorrem a gêneros construídos, a partir de práticas sociais consolidadas no grupo de convívio social, as quais sofrem alterações durante o tempo e por isso se tornam ricas e de grande variação, ao passo que acompanham a evolução dos sujeitos e sua interação no convívio social. Os gêneros do discurso variam entre os simples diálogos realizados em situações informais até escritos científicos ou literários, textos tanto orais como escritos.

O discurso como texto escrito ou oral constitui e ajuda a constituir identidades sociais, relações sociais e os sistemas de crenças, conhecimentos de mundo que interferem na vida social dos sujeitos. Diante disso, o discurso não pode ser considerado apenas um sistema de

signos a ser decodificado individualmente como reflexo de variáveis situacionais<sup>3</sup>.

Fairclough (2001, p. 93) deixa muito claro esse pensamento, quando diz: “A constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas orientando-se para eles”.

Essa prática constitui a base da construção e da negociação do conhecimento. Os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso, nas mais diversas circunstâncias, como uma forma de troca de participação social. Para o autor, isso constrói a criatividade discursiva, resultado da relação de discursos que se transformam ou se mantêm, conforme seus contextos.

Entre as aproximações dos autores e as relações que a eles estabelecem com a linguagem como prática social, destaca-se a passagem de Bakhtin (2010, p.15), quando enfatiza que “[...] a comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder”. Conduz para a discussão de que o locutor usa dos mais variados recursos linguísticos para construir seu discurso e persuadir seu ouvinte, de acordo com seus interesses particulares.

Paralelo ao uso da linguagem como atividade prática e constante para a comunicação entre os pares está o novo modelo de sociedade, que emerge da virtualização das informações, a sociedade do conhecimento. Os conceitos envolvidos, nesse processo, abarcam as mudanças dos modos de viver, agir e pensar e no processo de comunicação que a internet realiza e interfere no pensamento humano, na sociedade e na culminância de uma nova cultura, a cibercultura.

Para Lévy (1999), a cibercultura apresenta uma mutação fundamental da própria essência da cultura. O autor afirma que essa mutação refere-se ao conceito de cultura universal sem totalidade. O universal significa a presença virtual da humanidade para si mesma, abriga o aqui e o agora da espécie, sem lugares ou tempo claramente definidos, interconectados em uma linha horizontal ilimitada. Isso quer dizer que quanto mais o ciberespaço se expande, mais universal se torna, menos totalizável o mundo informacional se torna. Assim, como afirma Lévy (1999, p. 119):

---

<sup>3</sup> A linguagem como um sistema de signos foi desenvolvida por Ferdinand Saussure, considerado o pai da Linguística que compreende a linguagem moldada em uma perspectiva individual de reconhecimento de signos sobre seu próprio uso. Essa teoria se opõe ao pensamento de Fairclough.

A cibercultura dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade [...] o ciberespaço não engendra uma cultura do universal porque de fato está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua idéia [*sic*] implicam de direito o conjunto dos seres humanos.

É um universal indeterminado, diante de cada ponto de rede, que se multiplica e se torna produtora ou emissora de novas informações, que, de forma imprevisível, reorganiza-se na conectividade global e se dispõe ao alcance de todos em milésimos de segundos. Moldado, de acordo com os usuários e seus pensamentos, as informações se mantêm, se desdizem, ou se transformam em novas possibilidades de conhecimento.

A cibercultura está na vida das pessoas, nas mensagens que se espalham, incluindo as próprias pessoas, e o ciberespaço assume o ponto de partida desse processo comunicacional. A relação das tecnologias com a cultura consolida-se porque traçam cruzamentos com implicações sociais e culturais que a tecnologia oferece. Por isso, as tecnologias também são produto da cultura, visto que é por meio dos seres humanos que ela ganha o enorme potencial transformador, uma vez que são eles que produzem, criam e interpretam suas diversas conexões.

A sociedade está *on-line*, com um novo formato de vida, a contemporânea, todos conectados pela mesma rede. Isso confirma a proposição de que o processo de leitura também se modificou, novos formatos de leitura envolvem os jovens, a leitura virtual. Neste espaço, os usuários têm a possibilidade de explorar, modificar, atualizar informações simultaneamente, considerando que interagem com hipertextos.

Xavier (2005, p. 171) define o hipertexto como “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Essas formas surgem na medida em que o leitor/escritor interage com os textos e adquire conhecimentos através dos *links* que vão sendo explorados e dos *nós* que vão se interligando durante a leitura.

De acordo com Marcuschi (2001, p. 86), “o hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial [*sic*] e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita”. Nas palavras do autor, esse novo espaço de escrita, caracterizado por ser não sequencial e não linear, apresenta uma nova estruturação textual, permite ao leitor, também, se tornar coautor do texto. Isso ocorre principalmente quando se faz o acesso aos vários textos disponibilizados na rede, o leitor escolhe capítulos específicos para leitura, acessa outros *links* sobre o que está lendo, saindo da sequência fixa, tradicional imposta pelo livro impresso.

O texto, quando explorado/modificado pelo leitor/escritor, transforma-se em um espaço socialmente produzido, tecido pela evolução dos recursos tecnológicos e pela participação ativa dos envolvidos num processo de construção social, resultantes das interações e apropriações realizadas pelos indivíduos no ambiente virtual.

Lévy (1999, p. 75) realiza a discussão sobre o mundo virtual e faz a assertiva de que esse ambiente pode potencializar o conhecimento, na medida em que é construído pelo próprio sujeito. “Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas”. Dessa forma, o leitor faz as conexões entre outros textos, precisa se organizar mentalmente para compreender a leitura que realiza, por isso torna-se um vetor de inteligência. Xavier (2005, p. 175-176) afirma que:

Num ambiente intersemiótico como o hipertexto, o ato de ler/compreender se viabiliza com muito mais totalidade e amplitude, haja vista que, estando esses aparatos midiáticos bem organizados e devidamente inter-relacionados, o usuário, mesmo inconsciente, será beneficiado pela convergência dessas interfaces comunicacionais, já que todas elas cooperam para fazer fluir a compreensão.

Nessa conjuntura, no ambiente educacional, o uso do hipertexto fomenta uma leitura interativa, com acesso a informações adicionais e trocas reais, contribuindo, então, para a compreensão textual e leitores com maior capacidade de organização mental. Na leitura de um hipertexto, o leitor aciona outros meios simbólicos, sejam visuais, auditivos, fugindo do tradicional em que apenas o recurso linguístico era acionado durante a leitura.

A literatura está relacionada diretamente com as práticas sociais de uma cultura em um determinado tempo e não se restringe somente a um enquadramento de período literário. É um conjunto de relações humanas que expressam pensamentos, comportamentos sociais que auxiliam na formação e construção dos indivíduos. A literatura é capaz de modificar condutas, concepções de mundo, é uma prática social que, independente da época em que foi escrita, sempre traz novos aprendizados.

Bakhtin (2010, p. 364) afirma que: “As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na *grande temporalidade*, e, assim, não é raro que essa vida [...] seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade”, visto que desvelam informações de época, de vivências, que por várias vezes justificam as atitudes culturais de determinados grupos e na própria constituição da sociedade.

Por meio da expressão literária, Candido (2011) destaca que a civilização apresenta suas crenças, seus problemas sociais, sentimentos e diante disso, atua como formadora de

personalidade, tornando-se indispensável na formação crítica dos cidadãos, principalmente dos jovens, para que atuem no caminho da humanização. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 182).

Dessa forma, a linguagem, literatura e uso de hipertextos se complementam para ir além de trabalhos escolares com conteúdos específicos a serem explorados em uma perspectiva unívoca e tradicional. Tornam-se ferramentas diversificadas, tanto para uso do professor, como para dos alunos, a fim de que o ser humano possa desenvolver-se e consiga se relacionar com seus pares na sociedade, na busca por uma civilização mais esclarecida e humanizadora.

Nessa conjuntura, a concepção ontológica do ser fundamenta-se na capacidade do ser humano em estabelecer relações sociais que possam agregar conhecimentos, numa perspectiva de emancipação e valorização de todas as práticas sociais que interconectam a sociedade, fazendo com que este possa se relacionar de forma autônoma e igualitária.

Essa epistemologia do conhecimento “[...] visa facilitar a constituição de sujeitos individuais e coletivos que combinam a maior sobriedade na análise dos factos [*sic*] com a intensificação da vontade da luta contra a opressão” (SANTOS, 2010, p. 164), oportunizando conhecimentos aos sujeitos sobre suas possibilidades de ação no seu contexto, ao mesmo tempo que vão construindo outros saberes que privilegiam a força interior.

Diante dessas colocações sobre as concepções epistemológicas que nortearam a pesquisa, faz-se, agora, a apresentação dos fundamentos metodológicos que esclareceram e se tornaram fundamentais para a efetivação e realização da pesquisa.

## **2.2 Fundamentos metodológicos da pesquisa**

### **2.2.1 Caracterização da pesquisa**

Esta pesquisa caracterizou-se por ser social, o que se buscou foi fazer reflexões e indagações desse âmbito, destacando-se por realizar análises e trazer, por meio de investigação, explicações dos fatos da realidade, gerando novas descobertas. Gil (2011, p. 26) afirma que a pesquisa social pode ser definida como um “[...] processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”. Com isso, os resultados obtidos permitiram compreender um pouco sobre a realidade na qual os sujeitos inserem-se.



Baquero (2009) contribui com a reflexão de que, a pesquisa social, ao longo dos anos foi se consolidando por um esforço coletivo e permanente da humanidade. Por isso é um produto histórico e social que reconhece o saber acumulado e se reveste do interesse em aprofundar as análises e fazer descobertas em favor da vida humana.

Tratou-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa que incentivou o uso da linguagem hipertextual como suporte para o ensino de literatura, no Ensino Fundamental. A intenção não foi quantificar, mas sim qualificar alunos por meio de recursos midiáticos, promovendo o seu desenvolvimento social no âmbito da leitura e da análise crítica da realidade envolvida no contexto literário da obra.

A abordagem qualitativa é a mais indicada para a pesquisa social, pois tem sua fundamentação, a partir da compreensão de que as pessoas constroem realidades diferenciadas, necessitando de uma análise voltada para a interpretação, razão pela qual será utilizada neste trabalho. De acordo com Minayo (2012), este tipo de pesquisa parte da realidade social, trabalha com o universo das significações e das relações entre sujeitos, implicando em uma troca profunda de informações com pessoas, fatos e locais que constituem o objeto de pesquisa.

A autora enfatiza que não é possível compreender o comportamento humano sem o entendimento da realidade em que os sujeitos constroem e interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Com isso, o ambiente e as pessoas não podem ser reduzidos a variáveis, mas observados como um todo, considerando todos os dados que possam estar relacionados com a conjuntura envolvida. A preocupação está focalizada no processo e não somente nos resultados.

Assim, nesta pesquisa, inicialmente, a investigação foi bibliográfica para que se pudesse compreender alguns aspectos fundamentais ao desenvolvimento da mesma, como o entendimento dos conceitos que envolvem a linguagem, literatura e o hipertexto. Esse estudo de materiais já elaborados trouxe um embasamento teórico necessário à compreensão de dados coletados na pesquisa.

A pesquisa bibliográfica tornou-se necessária para conhecer e identificar conhecimentos, teorias e ideologias já construídas por outros autores, a fim de coletar dados que contribuíssem nas discussões do trabalho. De acordo com Lakatos e Marconi (2010, p. 183):

[...] as pesquisas bibliográficas, ou de fontes secundárias, abrangem toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

A intenção não foi fazer uma repetição de teorias já elaboradas mas, sim, a partir destas, problematizar novos conceitos, trazer outros enfoques que ainda não foram explorados e que surgem no contexto da pesquisa, na medida em que as ações são realizadas.

Com o intuito de possibilitar a obtenção de resultados com relevância social e de não pensar em uma sociedade num padrão positivista, de objetividade empírica clássica, surge a pesquisa-ação. Instrumento metodológico em que pesquisador e pesquisados assumem papéis ativos na coleta, análise e interpretação dos dados. Para definir esse método de pesquisa, recorre-se a Thiollent (2004, p. 14):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Este tipo de pesquisa busca o conhecimento ou compreensão de processos, fenômenos, que se realizam por meio da ação e, com isso, busca desenvolver conhecimentos sobre a situação investigada. Assume, conforme Dionne (2007), um duplo objetivo, que é o de modificar uma dada situação e, ao mesmo tempo, o de enriquecer o conhecimento.

Thiollent (2004) denomina esse duplo objetivo de objetivo prático e objetivo do conhecimento. Na perspectiva do autor, o objetivo prático serve para contribuir com a melhoria do problema da pesquisa. Já o objetivo do conhecimento, busca obter informações que seriam difíceis por outros procedimentos para aumentar o entendimento de determinadas situações.

Consiste, portanto, em uma metodologia que propõe uma ação deliberada de mudanças de realidades investigadas, visando à produção do conhecimento relativo a essa transformação. Os fatos sociais, na pesquisa-ação, são objetos da investigação de forma que as pessoas envolvidas nessa pesquisa participem de sua própria mudança de atitude e comportamento num sistema interativo.

Para Barbier (2006, p. 59), “[...] pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais práticas, com o fito de melhorar sua práxis.” Ou seja, tem a intenção de transformar sua conduta em uma ação real transformadora por parte das pessoas implicadas nos processos, para solução de problemas coletivos, centrada no agir coletivo.

O pesquisador, quando participa na ação, absorve conhecimentos e também os modifica, e estes se constituem na base para a realização da análise reflexiva sobre realidade e os elementos que interagem. Com isso não se pode esquecer do papel do pesquisador e dos envolvidos, estes devem atuar num esquema de cooperação. Identificar os aliados e partilhar momentos da pesquisa já no início pode ser um ponto bem positivo para futuras investigações, visto que, tecem as relações entre os participantes durante todo o processo.

Com isso, o objetivo da pesquisa-ação volta-se para a produção de conhecimento, que não é vista somente para o bem da coletividade da investigação local, mas sim uma possibilidade que viabiliza, a outros profissionais, mudar sua prática e buscar a partir desta metodologia renovar suas práticas, enquanto pesquisadores e construtores de conhecimento. Essa renovação é realizada com técnicas que se colocam em oposição às atividades tecnologicamente controladas, compondo-se de acordo com as necessidades e elementos implicados nela, como resultado de uma ação reflexiva constante.

Como os dados qualitativos não são padronizáveis, o pesquisador precisa ter flexibilidade e criatividade para coletá-los e analisá-los, por isso grande parte do sucesso da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. É preciso conhecer os membros que compõem a equipe e verificar as motivações dos membros, seus pontos de interesse. Thiollent (2004) destaca que os questionários e as técnicas de entrevistas individuais podem ser utilizados como meio de conhecimento e coleta de informação que ajudam o pesquisador a conhecer melhor seu grupo de pesquisa, e é claro a atuação conjunta e direta entre todos os envolvidos.

O método da pesquisa-ação, para Barbier (2006, p.117), implica sempre num efeito “[...] recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação”. Ou seja, a cada avanço, um momento de retrocesso, a fim de refletir, para projetar o futuro da pesquisa. Como é um trabalho ativo, sofre várias mudanças durante o processo, sendo necessárias pausas para a continuidade, sem perder seu real objetivo, que é o de suscitar mais questões, do que as resolver.

### **2.3 Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos da presente pesquisa foram os alunos da turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Ijuí –RS em que a pesquisadora atua. Esses alunos foram escolhidos pela pesquisadora/professora, tendo em vista alguns fatores que se excediam aos demais: era uma turma calma que gostava de leitura, constituída por dezenove alunos e que no decorrer da pesquisa caiu para 11, em razão da constituição de uma turma de aceleração. As

idades variavam entre 13 e 17 anos, sendo que muitos desses alunos expressavam interesse em atingir a maioridade, a fim de evadirem da escola, uma vez que não mais seriam alcançados pela obrigatoriedade do cumprimento do Ensino Fundamental por dispositivo legal<sup>4</sup>. Preliminarmente, em termos de observação, foi possível dizer que, para esses alunos, o trabalho informal representava a alternativa de mudança de vida, não encontrando, na escola, motivação para a permanência.

Nas palavras deles, acreditavam que o trabalho informal seria a forma de construir seu futuro. De um modo geral, esses alunos apresentavam vulnerabilidade social em decorrência, em grande parte, da situação econômica precária da família. Assim, o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, que constituiu o *corpus* literário da pesquisa, apresentou-se apropriado para a discussão com a turma, visto que, os problemas sociais evidenciados no texto e os problemas vivenciados por grande parte dos alunos da referida turma aproximavam-se. Destaca-se que a escola autorizou a realização da pesquisa com esses alunos, sendo que a Carta de Autorização se encontra no Apêndice D.

## 2.4 Instrumentos e procedimentos de pesquisa

Exposto o problema de pesquisa, que buscou uma ação direta na escola, a fim de encontrar respostas da realidade que se desejou compreender, no caso, o conhecimento e uso, por parte dos alunos, do hipertexto como ferramenta para as discussões, na disciplina de literatura e das práticas socioculturais que nela se permite obter, realizou-se a pesquisa-ação. Inicialmente, aplicou-se um questionário aberto com os alunos da turma. A próxima etapa da pesquisa consistiu na realização de oficinas na turma do 7º ano, para que o objetivo pudesse ser alcançado.

A pesquisa-ação, como abordagem metodológica, compreendida pelo processo em que o conhecimento será construído, foi alicerçada em oficinas. As atividades permitiram aos alunos o acesso, de forma dinâmica e interativa, por meio de hipertextos, em textos literários que puderam contribuir, tanto para a formação cidadã, como para a formação de leitores, num cenário tão enfraquecido que se concentra a leitura do povo brasileiro e, em particular, dos

---

<sup>4</sup> Conforme a Emenda Constitucional 59/2009.

Art. 1º Os incisos I e VII do art. 208 da Constituição Federal, passam a vigorar com as seguintes alterações:  
"Art. 208...

I – Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm). Acesso em 10 jun.2018.

alunos da Educação Básica. Dessa forma, foram trabalhadas cinco oficinas em que se buscou o conhecimento por parte dos alunos, a respeito dos hipertextos, assim como o incentivo da leitura e o despertar nos alunos, para um senso crítico e reflexivo.

A escolha do *corpus* literário, *Pai contra mãe*, de autoria de Machado de Assis, permitiu a discussão em torno do cenário econômico e social da época, a partir de fatores que enunciavam diversos contextos sociais e que se fazem presentes na história para que a sociedade, hoje, possa ter um olhar para o passado, como meio de conhecimento da realidade e compreensão de mundo.

O *link* entre hipertexto e o conto *Pai contra mãe* foi concretizado pelo fato de que existe, na internet, um espaço de domínio público, uma página de hipertexto com o livro digitado e com acesso fragmentado de capítulos, no qual está presente o conto, que permite, assim, fazer análises, leituras e estudos sobre a obra de forma interativa.

Como se vê, a pesquisa teve como pano de fundo as questões históricas e sociais que permeiam os escritos literários e que mostram a constituição da sociedade ao longo dos anos. Para se formar alunos conscientes e críticos, a fim de exercerem sua cidadania e seu papel na sociedade, é fundamental que se tenha práticas que evidenciem essas discussões em sala de aula.

#### 2.4.1 Procedimentos para a coleta de dados

A coleta de dados foi desenvolvida em duas etapas. Inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre as teorias que se encontram sobre a temática linguagem, literatura e hipertexto. Logo após, desenvolveu-se uma pesquisa-ação em uma escola municipal com intervenção direta por meio de oficinas pedagógicas e uma coleta de materiais para análises e discussões, por meio de dois questionários validados por professores do PPG (Apêndice B).

Trabalhar em uma perspectiva de abordagem de práticas sociais pressupõe o trabalho de compreensão crítica da realidade social. Da mesma forma, com a pluralidade de saberes que se encontra nos variados grupos. Santos (2010) afirma que a pluralidade de saberes se fixa nas diferentes formas de aprender, contemplada tanto pelos saberes científicos como pelas vivências sociais, conhecimentos que estão associados aos adquiridos nas relações com o mundo e que precisam ser considerados durante a pesquisa.

Em primeiro lugar, foi aplicado um questionário para elencar os conhecimentos prévios da turma que constitui o *corpus* da pesquisa, conforme Apêndice B. As respostas obtidas permitiram analisar se os alunos conheciam ou não esse recurso oferecido pelas

tecnologias educacionais e disponibilizado pelo acesso à internet.

Uma das vantagens de se trabalhar com a pesquisa-ação é que esta não se limita somente à constituição da ação, mas sim em uma produção de conhecimentos que contribui para a discussão das questões abordadas na pesquisa. Por isso, o questionário se fez necessário, nessa etapa da pesquisa. A partir dele, foi possível identificar algumas características dos sujeitos e os conhecimentos que possuíam sobre a temática. Esse momento necessitou atenção e observância, a fim de que o rigor da pesquisa científica permitisse esclarecer a sua pertinência para a intervenção futura. Isso foi importante para que, na próxima etapa, a ação que visa à transformação desse contexto pesquisado, pudesse estar bem planejada, fundamentada e alcançasse os objetivos.

A pesquisa-ação teve início com a realização de cinco oficinas de literatura com o uso do hipertexto e sua exploração por meio da internet e dos *links* do site com o conto *Pai contra mãe*. As oficinas foram organizadas de forma que os alunos/leitores pudessem estabelecer reflexões que vão além do reconhecimento da obra e seu período literário, que conseguissem construir momentos de leitura reflexiva acerca do texto e pesquisas sobre o que o autor e a obra apresentam e que se evidenciam durante o ato de ler.

Um dos recursos de avaliação dos conhecimentos construídos durante a pesquisa foi a construção de um diário de bordo, no computador, com uso do programa *LibreOffice*, que permitiu a análise escrita de alguns dados, juntamente com as observações e discussões diretas de troca de informações realizadas entre alunos e a professora/pesquisadora nas oficinas.

Ao finalizar as atividades da pesquisa-ação, reportou-se novamente ao uso do questionário para que os alunos expressassem sua opinião frente ao conhecimento, uso e processo da pesquisa-ação que foi realizada. O objetivo foi coletar novas informações, que, durante a pesquisa, não foi possível observar ou, até mesmo, que se reafirmaram diante das colocações.

Nessa conjuntura, faz-se agora a descrição das atividades desenvolvidas nas oficinas. A primeira oficina desenvolvida com os alunos foi denominada “Conhecendo hipertextos”. O objetivo desta oficina foi conhecer e explorar hipertextos na rede de computadores. Os materiais utilizados na oficina foram computadores e apresentações em *Power Point*. Inicialmente, fez-se uma breve apresentação em *slides* sobre os hipertextos: conceito do que é hipertexto, como surgiu e um momento para discussão das concepções trabalhadas. Posteriormente, ocorreu uma atividade exploratória na rede mundial de computadores.

Os alunos acessaram o *link*<sup>5</sup> indicado pela pesquisadora para realizar a leitura de um livro virtual. Nesta atividade, os alunos escolheram uma das histórias disponíveis no site para ler, conforme sua preferência. O endereço eletrônico disponibiliza livros em forma de hipertexto e, como atividade concluinte desta primeira oficina, os discentes deveriam elaborar um resumo da aula com anotações em um arquivo de texto, no computador, que foi denominado de diário de bordo.

A segunda oficina, intitulada “Quem é Machado de Assis?”, teve por objetivo coletar, por meio de hipertextos, algumas informações sobre a vida e obras do autor. Nesta oficina, os alunos tiveram a oportunidade de pesquisar, na internet, o tema indicado pela pesquisadora, com alguns questionamentos orientados: Quem foi Machado de Assis? Quais suas principais obras? Seus escritos eram destinados para quais públicos? Qual a importância do autor para a sociedade? As informações coletadas novamente foram registradas no diário de bordo.

A terceira oficina, chamada “Uma leitura de Machado de Assis”, trouxe como proposta a leitura do conto machadiano *Pai contra mãe* e a exploração nos hipertextos presentes no conto. O objetivo desta oficina foi ler um conto machadiano, a partir da sua apresentação em hipertextos. Após a leitura, os alunos responderam a algumas questões que demonstrassem sua compreensão, tais como: Vocês entenderam esse conto? Sobre o que trata? O que mais chamou atenção nessa história? Como era a vida naquela época? Cite algumas observações sobre a sociedade da época que você pode compreender como seus costumes, crenças, modos de viver e de se informar e não se esqueça de fazer suas anotações, no diário de bordo.

Devido ao tempo que os alunos levaram para realizar a leitura do conto, foi necessário desenvolver uma oficina extra, para a conclusão da proposta com a discussão. Então, a quarta oficina foi dedicada somente à discussão das questões sobre o conto, propostas pela pesquisadora e que eram necessárias para a compreensão do texto.

A quinta oficina aconteceu, a partir da leitura de fragmentos do conto selecionado, com a discussão de aspectos socioculturais presentes no texto. A atividade teve como objetivo analisar algumas práticas socioculturais que estão presentes no texto. Esse momento permitiu que se pudesse pensar questões sociais, tais como: a escravidão, o preconceito aos negros, as relações familiares, as condições socioeconômicas, que fazem com que as pessoas tenham determinadas atitudes, muitas vezes repudiantes, entre outras. Os principais assuntos discutidos foram anotados nos cadernos dos alunos e não puderam ser digitados no diário, porque não poderiam ser feitos em tempo hábil, já que o período estava acabando.

---

<sup>5</sup> Endereço eletrônico: <https://contadoresdestorias.wordpress.com>. Acesso em 08 novembro 2018.

Cabe salientar que o registro fotográfico<sup>6</sup>, a descrição detalhada das atividades, a temporalidade da realização das oficinas e os resultados obtidos, nesta coleta de dados, foram discutidos no capítulo de análise denominado “Uma prática sociocultural no ensino de literatura a partir da exploração de um hipertexto”. O movimento da pesquisa-ação, por meio das oficinas pedagógicas, pode ser observado na imagem abaixo, construída pela pesquisadora:

Figura 1 – O movimento das oficinas na pesquisa-ação



Fonte: Figura elaborada pela autora da pesquisa.

#### 2.4.2 Análise e interpretação dos dados

Após a coleta de dados, realizada por meio do questionário aplicado com os alunos e das oficinas de literatura ministradas, realizou-se a análise de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações, com as quais se obtém uma descrição objetiva que permite a classificação dos componentes de forma sistemática, bem como qualitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação.

Constitui-se, então, em um conjunto de técnicas que permite a inferência sobre os dados coletados, ultrapassando as incertezas e enriquecendo a discussão com a compreensão

<sup>6</sup> A autorização para os registros fotográficos estão previstos no documento de matrícula dos alunos. Neste documento, os pais assinam a autorização, que permite por parte da escola e professores, utilizar a imagem dos alunos para estudos, atividades escolares, projetos, entre outras atividades, que busquem a melhoria da qualidade da educação e, dessa forma, se caracteriza uma imagem sem direitos autorais.



das significações das relações, para além das falas e escritos propriamente ditos. A escolha da metodologia utilizada por Bardin (2009), busca a ultrapassagem da incerteza e o enriquecimento da leitura, indo além das aparências e da compreensão espontânea.

De acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdo passa por três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise consiste na escolha dos documentos sujeitos de análise, assim como a formulação de hipóteses para a construção de indicadores para a interpretação final. Nesta etapa, encontram-se a escolha da temática, objetivos, hipóteses, leituras, contatos, levantamento de referencial teórico.

A segunda fase chama-se de exploração do material e se constitui na exploração do material, bem como na definição de categorias e a identificação das unidades de registro que, nesta investigação, consistirá na aplicação de questionários e registros das atividades das oficinas. Essa fase de exploração do material consiste numa etapa importante e de rigorosidade, pois possibilitará ou não a riqueza das interpretações e inferências que constituem a última etapa da análise, a do tratamento dos resultados, momento de análise crítica e reflexiva diante dos materiais coletados.

Bardin (2009) aponta para duas dimensões na etapa do tratamento dos resultados, a dimensão da codificação e da categorização. Para a dimensão da codificação, Bardin (2009, p. 103) fala que esta “[...] corresponde a uma transformação – efectuada [*sic*] segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão”. Trata-se de uma etapa minuciosa de estudos de condensação e destaques de informação. Já a categorização, o autor afirma que consiste na “[...] classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2009, p.117).

A coleta dos dados, obteve-se por meio de questionários aplicados, da observação direta *in loco* e dos resultados obtidos nas oficinas de literatura realizadas. Esse *corpus* constituiu-se na base para as discussões que foram distribuídas em categorias de análise. Para isto, foram elaboradas perguntas específicas nos dois questionários aplicados, que após analisadas juntamente com o diário de bordo construído pelos alunos mostraram os resultados da pesquisa.

A análise de conteúdo, como afirma Bardin (2009), não é uma metodologia de análise que segue a rigidez e a completude, sua proposta de análise de conteúdo, por se tratar de pesquisa qualitativa, oscila entre dois polos: a investigação científica, o rigor da objetividade, da cientificidade, e a riqueza da subjetividade que só se encontra no contexto em que a pesquisa

está inserida. As categorias foram fundamentais para organizar a discussão, mas outros elementos apareceram na medida em que os dados eram confrontados, muitos deles pela observação direta da própria pesquisadora.

É importante destacar que nem todos os autores que trabalham com a análise de conteúdo trazem as etapas da mesma maneira. A exemplo de Triviños (1987), que se diferencia na nomenclatura e realça alguns aspectos construídos na própria teoria do autor, denominando as fases de: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial e trazendo alguns tópicos específicos sobre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, afirmando ser necessário atentar muito mais para o conteúdo latente, que emerge no ato da pesquisa.

## **2.5 Questões éticas**

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, o parecer de aprovação está registrado, sob o número 2.691.402. Os pais dos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice A e os alunos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice A.

Diante deste percurso sobre o caminho metodológico que orienta a pesquisa, no próximo capítulo, a partir da revisão bibliográfica, fez-se a discussão da linguagem como mediadora de práticas sociais, atividade fundamental que estabelece as relações entre os sujeitos.

### III A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

Este capítulo teve o objetivo de discutir a linguagem como prática social, os autores Bakhtin (2006, 2010), Fairclough (2001), além de Marx (1845), foram os teóricos que fundamentaram a discussão, buscou-se também Xavier (2013) e Fiorin (2008), entre outros. Essa concepção de linguagem, que convoca o social para a sua fundamentação, atenta para a composição de que, no processo de comunicar, encontram-se componentes que emanam do histórico, social, cultural e ideológico, para que a linguagem funcione efetivamente como uma ferramenta de interação humana.

Um conceito sobre prática social pode ser encontrado ainda nos escritos de Marx (1845), na oitava das *Onze Teses* desenvolvidas pelo teórico sobre Feuerbach<sup>7</sup>, onde afirma que “[...] a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que seduzem a teoria para o misticismo encontram a sua solução racional na praxe humana e no compreender desta praxe”. Com essa afirmação, pode-se concluir que a vida humana em sociedade é uma prática social e, nesse contexto, a linguagem materializa-se na *práxis* humana, diante das relações e significações que estes realizam e que os permitem relacionar-se pelo ato comunicativo.

O processo de humanização, de construção de uma identidade, perpassa pelos meios sociointeracionais entre indivíduo e seu contexto social. Essa construção é mediada pelo uso da linguagem, que se caracteriza pelo funcionamento e desenvolvimento social e cognitivo. Geraldi (1991, p. 6) diz que “[...] os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto’ deste mesmo processo”. Por isso a linguagem também pode ser compreendida pelo aspecto de uma prática social, já que se realiza diante à ação humana.

O reconhecimento de que as atividades que o indivíduo realiza no contexto social ao qual pertence constitui a linguagem e que esta exerce influência recíproca promoveu uma mudança nos conceitos que adentraram o ambiente educacional, por meio da rede mundial de computadores, a internet. Ainda nesse capítulo, fez-se uma reflexão sobre a linguagem

---

<sup>7</sup> As Teses sobre Feuerbach foram incluídas por Engels no livro de sua autoria *Ludwig Feuerbach* e o fim da filosofia clássica alemã, de 1888, sendo a primeira publicação do escrito de Marx, que foi um rascunho como lembrete para futuros escritos.

hipertextual e suas potencialidades no contexto escolar. Para a fundamentação, buscou-se o teórico Xavier (2013), que desenvolve estudos fundamentais para a compreensão da linguagem hipertextual como um suporte pedagógico de leitura em sala de aula.

### 3.1 A Linguagem na perspectiva de Bakhtin e Fairclough

A sociedade, desde os primórdios, caracteriza-se pela comunicação que desenvolve entre os seres humanos e seus grupos sociais, esta comunicação se dá pelo uso da linguagem, seja ela sonora, seja gráfica ou gestual. Seu poder não fica restrito somente à utilização, se constitui como uma prática social que intervém na vida e nas relações entre as comunidades. A linguagem é um instrumento poderoso que pode transformar e influenciar concepções, opiniões, entre outros aspectos, razão pela qual se faz necessário compreender melhor as relações que se estabelecem nos discursos<sup>8</sup>.

As reflexões sobre a linguagem como um fenômeno social são recentes e Mikhail Bakhtin foi um dos pioneiros do assunto ao fundamentar uma linguagem enraizada na interação entre os indivíduos de uma mesma comunidade, quando se utilizam dos mesmos signos, que, preestabelecidos, conferem sentido e permitem o ato de comunicação. Esta é uma tese até então desconsiderada pelos estudiosos que compreendiam a língua como um instrumento individual e que se constituía da apropriação de um sistema de signos.<sup>9</sup>

Bakhtin (2006, p. 130), na busca pela formulação de um conceito sobre a língua e a fim de compreender de forma clara sua realidade fundamental, assim como seu modo de existência, destaca que: “A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores”. E com isso a língua percebida em seus aspectos discursivos e enunciativos, visto que o enunciado de um falante precede e sucede-se de outro falante, confirma a concepção da linguagem como um fenômeno social, que tem no enunciado uma unidade de comunicação verbal.

Fiorin (2008, p. 19) resgata algumas concepções de Bakhtin e afirma que “[...] no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão são dialógicos. Nela existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro”. Por isso,

---

<sup>8</sup> A concepção de discurso, nessa discussão, parte de Fairclough (2001) em que os discursos são entendidos como falas, discussões que acontecem entre os seres para a efetiva comunicação e que tem a linguagem como centro da comunicação.

<sup>9</sup> De acordo com Carvalho (2003), a linguagem como um sistema de signos foi desenvolvida pelo teórico Ferdinand Saussure (s.d.) em seu livro *Curso de Linguística Geral*, o qual é considerado o pai da Linguística, que compreende a linguagem moldada em uma perspectiva individual de reconhecimento de signos sobre seu próprio uso.

quando o enunciador precisa construir seu discurso no ato da fala, leva em conta o discurso de outrem, visto que este também está presente no seu, já que não consegue se desprender das relações que a língua estabelece, a partir da sua significação individual. O indivíduo não cria em cada diálogo palavras, signos novos, mas sim recria de outra fala já proferida.

Nesse sentido, o discurso (fala, discussões) como uma prática social, na perspectiva bakhtiniana, constitui-se num modo de ação historicamente situado, tendo, por um lado, estruturas que organizam a produção discursiva nas sociedades (a língua e seus signos) e, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes da ação de enunciar. Nessa direção, Bakhtin (2006, p. 125) afirma que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas [*sic*] nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

No entendimento bakhtiniano, a língua configura-se por meio do fenômeno social da interação verbal, pessoas comunicam-se na sociedade pelo uso da linguagem. Fiorin (2008, p. 18) disserta também que “a língua em sua totalidade concreta viva em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica”. E pelo processo da enunciação é que essa interação e vivacidade da língua permite que esta vá além de uma troca de palavras com significado para um grupo social, e corresponde a todas as formas de comunicação verbal, que nem sempre se apresentam face a face.

É preciso especificar que, nesse processo de comunicação, conforme Fiorin (2008) discute, para Bakhtin, não são as unidades da língua que são dialógicas e sim os enunciados promovidos pelo uso da língua. E que as unidades da língua são exemplificadas pelo som, pelas palavras e orações. Já os enunciados, são as unidades reais de comunicação utilizadas pelo falante, são únicos, irrepitíveis e utilizados de acordo com a situação e a unidade usada para comunicação.

O enunciado constitui, portanto, um elemento de interação entre os locutores que perpassa pela subjetividade e pelos conhecimentos adquiridos na coletividade, durante a relação dialógica de comunicação. “As unidades da língua são neutras, enquanto que os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões” (FIORIN, 2008, p. 23). Por isso, no processo interlocutivo, a linguagem é constantemente construída e reconstruída, pois a subjetividade perpassa toda forma de enunciação, enquanto que a língua orienta o falante pela perspectiva do

uso de palavras que são escolhidas para constituir sentido.

Para Bakhtin, a linguagem também é marcada pelas relações que o indivíduo realiza e é atravessada por conotações ideológicas de discursos já proferidos. O conceito de ideologia bakhtiniana, de acordo com Faraco (2008), possui em seu significado a compreensão de que esta se envolve no universo dos produtos do espírito humano, recorrendo a outras significações imateriais do contexto social e por isso se torna um produto ideológico.

Nessa conjuntura, a ideologia parte de uma realidade de cunho social e com significado que lhe é exterior e que se efetiva em um signo. Bakhtin (2006) exemplifica que um signo, não sendo ideológico, pode ser usado em qualquer situação, mas, em determinado contexto, pela representação ideológica que este signo possui, passa a ter uma representação em que só pode ser usado em determinadas situações.

Tudo o que é ideológico possui um significado que remete a algo que está situado fora de si mesmo. Assim os signos são ideológicos e um objeto converte-se em signo, quando passa a ter significações em outras realidades. Stam (2000, p. 62), ao referenciar Bakhtin, afirma que, para este autor:

O embate ideológico localiza-se no centro vivo dos discursos, seja na forma de um texto artístico, seja com intercâmbio cotidiano da linguagem. Na vida social do enunciado (seja ela uma frase proferida verbalmente, um texto literário, um filme, uma propaganda ou um desfile de escola de samba), cada “palavra” é dirigida a um interlocutor específico numa situação específica, palavra essa sujeita a pronúncias, entonações e alusão distintas.

Nesse processo, a ideologia assume um papel tão importante na vida dos sujeitos, no momento em que se comunica e expõe sua opinião, o sujeito coloca a sua ideologia sobre o que pronuncia, e essa ideologia constrói opiniões e forma pensamentos que assumem outros discursos e são levados adiante no processo comunicativo de uma sociedade. Mesmo que involuntário, Bakhtin discute em seus escritos que, em todo discurso proferido, há uma ideologia que perpassa esse discurso, já que as palavras ganham sentido pela ideologia que a formaliza como aporte para esse momentos de fala e não de outra palavra.

A Análise Crítica do Discurso (ACD), teoria que Fairclough defende, tem o objetivo de tentar esclarecer um pouco as noções ideológicas e políticas que constituem o discurso da sociedade, a fim de comprovar que algumas vezes o sujeito pode ser induzido por marcas textuais a construir seu pensamento. Fairclough (2001), afirma que a linguagem se constitui pelo discurso e o contexto assume uma postura primordial para a concretização dessa prática. Nesse processo de construção do discurso, encontram-se as relações de dominação e poder,

assim como a de controle, concretizadas pelas funções da ideologia e da hegemonia que se estabelecem nas relações sociais.

Fairclough (2001) apresenta três asserções sobre o conceito de ideologia. Para o autor, primeiramente a ideologia tem existência material nas práticas das instituições. A segunda assertiva é de que a ideologia “[...] interpela os sujeitos!” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117), constitui os sujeitos e seus discursos. E a terceira afirmativa é de que os aparelhos ideológicos do Estado são locais de marcos ou delimitam na luta de classes, que apontam ou orientam o discurso ideologicamente, conforme seus interesses, mesmo que não intencionais. Dentre as conclusões apontadas por Fairclough (*idem*) estão:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Neste enfoque, entra a criatividade humana, representada pela capacidade do sujeito no uso da linguagem ou de outros signos, para consolidar novas ou manter relações. Sejam elas de domínio ou poder sobre aquela sociedade ou grupo em que se relaciona, materializando a ideologia que o autor apresenta na terceira dimensão de análise do discurso, a prática social.

Os discursos apresentam-se como sociocognitivos interpelados pela ideologia. Isso estabelece uma relação dialética, uma vez que, os discursos determinam algumas interpretações, a sociedade e os indivíduos, a partir dos seus recursos cognitivos, podem influenciar e construir interpretações próprias dos textos/discursos estabelecidos.

“As práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significados que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121). Na sua teoria, o estudioso pressupõe que nem todos os discursos são investidos ideologicamente. Estão carregados de ideologia, ou com um grau maior, como o autor defende aqueles que buscam estabelecer relações de poder, num grupo cultural, numa raça, ou na publicidade, afirmando que a sociedade é capaz de transcender a ideologia, quando consegue identificá-la.

Assim os discursos, que, por mais neutros de ideologia se apresentem, assumem a capacidade de transformar e se contextualizam numa relação de poder, tornando-se, portanto, ideológicos. Dessa forma, compreender o sentido da ideologia é compreender que esta pode ser verificada ou encontrada na maneira ou modos em que o sentido serve para estabelecer ou manter relações de dominação. De início, pode ser neutro, mas durante o discurso, a partir do

sentido, pode se tornar ideológico.

O papel da linguagem para uso nas relações das práticas sociais, não está permeado somente pela ideologia, mas pelas alianças e integrações que se estabelecem a serviço da manutenção de liderança e de domínio na sociedade. Essas concepções são caracterizadas por Fairclough (2001) como o poder hegemônico das práticas discursivas. “Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123).

Essa liderança se apresenta na produção, distribuição, consumo e interpretação dos textos que contribuem para a manutenção ou transformação das relações sociais. Somente com uma análise, como a que se propõe o autor, é possível ver se as relações de poder, presentes em determinada atividade discursiva, reiteram ou desafiam os discursos hegemônicos em circulação. Consoante com essas colocações Fairclough (2001, p. 122), ressalta: “Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingida senão parcialmente e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’”.

Nessa perspectiva, a hegemonia se insere num palco de lutas constantes de grupos que buscam manter seu poder sobre a sociedade. Mas é necessário ser entendida como um “equilíbrio instável”, porque as práticas sociais são abertas, em constante e variadas interpretações, com possíveis transformações, sinalizando viabilizações de mudança. É, pois, característica marcante da sociedade contemporânea e de interesse particular da Análise Crítica do Discurso.

Dessa forma, as análises da ACD, propostas pelo autor, buscam articular todos os elementos de uma prática discursiva, que não estão somente sob o olhar da linguagem, como um sistema fechado. Mas, sim na busca por traçar uma investigação dos aspectos discursivos amplos, que se encontram nas práticas sociais e podem ser permeados pela linguagem durante o discurso. Isso quer dizer que, para ocorrer uma efetiva comunicação, os atores sociais devem pertencer a um grupo em que as palavras proferidas tenham os mesmos significados que remetam a circunstâncias específicas em um determinado período e contexto social.

Algumas reflexões são possíveis de serem estabelecidas pela análise das palavras proferidas em um discurso. Todo discurso provém de um processo de compreensão de vozes anteriormente pronunciadas e que passaram pela ideologia dos sujeitos e adquiriram significado para este e que será utilizada, quando no discurso, essa palavra for requisitada. Nesse sentido, um sujeito não cria palavras novas, apenas contextualiza, de acordo com seu significado, para o grupo em que convive. Tudo o que é dito já foi resposta de discursos anteriores que, no



processo de interação verbal, constitui o “eu” enquanto sujeito pensante e pertencente a um grupo social. A teoria de Bakhtin (2006, p. 41) aproxima-se com a de Fairclough, quando ressalta:

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...].

Dessa forma, o sentido utilizado na palavra dita funde-se com a ação e adquire o poder de uma ação para persuadir o outro com as concepções do falante. Do mesmo modo, a palavra escrita também tem este poder sobre o mundo, quando o autor utiliza elementos persuasivos, capazes de provocar a resposta do outro e, com isso, levá-lo a acreditar no seu discurso ou texto.

Bakhtin (2010, p. 124), afirma que a utilização da língua, seja num ato de fala imediato, seja num contexto social mais amplo, como de um discurso na comunidade, efetua-se em forma de enunciado. Segundo o teórico, “[...] a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social”. Essa percepção enfatiza que cada enunciado reflete condições específicas e finalidades para a comunicação, que se deseja elaborar de um modo compreensivo.

Assim, destaca-se que esta pesquisa apresentou como o *corpus* literário o conto machadiano *Pai contra mãe*, no qual há passagens que não poderiam ser compreendidas ou atuar como geradoras de significado, se não houvesse uma constituição de signos que remetem a significados já estabelecidos e que se agregam a outros, conforme a concepção bakhtiniana. Como exemplo, destaca-se a passagem: “O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave” (ASSIS, 2009, *on-line*).

O enunciado é construído por palavras carregadas de sentido e que remetem à dor, ao sofrimento e, mesmo que emergjam significados particulares com entendimentos individuais, existe uma convenção acerca do significado dessas palavras, como “coleira grossa”, que fazem esse discurso compreensível e único para este momento, mas eternizado pela conjuntura do contexto em que as palavras foram escolhidas para retratar o momento. O enunciado apresenta-se, nessas condições, como uma metáfora da oralidade codificada por escrito, torna-se com isso uma unidade mínima de sentido que pode ser respondida no processo da comunicação dialógica.

Dessa forma, os enunciados criados na formação do texto podem ser individuais, mas recorrem a gêneros construídos, a partir de práticas sociais consolidadas no grupo de convívio

social, que sofrem alterações durante o tempo e, por isso, se tornam ricas e de grande variação, à medida que acompanham a evolução dos sujeitos e sua interação no convívio social. Os gêneros do discurso variam entre os simples diálogos realizados em situações informais até escritos científicos ou literários, textos tanto orais como escritos.

Bakhtin (2006, p. 34) explica como acontece o processo de tomada de consciência, que até mesmo individual, é ideológica:

O sujeito descentralizado, interativo, forma a sua consciência pela cadeia ideológica. Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, no processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente [...], somente no processo de interação social.

Nessa direção, as posições de Fairclough complementam os estudos de Bakhtin, pois, para esse teórico, as relações estabelecidas pela linguagem resultam da conexão entre língua e poder no ato discursivo, afirmando que toda atividade linguística é um discurso, uma prática social em que se constroem relações, de acordo com os interesses dos seus locutores.

Essa prática constitui a base da construção e da negociação do conhecimento. Os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso, nas mais diversas circunstâncias, como uma forma de troca, de participação social. E isso demonstra a criatividade discursiva, na concepção faircloughiana, resultados da relação de discursos que se transformam ou se mantêm, conforme seus contextos.

Bakhtin (2010, p. 15) enfatiza que “a comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder”. Com isso conduz para a discussão de que o locutor usa dos mais variados recursos linguísticos, para construir seu discurso e persuadir seu ouvinte, de acordo com seus interesses particulares.

Cada discurso estabelecido com a sociedade, cada texto ou enunciado produzido, está marcado por uma ideologia, por meio da qual o falante tenta persuadir o outro e modificar ou, ainda, reforçar o pensamento do leitor ou receptor, mesmo que seja de forma involuntária. Para Fairclough (2001, p. 93), “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas orientando-se para eles.”

Considera-se importante uma breve diferenciação entre texto e discurso, Fiorin (2012, p. 148), um dos autores que clarificam essas duas terminologias, aponta que “[..] o discurso é

do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. [...] o texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é por implicação, anterior a ele”. O autor complementa que o discurso é da ordem da imanência, e o texto é da ordem de domínio da manifestação e, com isso, é por meio do discurso que se conhece quem é o sujeito e qual seu pensamento, sua visão de mundo.

Fairclough (2001, p. 91) enuncia que “o discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e constituído o mundo em significado”. O sujeito significa o mundo, a partir das relações que estabelece com ele, isso se dá nas relações sociais, de trabalho, de família. A maneira como o discurso é apresentado para o sujeito fará com que este seja o conhecimento de mundo dele, além do mais, cada sujeito tem um entendimento variado sobre o conhecer, já que cada um faz suas representações particulares.

O autor enfatiza que o discurso se torna uma prática social de reprodução e, ao mesmo tempo, de transformação de realidades sociais e de sujeito. Já o discurso ideológico é capaz de moldar e transformar práticas discursivas que compõem a sociedade. Por isso é dialético, é capaz de enfatizar as formações discursivas ou ressignificá-las, sendo moldador e moldado pela sociedade. Segundo Fairclough (2001, p. 100):

[...] ao produzirem seu mundo as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente por estruturas, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos.

O discurso, quando se apresenta no texto, tanto escrito quanto oral, constitui e ajuda a constituir identidades sociais, relações sociais e os sistemas de crenças. Conhecimentos de mundo que interferem na vida social dos sujeitos, por isso não pode ser considerado apenas um sistema de signos a ser decodificado individualmente como reflexo de variáveis situacionais.

Exemplifica-se esta discussão sobre o poder do ato de discursar com esta passagem do conto machadiano: “Cândido Neves, em família, Candinho, é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava [*sic*] emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo” (ASSIS, 2009, *on-line*).

Nesta passagem, o autor descreve o personagem utilizando-se de características, como: “pessoa a quem se liga a história de uma fuga”, “cedeu à pobreza,” “não agüentava [*sic*] emprego nem ofício”. Esse ato discursivo construído pelo autor apresenta um personagem que

não tinha características de um homem “comum” de sua época, de um cidadão que não correspondia com os padrões estabelecidos pela sociedade e com isso não poderia ser um bom pai.

Nessa conjectura, a “[...] prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa, contribui para reproduzir a sociedade, [...] mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). No trecho acima, do conto, o autor busca palavras de ordem excepcionalmente masculinas para retratar o feminino, a fim de construir uma opinião no seu leitor, resgatando aspectos ideológicos que perpassam os discursos e que formam opiniões com base em um código linguístico preestabelecido carregado de sentido.

São essas práticas sociais discursivas proporcionadas pela linguagem que constituem as bases de construção e de negociação de formas de conhecer e de se relacionar. Os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso, nas mais diversas circunstâncias, como uma forma de troca de participação social em todas as esferas em que a comunicação está presente e se mostra necessária para a sobrevivência de uma determinada comunidade.

Pensar a sociedade sem os atributos da linguagem e suas variáveis seria o mesmo que não pensar no ser humano e sim em animais sem nenhuma relação entre si, pois todas as manifestações expressam-se pela linguagem e, se o ser humano é social, vive em sociedades organizadas, logo a linguagem é uma prática social.

Assim como a linguagem permanece viva ao longo dos anos, ela também se modifica e se adapta a constantes transformações junto à sociedade. As mudanças tecnológicas oriundas das últimas décadas modificaram as formas de utilização da linguagem e seus métodos de comunicação, interferindo diretamente no cotidiano das pessoas.

Bakhtin (2006) destaca que a vida também é dialógica, viver é estar em constante diálogo consigo e com os outros, com padrões, opiniões e situações que emanam da inter-relação verbal que a vida social exige; é vivenciar os avanços tecnológicos e as modificações de linguagem condicionadas e este movimento significa dialogar com a linguagem expressa na e pela coletividade. Coletividade, num sentido amplo, com discursos que se globalizam mediante o uso da internet e que podem estar ao alcance de todos.

Nesse contexto, a linguagem hipertextual configura uma nova realidade nas escolas, ela permite novos acessos, novas relações, tanto na leitura como escrita, que emerge de um novo aluno, o virtual, conectado em rede. O recurso do hipertexto pode oferecer uma aprendizagem diferenciada, sem deixar de lado questões de linguagem, as literárias que fundamentam uma vida estudantil. Isso se constituiu em um dos objetivos deste trabalho, o

encontro da literatura com as tecnologias de comunicação, através do hipertexto, sob o viés da linguagem em uma perspectiva de prática social, capaz de formar e modificar opiniões para o exercício da cidadania.

### 3.2 A linguagem hipertextual e suas potencialidades no ambiente escolar

Parte das discussões do ambiente escolar e da sociedade atual recai sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em sala de aula como um recurso fundamental para motivar alunos que não veem interesse em aulas totalmente expositivas. A tarefa do professor, que era de repassar conhecimentos por meio de conteúdos isolados, ficou para trás, no século passado, e não tem mais espaço num ambiente interativo, no qual se encontram os jovens.

Bakhtin, em 1981, nos seus primeiros escritos, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, já afirmava que a língua é uma atividade evolutiva, ininterrupta que toma corpo. Tendo em vista que é recorrida em situações reais de fala, não sendo diferente em um ambiente escolar, em que, por anos, os textos produzidos e atividades realizadas partiam de contextos isolados, várias vezes distantes dos alunos, e por isso os conhecimentos linguísticos ficavam bem aquém do esperado. Bakhtin (2006, p. 92) destaca que:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas [...] num dado contexto concreto.

As situações de fala e escrita devem estar ligadas a um fato social que se constitui de um sentido real para que a língua possa ser efetivamente praticada. Bakhtin (2006, p.95) ressalta que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, por isso os alunos em suas práticas de linguagem precisam encontrar um motivo real, contextualizado, para que possam proferir um discurso. Ainda, de acordo com Bakhtin (2006, p. 95), “É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”.

Nesse sentido, ampliar as práticas pedagógicas, juntamente com o uso das mídias digitais, tornou-se quase uma obrigatoriedade de um profissional que deseja construir com seus alunos uma aprendizagem significativa voltada para o contexto atual. Paralelo a isso, encontra-se esse profissional, que, diante de cada geração que adentra os portões da escola, percebe

modificação de pensamento e nem sempre se sente seguro para intensificar esse trabalho com mídias digitais.

De acordo com Belloni (1999), que realiza discussões importantes sobre a educação, a escola do século XXI vem mostrando significativos avanços na metodologia utilizada em sala de aula. A autora afirma que, mesmo que os professores se sintam despreparados e inseguros, diante do uso das tecnologias, em sua maioria estão incorporando as TICs ao cotidiano escolar, tudo isso movido pela certeza de que “[...] talvez sejamos os mesmos educadores mas os nossos alunos já não são os mesmos (BELLONI, 1999, p. 27).

A todo momento, autores buscam compreender quem é o sujeito que está na escola e apontam que estes fazem parte de um novo paradigma emergente, o da sociedade do conhecimento. Os conceitos envolvidos, nesse processo, abarcam as mudanças dos modos de viver, agir e pensar e o processo de comunicação que a internet realiza e interfere no pensamento humano, na sociedade e que culminam em uma nova cultura. A sociedade está *on-line*, com um novo formato de vida, a contemporânea, todos conectados pela mesma rede.

Bauman (2013) descreve que os sujeitos deste século fazem parte da modernidade líquida, ou seja, uma modernidade que está em constante aceleração e transformação, na qual a fluidez atravessa os sujeitos e modifica a cultura. Diferenciando-se da modernidade sólida, em que os valores, modos de vida e concepções se encontravam permanentes. Os elementos constitutivos de uma cultura estão relacionados com processos e contextos socialmente estruturados e que agora veem, na rede mundial de computadores, uma possibilidade de se manter nos grupos sociais aos quais se identificam.

O mundo tecnológico está presente na escola em sua totalidade, por meio de laboratórios de informática, aparelhos digitais, conexões sem fio, para uso de celulares ou computadores que garantem acesso à rede e podem ser utilizados pelo professor, a fim de que os alunos possam identificar a escola como um espaço interativo, interessante, que produz conhecimentos diante do contexto global em que esta geração da modernidade líquida se insere e que tem outros modos de ver o mundo.

Nessa globalização e acesso à rede mundial de computadores, a busca do hipertexto contribui para momentos de aprendizagem, conhecimento, troca de informações. Recurso que, quando utilizado pelo profissional, pode potencializar o ambiente escolar e o uso das TICs, diante de um novo aparato tecnológico criado em meio à cultura digital e que tem a capacidade de produzir uma forma de comunicação através da linguagem digital<sup>10</sup>, denominada, nesta

---

<sup>10</sup> Xavier (2013, p. 188) pontua quatro formas de linguagem, a verbal (oral ou escrita), visual, sonora e digital. Para ele, “A convergência de suportes de leitura propiciada por tecnologia digital (em especial pelo computador)

pesquisa, de linguagem hipertextual, pelo poder discursivo que apresenta nos grupos sociais.

O hipertexto perpassa todas as atividades de leitura e escrita, no mundo digital. Como assinala Xavier (2013), ao acessar a caixa de correio eletrônico, um jornal on-line, um livro através do *e-book*, páginas de redes sociais, o usuário está acessando um hipertexto, “[...] hipertexto significa, grosso modo, texto ampliado e interligado” (XAVIER, 2013, p. 161). Nestes textos, estão outros que podem ser acessados simultaneamente, por meio de *links* que trazem informações complementares ou novas, sobre a temática pesquisada, mudando somente seu formato ou modelo e, com isso, em uma sociedade em rede, adentra todas as atividades da esfera.

A linguagem digital concretiza uma nova forma de ressignificar momentos de aprendizagem, principalmente por meio dos hipertextos, já que estes modificaram e inovaram espaços na sociedade, seja nas formas de construir, publicar, seja na forma de se apropriar do saber. Por isso para o ambiente escolar, essa prática se torna um meio irrefutável, onde se evidenciam algumas potencialidades no uso dos hipertextos, na sala de aula. Trata-se de um contexto, no qual a educação se encontra desvalorizada e condicionada ao fracasso, se não modificar sua estrutura, enquanto construtora de conhecimentos e formadora de pessoas com caráter crítico frente ao seu mundo. Frente a isso, encontra-se o professor que, muitas vezes, sente-se despreparado para enfrentar o aluno que a cada geração muda.

Dentre as argumentações da preferência pela leitura, no monitor, Xavier (2013, p. 121) ressalta “[...] a possibilidade de mais interação com outros textos na tela, facilidades para grifar e salvar os trechos importantes, comodidade e conforto, menos cansaço”. Isso leva à reflexão de que as práticas sociais de manuseio e uso são responsáveis pela integração de novas atitudes na sociedade, na mesma proporção em que são absorvidas no cotidiano, pois nem todos que leem no monitor, sentem cansaço, desconforto. Ao contrário, alguns acham mais cômodo acessar o texto, onde quiserem com a leitura digital que se leva no *tablet*, *smartphone* ou *notebook*, tornando-a mais significativa e prazerosa.

Ao realizar a leitura em um meio tecnológico, o leitor circula por outras informações que estão nos *links* da leitura, mesmo que seja sem a intenção, ele faz o acesso de outras páginas até chegar à leitura desejada. Xavier (2013) comenta que esse caminho percorrido apresenta uma vantagem de circular por outros sítios virtuais de leitura e voltar para a sua, quando desejar, potencializando a autonomia do hiperleitor em relação ao lido e construindo novas informações, conforme circula por outros espaços virtuais, movimentos que o livro impresso não permite

---

produz uma nova tecnologia enunciativa – o hipertexto –, que por sua vez faz nascer um novo modo de enunciação, o *digital* e sua respectiva *linguagem digital*”.

realizar.

Ler no hipertexto potencializa uma leitura não linear com amplitude de informações que não esgotam na página do livro, mas podem remeter a outros assuntos que contribuem, tanto para o entendimento, como para um conhecimento além do esperado. A leitura não linear permite um conhecimento multifacetado do entorno do assunto, ampliando, assim, as linhas de discussões que, na escola, são fundamentais para a construção de opinião. Além de fomentar a retomada de alunos leitores que, nas últimas décadas, decaí ano após ano, principalmente na escola pública.

Outro potencial refere-se à escrita, prática sociocultural da humanidade recente, se considerar a forma gráfica existente e que se transfigura fortemente para o espaço virtual. Um novo conjunto de textualidades que vão além daquele projetado na folha, que exige estratégias para a construção de uma nova textualidade em que todos podem ter acesso e por isso precisa ser coeso e coerente para que o leitor possa, mesmo que de maneira superficial, compreender a informação.

Na escola, essa prática se volta para as qualidades de como escrever de forma objetiva, clara e coesa. Ao criar ou comentar hipertextos disponibilizados na rede, que poderão ser explorados pelos usuários do mundo todo, o texto precisará ser projetado com outros objetivos que vão além de um professor ou colega leitor, que ultrapassa as paredes da sala de aula, projetando-se para o global. Pensar a escrita é fundamental para que o objetivo da informação venha a ser compreendido, visto que cada leitor elabora sua interpretação sobre o que lê.

Marcuschi (2001, p. 83) afirma que o hipertexto como local de escrita torna-se um espaço “[...] cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto”. Para o autor, não se trata de um deslocamento do texto impresso, mas uma revisão de novas formas de pensar o letramento e as condições de produção social do conhecimento, um novo espaço de textualização. E não perde, em momento algum, em relação às práticas antigas de escrita e reescrita, visto que, o texto produzido assume uma relevância de grande importância, ao passo em que será encaminhado diretamente para a rede mundial de computadores e qualquer usuário poderá acessá-lo.

O espaço de produção hipertextual abrange as mais variadas formas de produção escrita, que perpassam o envio de e-mails, comentários em redes sociais e até mesmo produções científicas, podendo então ser um instrumento em que os silenciados podem contribuir de forma ativa, estabelecendo novas relações entre leitor e escritor, num espaço mesclado pela posição ora do leitor, ora do escritor. Posições que, em tempos antigos, não era permitido acontecer, quem recebia informações estava condicionado a acreditar, sem expor suas opiniões, numa



relação de poucas trocas.

A linguagem enquanto prática social, vivenciada na e pela coletividade, modifica-se constantemente, de acordo com as mudanças que a sociedade vive. A hipertextual configura uma nova forma de comunicação que contribui para o ambiente escolar produzir novas formas de textualizações. E com isso ajudar os alunos a ressignificar práticas tanto de escrita quanto de leitura, trazendo a linguagem para um ambiente real que vai além do caráter normativo, expande-se para os aspectos sociais e culturais inseridos na prática efetiva de comunicação em rede de um ambiente virtual.

No próximo capítulo, discutiu-se a educação na contemporaneidade: um olhar sobre a cultura digital, essa reflexão teórica enfocou o novo contexto digital que emerge da cibercultura e do ciberespaço, assim como, o uso do hipertexto e suas principais características.

## **IV EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: UM OLHAR SOBRE A CULTURA DIGITAL**

Este capítulo teve por objetivo discutir a educação na contemporaneidade pelo olhar da cultura digital. Iniciou-se com uma breve discussão sobre a nova cultura emergente no ciberespaço e os modos de se relacionar. A seguir, a cibercultura e sua influência na vida cotidiana e social e, por fim, apresentou-se o hipertexto digital, sua conceituação e algumas características. Os principais teóricos que fundamentaram este capítulo são Castells (1999), Lévy (1999) e Xavier (2013).

### **4.1 O ciberespaço e a cibercultura**

O uso crescente da comunicação em redes amplifica uma mutação no paradigma do saber. As novas condições de criação coletiva e formas de distribuição ofertadas no ciberespaço criam novas oportunidades de se conhecer, de se manter ou inovar conhecimentos que, a todo momento, chegam e atravessam os discursos sociais. Castells (1999, p. 497) define esse processo de mudança em que se encontra a sociedade em rede ao afirmar que:

Redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.

Em meio às mudanças sociais confusas e incontroladas oriundas do sistema capitalista, da concorrência econômica global e da decadência do modo de produção industrial, estão os indivíduos em busca de uma identidade que os caracterize. Castells (1999) reitera que esse cenário mundial tende a reagrupar os sujeitos em torno de identidades primárias, sejam elas as religiosas, étnicas, territoriais ou nacionais. Ressalta também, que esses grupos se reorganizam com base no que são ou no que acreditam ser.

A tecnologia é um instrumento que tem a capacidade de penetrar em todas as esferas das atividades humanas. A nova sociedade emergente desse processo de transformação é

capitalista e informacional, alicerçada em tempos em que a produtividade e lucratividade impulsionam e modificam a vida e as relações entre as pessoas. Por isso, ganha espaço nos mais variados ambientes, especialmente no trabalho das pessoas.

Dentre os aspectos positivos da sociedade em rede está a capacidade das possíveis transformações das relações de poder. Numa época anterior, marcada pelo embate de contrapoder e dominação, os meios de comunicação e informação ditavam as regras da verdade. Hoje, a característica mudou, o impacto da era digital, os textos sem fronteiras, caracterizam a oportunidade de outras versões para a mesma informação. As mídias de massas não detêm mais o poder absoluto sobre a verdade apresentada aos seus telespectadores. Anderson (2006, p. 61) complementa essas colocações ao dizer que:

[...] estamos deixando de ser apenas consumidores passivos para passar a atuar como produtores ativos. [...] O fenômeno se manifesta por toda a parte – a extensão em que os blogs amadores estão disputando a atenção do público com a grande mídia, em que as bandas estão lançando músicas sem selo de gravadora e em que os colegas consumidores dominam as avaliações on-line de produtos e serviços é como se a configuração básica da produção tivesse mudado de “Conquiste o direito de fazê-lo” para “O que o está impedindo de fazer?”

Dessa forma, a sociedade tem em suas mãos o poder de democratizar a informação. Conforme já exposto, a internet nem sempre apresenta conteúdos que levam o sujeito ao esclarecimento. No entanto, a partir dessa ferramenta digital que possui diferentes maneiras de promover o raciocínio, novas possibilidades de se conhecer, compreender e receber diversas informações e, principalmente, novas formas de comunicação que busquem o empoderamento individual ou coletivo e a autonomia para construir opiniões, acredita-se que o cenário mudará.

Na visão de Lévy (1999), não é uma questão de divinização das tecnologias digitais e seu poder de transformação da sociedade, mas, sim, de possíveis relações e encontros com identidades que podem trazer com suas práticas sociais estabelecidas, num mundo moderno líquido globalizado que, por si só, exclui todos os que não seguem seus comandos.

O autor ainda destaca que os elementos constitutivos de uma cultura estão relacionados com processos e contextos socialmente estruturados. É por isso que, diante das novas tecnologias, hoje o sujeito pode compartilhar o seu conjunto de crenças, de significados e valores, socializando a outros grupos e construindo um movimento de culturas. O espaço digital que hoje se faz presente no mundo das comunicações e que promove a miscigenação entre grupos, é conceituado como ciberespaço.

O ciberespaço é um novo meio que surge com a intercomunicação mundial de computadores, realizada pelos sujeitos que utilizam esse ambiente. Abrange o conjunto das técnicas, das práticas e métodos de funcionamento, assim como outros que se exercem no ambiente virtual e que apresentam crescimento diário nas mais variadas partes do mundo. Lévy (1999, p. 11) discorre sobre o crescimento desse ciberespaço, a partir de duas afirmações:

O crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.

Como é possível observar, o ciberespaço está incutido na realidade diária tanto quanto as mídias clássicas. É necessário que se pense sobre essas novas formas de manifestações sociais, visto que são constitutivas de uma cultura emergente, principalmente entre os mais jovens, que se envolvem diretamente com essas práticas.

Dentre as características que chamam atenção dos jovens, está o processo de interação nesse espaço. Os usuários podem explorar, modificar, atualizar informações, simultaneamente, se tornando um espaço real de informação. Essas interações se tornam um vetor para criações coletivas:

Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas (LÉVY, 1999, p. 75).

Nesse sentido, esse ambiente transforma-se em um espaço socialmente produzido, tecido pela evolução dos recursos tecnológicos e pela participação ativa dos envolvidos e resulta num processo de construção social, por meio das interações e apropriações realizadas pelos indivíduos do ambiente virtual.

O ciberespaço é conceituado como uma dimensão da sociedade que se interconecta em rede. Conforme o curso das conexões e criações coletivas, novas formas de relações sociais se estabelecem, sendo que, mesmo virtuais, ecoam e se concretizam para o mundo real, a partir de novas interferências sociais. Por isso, fixam um novo perfil de sociedade, que, no momento em que interage com outros espaços, conhecimentos e movimentos, podem alterar princípios valores e crenças.

Dessarte, com um olhar crítico e vigilante, o ciberespaço deve ser pensado e utilizado por seu potencial virtualizante, no processo educacional, que pode estabelecer uma possibilidade de comunicação ágil, livre e social. Constitui um espaço de práticas sociais, cuja função não é de coibir ou ignorar práticas antigas, mas criar uma dialogia de complementaridade de informações.

Nesse cenário tecnológico, onde as relações se encontram em um novo lugar, no ambiente virtual, emerge uma nova cultura, a cibercultura. Complementando, cabe dizer que a cibercultura se constitui dos modos de relações e processos de comunicação, a partir da ação humana frente aos meios tecnológicos. Engloba, dessa forma, espaços, atitudes, valores que se desenvolvem no meio tecnológico e por isso é considerada como um fenômeno complexo da inteligência coletiva.

Lévy (1999) ressalta que a cibercultura apresenta uma mutação fundamental da própria essência da cultura. Para o autor, essa mutação refere-se ao conceito de cultura universal sem totalidade, sendo que o universal significa a presença virtual da humanidade para si mesma, abriga o aqui e o agora da espécie, sem lugares ou tempo claramente definidos, interconectados em uma linha horizontal ilimitada. Isso quer dizer que quanto mais o ciberespaço se expande, mais universal se torna, menos totalizável o mundo informacional se torna. Como destaca o autor,

A cibercultura dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade [...] o ciberespaço não engendra uma cultura do universal porque de fato está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua idéia [*sic*] implicam de direito o conjunto dos seres humanos (LÉVY, 1999, p. 119).

Com isso, a cibercultura configura-se em um universal indeterminado, diante de cada ponto de rede, essa se multiplica e torna-se produtora ou emissora de novas informações, que, para Lévy (1999), de forma imprevisível, se reorganiza na conectividade global e se dispõe ao alcance de todos em milésimos de segundos. Moldado de acordo com os usuários e seus pensamentos, as informações se mantêm, se desdizem, ou se transformam em novas possibilidades de conhecimento.

A cibercultura está na vida das pessoas, à proporção que as mensagens se espalham, incluindo os próprios usuários, e o ciberespaço assume o ponto de partida desse processo comunicacional. A relação das tecnologias com a cultura consolida-se, porque traçam cruzamentos com implicações sociais e culturais que a tecnologia oferece. Por isso as tecnologias também são produtos da cultura, visto que é, por meio dos seres humanos, que elas

ganham o enorme potencial transformador, são eles que produzem e interpretam suas diversas conexões.

De acordo com Lévy (1999), devido à universalidade e instabilidade, existe uma dificuldade em analisar quais as implicações sociais e culturais que a tecnologia oferece. Cada cidadão de uma comunidade utiliza-se da mesma ferramenta de modo muito particular, e as implicações em âmbito cognitivo, cultural, econômico e social tornam-se particularizadas. Não existe uma desordem no ambiente virtual, mas sim a diversidade do pensamento humano, por isso as tentativas de fechamento no ciberespaço são quase impossíveis, no universal está a humanidade com toda sua pluralidade.

Entender a universalidade requer compreender que a interatividade muda alguns conceitos relacionados aos modos como a informação e o conhecimento chegavam até a população. Na época anterior, as mensagens das mídias de massas reproduziam informações e conhecimentos frente a sujeitos passivos. Com a interatividade, isso mudou, em tempo real é possível debater, comentar e expor as mais diversas opiniões, tornando-se universal, no momento em que são difundidas por toda a humanidade que esteja conectada.

O resultado da interatividade pode levar ao desenvolvimento e emancipação de sujeitos, na proporção em que elas podem conjugar com outras pessoas, inteligências, imaginações, sentimentos, mas não pode garantir que se tenha a formação de uma nova cultura capaz de formar cidadãos mais esclarecidos. Lévy (1999, p. 26), em suas palavras, afirma “[...] acreditar em uma disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões”, visto que nelas podem surgir novas formas de isolamento, como sobrecarga cognitiva de dependência, de dominação ou exploração.

Mas também há que se considerar como uma possibilidade para a atuação com modos de participação coletiva e colaborativa em que os participantes agem de forma emancipatória, constituindo um dos melhores remédios para desestabilização dos sujeitos que atuavam na passividade e receptividade de informações que nem sempre são verdadeiras ou reais e que podem ainda estar sendo usadas para a manutenção de relações de poder e dominação.

E, dessa forma, o papel do ambiente escolar precisa estar de acordo com as transformações que vêm ocorrendo por meio da inclusão das tecnologias na vida social. Os alunos trazem seu conhecimento para a sala da aula, a fim de encontrar na escola um suporte que lhes ajude a compreender e lidar com essas mudanças que hoje se vivenciam. O viés da tecnologia digital aproxima alunos e professores e permitem com maior facilidade dialogar com questões que, sem um professor, talvez os alunos nunca cheguem a refletir.

## 4.2 O uso das tecnologias digitais no contexto escolar

O contexto de interatividade e sociedade da informação, o mundo tecnológico faz-se presente como nunca na escola, modificando condutas e formas de conhecer tanto no que compete ao saber pedagógico como nas relações entre professores/pais/alunos. Aulas expositivas, com alunos passivos e concentrados na voz do professor, não se sustentam por si só, nos bancos escolares. Muitas vezes, o professor disputa a atenção dos alunos com celulares e outras mídias digitais que se mostram mais interessantes para os jovens. Segundo Boaventura e Périsse (1999, p. 84):

Nesse cenário de grandes mudanças, as chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), mais do que qualquer outro fator, têm provocado uma verdadeira metamorfose na nossa maneira de trabalhar e viver. O acesso aos telefones celulares, antenas parabólicas, DVD e, sobretudo, ao espaço cibernético, cada vez mais onipresente, permite, de forma inédita, o livre trânsito instantâneo de informações. As distâncias e os fusos horários, que constituíram grandes barreiras para a comunicação entre pessoas em países diversos, não mais o são. A possibilidade de comunicação praticamente instantânea e a um custo reduzidíssimo tem possibilitado a livre troca de pontos de vista entre pessoas.

No ambiente escolar, as mudanças se tornam ainda mais complexas. Pensar o uso das tecnologias digitais sem sala de aula requer, primeiramente, compreender alguns conceitos sobre as temáticas que envolvem o processo de ensinar e aprender que modificam práticas que vêm sendo trabalhadas há anos por professores. Moran, Masetto e Behrens (2000), em seu livro *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, afirmam que as novas tecnologias chegaram como uma avalanche, atingindo a todos.

Os autores discutem que existem pontos críticos cruciais a serem analisados nesse processo de modernização. É necessário, segundo eles, pensar na educação com qualidade, nas novas concepções de construção e processos de ensino-aprendizagem, assim como o papel do professor e a mediação pedagógica. São conceitos que se modificam mediante avanço das tecnologias, que se reafirmam e que precisam passar por constantes reflexões.

Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 12) trabalham com um conceito fundamental sobre a educação: “educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos”. E por isso é tão importante discutir questões que venham contribuir com a educação dos alunos, pois com esse conceito percebe-se que a educação está além do simples ensinar determinados conteúdos, está para a vida dos alunos.

Dessa forma, cada sujeito que se envolve com processos relacionados à educação tem

responsabilidades como a de contribuir ou modificar suas instituições educacionais, criando conexões com o cotidiano, transformando o ambiente escolar numa comunidade de investigação. Ninguém será melhor preparado para isso que o professor, se este tiver uma boa formação pedagógica, uma formação continuada de qualidade e o desejo de fazer a diferença com seus alunos. Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 17) afirmam que:

É importante termos educadores/pais com um amadurecimento intelectual, emocional, comunicacional e ético, que facilite todo o processo de organizar a aprendizagem. Pessoas abertas, sensíveis, humanas, que valorizem mais a busca que o resultado pronto, o estímulo que a repreensão, o apoio que a crítica, capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e de comunicação.

Sujeitos inovadores do processo de aprendizagem, que possam perceber que os princípios e uso da tecnologia da informação permitem o entendimento de que a informática e todo o aparato tecnológico que, hoje está ao alcance de quase todas as pessoas, pode ser um instrumento aliado perfeitamente com os projetos de aprendizagem e com práticas pedagógicas bem-sucedidas.

Para tanto, é necessário haver uma utilização adequada desses recursos informatizados, a fim de que o uso desses aparelhos não se torne um espaço único para recreação, mas sim, um momento para promoção da aprendizagem. Para Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 103), “a inovação não está restrita ao uso da tecnologia, mas também à maneira como o professor vai se apropriar desses recursos para criar projetos metodológicos que superem a *reprodução* do conhecimento e levem à *produção* do conhecimento”.

Outro conceito-chave discutido pelo autor, na busca por uma educação de qualidade em meio às tecnologias digitais, é compreender a forma de conhecer. Segundo Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 25), “o conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação” Por isso, é na interação entre professor e aluno, que estes constroem juntos o saber, motivados pelo processo comunicacional que vai além do falar, que busca o saber intervir, informar, questionar e ser comprometido com a aprendizagem. É o conhecer que permite ultrapassar estágios, aprofundar assuntos e criar uma nova visão de mundo com sabedoria sobre o eu, a comunidade e o global.

Considerando sempre que o conhecimento que envolve os alunos não pode estar desvinculado à cultura na qual eles estão inseridos, o conhecimento deve ser baseado nas vivências, na compreensão do seu entorno. “Os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente cultural onde vivemos, dos grupos com os quais nos relacionamos” (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2000, p. 27). Com isso, sem conhecer e



interpretar situações que lhes são bem conhecidas pelo seu aporte cultural e fazer o aluno pensar em questões de outras culturas, de outros modos de viver, é querer que ele faça algo utópico, meramente representativo e sem sentido.

O aprender é um dos fatores que precisam estar bem compreendidos no ambiente escolar, pois isso é o que todos os envolvidos no processo educacional desejam que os alunos aprendam. E muito se discute, se cria, se modifica, para que, cada vez mais, os alunos avancem. Porém o aprender passa pelo interesse do aluno, que deve desejar, necessita estar motivado e que tenha interesse pelo que faz em sala de aula. Grande parte das vezes, esse trabalho volta-se para as questões sociais e o contexto que ele está inserido, nem sempre o estudo está em primeiro lugar na vida deles. Conforme os apontamentos de Moran (2000, p. 28), “aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente.” Cada aluno é único, individual e busca ser reconhecido como um sujeito que pode aprender, o professor deve acreditar nele.

É papel do docente modificar metodologias, organizar novas formas de conhecer e avaliar. Introduzir as tecnologias digitais nas aulas pode contribuir para uma aproximação entre aluno e professor, na tentativa de tornar as aulas mais produtivas, sem receitas prontas ou metodologias perfeitas, mas uma busca constante pela integração e o sucesso. Tudo isso com cautela e cuidado, para que, como afirma Moran (2000), cada docente encontre sua maneira de sentir-se bem, comunicar-se bem, ensinar bem. O bem-estar do professor precisa ser considerado e assume toda a diferença na mudança de postura e na preocupação com suas atividades na escola.

Por fim, é importante considerar, mais uma vez, as colocações de Moran (2000, p. 36), que retoma as discussões da educação em âmbito geral e aponta algumas possibilidades que podem ser satisfatórias, no que tange ao processo educacional e sua eficiência:

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.

Diante de tais considerações, percebe-se que o caminho para uma educação de qualidade é um processo contínuo e mutante, visto que os sujeitos que adentram os portões da escola modificam-se pelas práticas diárias da sua cultura. Consoante a essas informações, o trabalho do professor é único em cada turma que assume e exclusivo, na medida em que

conquista seus alunos com práticas que marcam e os fazem se tornarem sujeitos melhores, mais humanizados.

Na continuidade da discussão teórica, apresenta-se o uso do hipertexto digital como instrumento metodológico como possibilidades de leitura e escrita virtual, o qual assume um papel de aproximação educacional entre professor e aluno. Este instrumento explorado logo mais na pesquisa e que perpassou pelas atividades foi usado em sua forma de leitura digital, para que o objetivo que consiste em analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural, pudesse ser alcançado.

### 4.3 O hipertexto e sua exploração no mundo digital

Nesse processo de modificação de conduta social pelo advento das tecnologias, o uso recorrente aos hipertextos se tornou comum e necessário para a efetiva comunicação. Por isso essa etapa do trabalho consistiu em conceituar o hipertexto e suas potencialidades de exploração no ambiente digital para, posteriormente, utilizá-lo na sala de aula durante as oficinas pedagógicas.

O termo hipertexto vem sendo estudado por vários autores, há décadas, cada um designa uma série de fatores para sua conceituação, de acordo com suas produções e experimentos. Para a pesquisa, o aporte teórico é realizado pelas ideias de Xavier (2013), professor da Universidade Federal de Pernambuco, que desenvolve importantes estudos e pesquisas sobre a temática e o hipertexto digital com obras de Machado de Assis<sup>11</sup>. Na visão deste autor, o hipertexto é caracterizado como uma tecnologia enunciativa, um modo de produzir linguagem, comunicação que, ao lado de outras, é capaz de promover conhecimento. Conforme pode ser observado em suas palavras:

O hipertexto deve ser visto como o lócus de processos virtuais que dá vida ao modo de enunciação digital. Este, por seu turno, é uma forma singular de enunciar, isto é, uma maneira própria de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, em uma mesma plataforma enunciativa, os recursos semióticos de natureza linguística e não-linguística [*sic*] –, fato este que o torna distinto da escrita alfabética, ainda que dependente e profundamente nela enraizado (XAVIER, 2013, p. 89).

O hipertexto, na perspectiva de texto ampliado e interligado, apresenta-se como uma nova forma de comunicação, que resgata as características linguísticas, seja pela linguagem

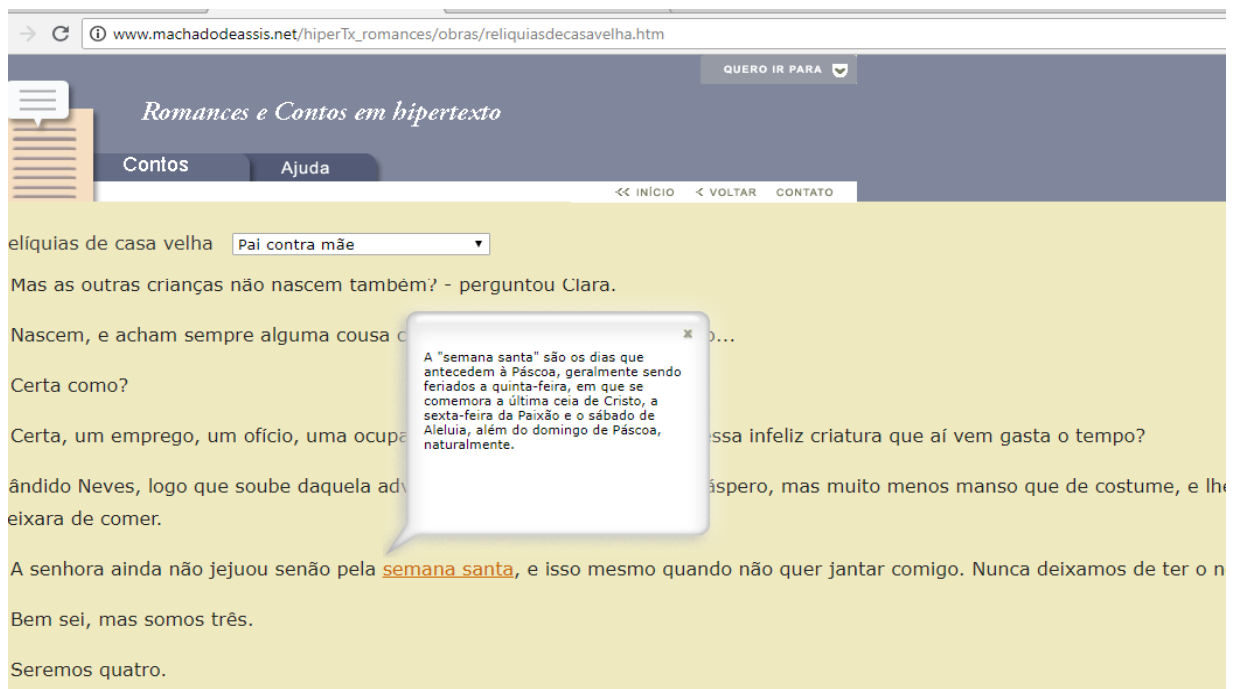
---

<sup>11</sup> Site de domínio público com endereço eletrônico em: [http://machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/index.asp](http://machadodeassis.net/hiperTx_romances/index.asp).

verbal, simbólica, seja sonora, para fins de organização de dados ou um modo de pensar. No entanto, diferencia-se pela possibilidade de ampliação para outros conhecimentos que o mundo digital pode oferecer. Destacam-se, agora, algumas caracterizações propostas por Xavier (2013) para o hipertexto, como: a imaterialidade, ubiquidade, convergência de linguagens, não linearidade e intertextualidade infinita.

Para falar da imaterialidade de um hipertexto, é preciso voltar-se para a contradição, para o material. O texto que, por muito tempo, apresentou-se fisicamente por meio da celulose, impressos ou manuscritos com um emaranhado de letras que se tornam palavras significativas que produzem sentido em um determinado grupo, agora se apresenta na imaterialidade, como exemplo um *e-book*, um texto nunca impresso, que pode ser copiado, recortado, removido para outros lugares. Pode conter imagens, sons, *links* que remetem a outros textos e que por ser “hiper”, promover essa interação diferenciada proposta pela imaterialidade do livro. Na imagem a seguir, observa-se que durante a leitura do conto, o leitor pode acessar informações extras, contidas em um *link* explicativo.

Figura 2 – Imaterialidade do hipertexto



Fonte: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm)

Com a expansão da internet na sociedade, o hipertexto, por meio de sua navegabilidade, promove a ubiquidade, que é definida pelo conceito de estar presente em toda

a parte ao mesmo tempo<sup>12</sup>. A ubiquidade ocorre pelo que Xavier (2013) chama de estar *on-line*, disponível para o acesso em todos os ambientes virtuais, por várias pessoas simultaneamente, com suas conjunturas textuais propostas. Isso porque, em um texto impresso, não é possível a dinamização presente em um hipertexto e nem mesmo a possibilidade de expansão, como uma publicação na internet. O que acaba, por vezes, em se tornar um texto capaz de democratizar a informação, com conteúdos importantes para a sociedade e ao alcance de todos, conforme seu acesso à internet. A figura a seguir representa a ubiquidade do hipertexto.

Figura 3 – Ubiquidade do hipertexto



Fonte: <https://pixabay.com/pt/rede-de-computadores-em-todo-o-mundo-2648526/> – imagem de domínio público.

De acordo com o autor, a convergência de linguagens instaura-se como um diferencial nos hipertextos em relação a outros meios de comunicação que se utilizam da linguagem, pela sua forma de textualidade. Neles estão contidos vídeos, imagens, *links* de outros textos que interagem com o leitor num processo multissensorial e permitem o acesso a outras informações, simultaneamente.

---

<sup>12</sup> Conceito pesquisado no dicionário Aurélio. Disponível em: <https://dicionarioaurelio.com/ubiquidade>. Acesso em 20 fev. 2018.

Na escola, as diferentes textualidades encontradas nos hipertextos contribuem para as variadas possibilidades de enunciação, como imagens e vídeos, deixando o texto mais atrativo, com opções para aqueles alunos que aprendem, utilizando-se de recursos variados pelo visual ou auditivo. O hipertexto contribui também com formas integradas de enunciação, já que a sociedade sempre esteve presa às imagens da televisão, ao som do rádio e às letras impressas nos textos de revistas e jornais. Essas questões podem ser observadas na imagem, a seguir, no *link* “quero ir para”, espaço que o leitor tem para acessar informações extras tanto do autor, como dos organizadores do hipertexto.

Figura 4 – Textualidades do hipertexto

www.machadodeassis.net/hiperTx\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm

QUERO IR PARA

Romances e Contos em h

Citações e alusões na ficção de Machado de Assis

Machado de Assis em linha

Romances e Contos em hipertexto

Biografia Links

Bibliografia Equipe

Perguntas frequentes Contato

Relíquias de casa velha Pai contra mãe

Pai contra mãe \*

A [escravidão](#) levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligar deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez e tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriagem e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.

Fonte: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm)

A não linearidade caracteriza-se pela possibilidade do leitor escolher seu percurso de leitura, entrar em contato com a obra visualizando, conforme seu desejo de leitura. Xavier (2013, p. 173-174) disserta que é preciso ter cuidado para não confundir não linearidade com descontinuidade. A deslinearidade ou não linearidade “[...] não significa necessariamente a falta de contiguidade sequencial da materialidade linguística durante a recepção dos discursos” e, sim, uma forma diferenciada de construção de texto que permite outros acessos complementares que se é possível fazer.

Como exemplo, apresenta-se a página inicial do hipertexto e alguns dos seus acessos por meio da imagem a seguir. São espaços interativos que não deixam de lado a necessidade da leitura do livro, mas trazem complementos que contribuem para o leitor compreender melhor a

obra que lê. Dessa forma, o hipertexto se torna uma ferramenta que desafia o leitor na organização e construção da sua leitura, num espaço virtual, semiológico a ser explorado.

Figura 5 – Página inicial do hipertexto

The screenshot shows a web browser window with the URL [www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm). The page title is "Romances e Contos em hipertexto". There are navigation tabs for "Contos" and "Ajuda". A dropdown menu is open over the text "Relíquias de casa velha", listing various options: "Pai contra mãe", "Selecione um conto/capitulo", "Nota desta edição eletrônica", "Advertência", "Pai contra mãe" (highlighted), "Maria Cora - Cap I", "Maria Cora Cap II", "Maria Cora Cap III", "Maria Cora Cap IV", "Maria Cora Cap V", "Maria Cora Cap VI", "Marcha fúnebre", "Um capitão de de voluntários", and "Suje-se gordo!". The main content area displays "RELÍQUIAS DE CASA VELHA" by Machado de Assis, followed by "NOTA DESTA EDIÇÃO ELETRÔNICA". A paragraph of text is partially visible below the menu.

Fonte: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm)

Sugestões de *links* que o hipertexto apresenta para que o leitor possa realizar outras leituras antes do conto em si, como exemplo: a nota eletrônica, os outros contos que fazem parte do livro, entre outros. Espaços estes que se mostram atraentes a cada clique que o usuário faz e que permite abrir uma nova janela a ser descoberta, modificando práticas antigas utilizadas exclusivamente pelo livro, fazendo com que os alunos tenham a possibilidade de ler e aprender num processo dinâmico, de interação, em consonância com as atividades dos dias atuais.

Como última característica relatada do hipertexto na perspectiva do autor é a Intertextualidade Infinita. Para Xavier (2013, p. 177), “a internet é o aporte digital midiático e o espaço virtual que torna mais evidente este fenômeno próprio da linguagem: a intertextualidade”. Esse fenômeno ocorre porque os textos levam a outros de mesmo sentido, para melhor compreensão dos fatos.

Nesse contexto, o hipertexto é, respectivamente, intertextual, Koch (2008) concorda com essa colocação por se tratar de um texto “múltiplo”, cuja realização se dá pela fusão de inúmeros textos que surgem no momento em que os *links* oferecem novas informações

pertencentes ao mesmo campo conceitual. Xavier (2013) ressalta que eles conduzem, no mesmo momento, o hiperleitor a textos, obras e discursos “originais” ou não, se indexados à rede.

É importante salientar que os *links* dispostos nas várias páginas da *Web* apontam para várias informações, Xavier (2013) afirma que pode ocorrer um enovelamento de dados que pode ser sufocante, na medida em que alguns escritos se sobrepõem a outros e acabam trazendo um excedente de informações, que podem confundir o leitor, ou até mesmo levá-lo a tirar conclusões que não sejam as verdadeiras. Para Xavier (2013, p. 179), “[...] caberá ao hiperleitor usar o bom senso para administrar esse excesso clicável de dados e evitar as armadilhas de toda forma de rede, e não seria diferente com o digital”<sup>13</sup>.

Entretanto, é sabido e indiscutível que o uso do hipertexto tem e muito para contribuir na vida de todos os grupos sociais. Utilizar este recurso para o conhecimento pode trazer percepções sensoriais, emocionais e de transformação que a linguagem analógica ou simplesmente textual nunca conseguiria alcançar. E que, principalmente em um ambiente escolar, com alunos oriundos da era da tecnologia da informação, pode ser sim um grande aliado profissional para aulas que, segundo eles, nem sempre são atrativas.

No próximo capítulo, fez-se a discussão da literatura enquanto prática social, elencando alguns conceitos fundamentais sobre essa expressão artística humana, além de discussões sobre o *corpus* literário da pesquisa que é o conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis. No final, foram apresentados os resultados obtidos pela aplicação dos questionários e a análise da pesquisa-ação, realizada através de oficinas pedagógicas em uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental, a partir da exploração de um hipertexto digital.

---

<sup>13</sup> Embora a presente pesquisa não se centre nas limitações da linguagem hipertextual e deste recurso enquanto suporte para conhecimento, é importante destacar que, como decorrência da própria rapidez das informações veiculadas na internet, verifica-se, muitas vezes, a necessidade de maior aprofundamento em textos que fazem uso do hipertexto digital. Bem como, a leitura de alguns textos no papel impresso, para que se possa realizar possíveis sinalizações e assim compreendê-lo melhor (aqueles que, por entre outros motivos, possuem maior dificuldade em ler no ambiente virtual).

## **V UMA PRÁTICA SOCIOCULTURAL NO ENSINO DE LITERATURA A PARTIR DA EXPLORAÇÃO DE UM HIPERTEXTO**

Neste capítulo, fez-se a discussão, em linhas gerais, sobre a literatura enquanto prática sociocultural, com a abordagem de algumas definições e conceituações. Apresentou-se o *corpus* literário da pesquisa, autor e obra selecionada para a análise, bem como a discussão de práticas sociais presentes nela. E, por fim, buscou-se analisar os resultados obtidos na pesquisa-ação, que visou, a partir de uma prática de exploração em hipertexto, discutir questões sociais e culturais do conto *Pai contra mãe* e dos questionários aplicados.

Dessa forma, o capítulo foi organizado em itens para facilitar a discussão estabelecida: a literatura como prática sociocultural – alguns conceitos e definições; o escritor brasileiro Machado de Assis; o conto *Pai contra mãe*; discussão de algumas questões culturais e sociais presentes no conto; o hipertexto e sua exploração em relação ao conto; a vivência da prática sociocultural por meio da pesquisa ação no *corpus* literário; o primeiro questionário: a coleta de informações importantes sobre linguagem, literatura e hipertexto; a pesquisa-ação: o grande momento e o questionário final: a tessitura das últimas reflexões.

### **5.1 A literatura como prática sociocultural – alguns conceitos e definições**

Dentre as diversas definições para a literatura, estão as realizadas por Nicola (1998, p. 08) de que: “literatura é arte literária”, “a literatura obedece a leis inflexíveis: a da herança, a do meio, a do momento”, “literatura é a linguagem carregada de significado. Grande literatura e simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo”. A partir dessas colocações é possível afirmar que para Nicola (1998), a literatura é uma manifestação artística, a linguagem é o material dela, o artista trabalha com a palavra, e em toda obra literária percebe-se uma ideologia, uma postura do artista diante da realidade e das aspirações humanas. Dessa forma, essa arte tem uma função social, ela existe em razão de seus escritores e das suas representações que desejam expressar.

Coutinho (2003) expõe algumas definições sobre essa temática em seu conceito



estético ou poético, afirmando que a literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar, no leitor ou ouvinte, o prazer estético. Com relação a essa definição, Coutinho (2003) ainda ressalta a importante diferenciação entre a arte literária e a história da literatura. A história está relacionada ao momento histórico em que a obra foi produzida, seja num contexto social, político, seja num contexto econômico, enquanto arte literária preocupa-se em encontrar um valor em si mesma, na sua natureza de criação, como movimento puramente artístico, sem objetivos de comunicar ou expressar valores.

Nicola (1998), porém, ressalta que o momento histórico está relacionado sim a algumas obras existentes e períodos literários e que por isso podem contribuir para o entendimento de um determinado período ou época pela qual a sociedade pertencia. Como exemplo, utiliza-se uma passagem do autor, o qual faz algumas relações quanto ao período literário e alguns fatos históricos vivenciados no mundo todo. “[...] o romantismo da evolução burguesa, o realismo do manifesto do partido comunista, os lusíadas da expansão do império português” (NICOLA, 1998, p. 09).

Coutinho (2003) também pontua que existe um conflito antigo em que, de um lado se encontra a história literária histórica e, do outro, tentativas de renovação metodológica, chamada por Nicola (1998) de arte estética e poética. Os métodos antigos evidenciaram, por vários séculos, o entendimento de uma literatura enquanto análise do contexto de criação da obra, constituindo-se em uma disciplina em que relacionava exclusivamente fatos de causa e de condicionamento de criação da obra.

Ao se trabalhar com o ensino literário em sala de aula, é preciso ir além do reconhecimento de períodos literários e estudos de autores. Método exclusivo, que por muito tempo, foi a maneira mais explorada na escola para o trabalho com a literatura. A esse respeito Zilberman e Silva (1985, p. 97) comentam que:

Em vez de patrocinar exclusivamente roteiros de leitura inspirados nesta ou naquela teoria, a prática de leitura escolar centralizar sua reflexão sobre o ato concreto de leitura em curso no espaço da sala de aula e sobre as interpretações que aí ocorrem, a leitura escolar pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras.

O conto escolhido possuía esse caráter de compreensão da sociedade, sua leitura permitiu que os alunos, pudessem além de conhecer uma obra machadiana, por meio dela, vivenciassem questões históricas que estavam refletidas em algumas ações sociais, como

preconceito, entre outros. Essa prática desenvolvida estudou o autor, para que o grupo de pesquisa conseguisse compreender de que período e momento histórico o autor escreveu, como um pano de fundo para a discussão que estava por se estabelecer. Não se restringindo somente a conhecer e “decorar” o período literário e suas principais obras.

Sobre essas últimas colocações, Bunzen e Mendonça (2006, p. 95) afirmam que: “não se deveria trabalhar a leitura literária apenas com a finalidade de realizar tarefas como produção textual, resumos, preenchimento de fichas de leitura.” A orientação para leitura quando definida, deve trazer além da leitura prazerosa, um sentido que o aluno possa compreender questões, que, de acordo com seu nível de conhecimento, sozinho, ele não conseguirá. Ainda segundo Bunzen e Mendonça (2006, p. 85), “é preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentido”.

Com tais colocações, o professor, enquanto sujeito pesquisador e formador de opiniões, cumpre com seu papel social perante seus alunos e comunidade escolar. Discutindo questões que contribuam para a formação social de indivíduos por meio da literatura, para que esta ganhe um espaço de destaque também no Ensino Fundamental, prática pouco explorada nesse contexto, mas prevista na legislação escolar. É preciso ter entendimento que: “[...] talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-esconde, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente” (CANDIDO, 2011, p. 82), por isso, sua tamanha importância nas escolas, nas rodas de conversas, durante períodos de aula.

No resgate sobre o processo histórico da literatura brasileira, é possível afirmar que essa expressão artística surge no país juntamente com o processo de colonização. Os escritos encontrados partem de princípios medievais e tem em José de Anchieta o seu marco inicial com obras de conteúdo religioso e místico. Com caráter inovador, de um povo novo que aqui se constituía. Norteadas pelo princípio da arte, ela tomou forma na voz dos cantores populares que construía uma identidade nas manifestações folclóricas que surgiram, mediante a mescla entre o povo luso e o brasileiro e a *posteriori* pelos poetas que emergiam.

Para Coutinho (2003), mais do que nunca, essas manifestações permitiram definir a literatura como a experiência humana que ela transmite. Segundo o teórico, a literatura aqui produzida é sentimento, visão da realidade por meio de artifícios artísticos que seus autores são capazes de construir, para exprimir a alma só encontrada aqui no Brasil e sua formação histórica de nação. E assim como qualquer movimentação histórica, cada obra apresentou sua periodização que não deve ser restrita ao histórico, deve ser compreendida pela sua própria arte. Para Coutinho (2003, p. 27):

[...] um período é assim uma seção de tempo (dentro do desenvolvimento universal) dominado por um sistema de normas, padrões e convenções literárias, cuja introdução, alastramento, diversificação, integração e desaparecimento podem ser traçados.

É por isso que as obras sofrem uma espécie de aproximação a um período ou outro, em um processo que não é estanque, mas que se desfaz, na medida em que outras manifestações literárias aparecem. No entanto, esta não deve ser a única forma de se trabalhar literatura no espaço escolar, uma vez que se pode recorrer a gêneros literários como alternativa para despertar o próprio interesse do educando.

## 5.2 O escritor brasileiro Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1839 e faleceu em 1908. Brasileiro, atuou nos mais variados espaços das Ciências Humanas, foi jornalista, cronista, poeta, romancista, contista, entre outras atuações. De acordo com o site da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis era filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis.

Ainda conforme o site, Machado de Assis perdeu sua mãe, uma açoriana, com poucos anos de vida. Não teve condições financeiras para frequentar cursos regulares oferecidos na época, visto que em seu tempo a oferta da educação era para poucos, sendo quase impossível para um cidadão sem posses. Nesse contexto, estudou na escola pública e seus conhecimentos adquiridos foram resultado de um grande esforço particular, aos 15 anos, publicou seu primeiro escrito literário, intitulado *À Ilma. Sra. DPJA*.

Seu gosto pela literatura só aumentou com o passar do tempo, entre traduções, poesias, surgiu seu primeiro romance, o livro *Ressurreição* (1872), seu legado de obras transita em quase todos os gêneros literários. Bosi (2017), afirma que o autor perpassou por duas grandes fases em seus escritos, a primeira fase, a romântica, e a segunda a realista.

Na fase romântica suas obras perpassavam pela temática do amor, envolvendo relacionamentos amorosos como exemplo, seu primeiro livro *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Essa fase foi aos poucos passando por uma transformação, seja pelo amadurecimento de seus escritos, seja pelas suas inquietações particulares, até que em 1881 em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o autor apresenta um novo estilo de escrever.

Em uma fase realista, Machado apresenta questões psicológicas que fundamentam

seus personagens. Escreve com um enredo constituído de questões de análise profunda e realista do ser humano, dando enfoque às suas vontades, necessidades, defeitos e qualidades. *Quincas Borba* (1892), *Dom Casmurro* (1900) e *Memorial de Aires* (1908) são alguns destaques. Para além dos romances, destacou-se concomitantemente na escrita de contos como: *Missa do Galo*, *O Espelho*, *O Alienista*, *Pai contra mãe*, entre outros.

O tempo em que o escritor se encontrava era de transição. De um lado, um momento marcado pela luta de um país democrático, livre da escravidão, de outro, uma mudança nos modos de escrever, observado pela passagem do Romantismo para o Realismo. Com tais fatos demarcados na sociedade, Machado conseguiu, com sua literatura, assumir novas posturas com coerência e tolerância, num processo grandioso que até hoje torna suas obras um clássico.

De acordo com Ventura (2008, s/p), ao referenciar o pensamento de Machado destaca que “[...] seu objetivo último era livrar os escritores de seu tempo da obrigação patriótica de serem pitorescos. Somente a partir da incorporação deste sentimento íntimo, pode o artista ser fiel ao seu tempo e ao seu país, mesmo que enfoque assuntos estrangeiros”.

Foi com essa proposição dialética, transicional entre o local e o mundial, a ordem e a desordem, o credo e o incrédulo que suas obras ganharam espaço e representam um modo de ser brasileiro. Machado de Assis pode ser visto como um militante literário que, de forma vagarosa e ao mesmo tempo complexa, apresentou a realidade do momento e fez suas críticas frente aos problemas de sua época, ao apresentar o que pensava ser o papel da literatura para a sociedade.

### **5.3 O conto *Pai contra mãe***

A obra selecionada para a pesquisa encontra-se inserida no período denominado de Realismo, com influência europeia, período de escritos carregados por doutrinas positivistas, deterministas, entre outras manifestações, sendo que, em termos de características, a objetividade tomou conta das produções mundiais e que fascinava o escritor.

O conto *Pai contra mãe* pertence a uma coletânea, incluindo um soneto, publicados no livro *Relíquias da Casa Velha* em 1906, o conto encontra-se no Anexo A. Segundo suas próprias palavras, este se compara com um dono de uma casa que resolve “faxinar”, expondo então suas relíquias para que outros possam ver. Essa explicação encontra-se transcrita na página do hipertexto, conforme a colocação abaixo:

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha (ASSIS, 2018, s/p).

Nesse contexto, o conto *Pai contra mãe*, apresenta uma narrativa que conta a história de Cândido Neves, um homem que, por não se adaptar a nenhum trabalho, se torna um caçador de escravos fugitivos, um capitão do mato e que se vê diante de uma situação bastante complicada, ao ver seu filho nascer e não ter condições financeiras de sustentá-lo.

Este subitem traz a síntese do enredo, Cândido Neves apaixona-se por Clara, a moça vivia com sua tia, Mônica, a quem ajudava na profissão de costureira, que sempre se declarou contrária à união que pretendiam Clara e Cândido. Isso porque o casal não teria condições de sustentar uma possível família que viessem a constituir, além do mais, havia muitos outros caçadores de escravos, o que, de certo modo, preocupava Mônica quanto ao faturamento monetário nessa profissão.

Cândido e Clara, na euforia da paixão, resolveram ter um filho. A gravidez de Clara avançava e sua tia, preocupada com o sustento de mais um integrante da família, sugeriu que eles entregassem a criança à Roda dos Enjeitados, instituição bem comum na época, que acolhia filhos indesejados, ou aqueles cujos pais não possuíam condições de criar.

Nesse cenário, o casal sempre se opôs a essa decisão, ao mesmo tempo em que as dificuldades iam aumentando e o trabalho de Neves diminuindo. O aluguel da casa estava atrasado, quase não tinham como se alimentar. Mônica convenceu-os de que o melhor seria doar o filho, para que outros adotassem. Com o nascimento da criança, que era um menino, com um enorme sentimento de tristeza por abandonar seu filho tão amado, Cândido se dirigiu à instituição, a fim de deixar o menino.

Eis que, no caminho, deparou-se com Arminda, uma mulata que ele procurava há tempos e a captura e a entrega para seu dono lhe traria a recompensa de cem mil-réis, montante na época, suficiente para sustentá-lo por um bom tempo. Rapidamente, deixou a criança (o filho) em uma farmácia e se iniciou uma perseguição contra a mulata.

Como para este ofício Neves era muito ágil, logo a alcançou, amarrou, levando-a consigo. No caminho, a mulata revelou que estava grávida e que temia perder seu filho, mediante os castigos corporais a que seria submetida em razão de sua fuga. Entre salvar seu filho e o da mulata, Neves não mediu esforços, e a entregou para seu dono. Esse momento desencadeou a luta que dá origem ao título do conto, um pai contra uma mãe. Diante da

recompensa, Neves não precisou entregar seu filho à Roda dos Enjeitados e voltou para casa com seu menino nos braços.

### **5.3.1 Discussão de algumas questões culturais e sociais presentes no conto**

De um modo geral, Machado de Assis, ao escrever o conto, quis alertar seus leitores sobre algumas condições sociais cotidianas que marcavam a época, que fazem refletir sobre algumas atitudes do comportamento humano que se mostram importantes até os dias atuais. No enredo, encontram-se relatos de questões como o meio urbano da época, quando o autor relata as péssimas condições de vida das pessoas que não tinham posses. No meio rural, momento em que narrou práticas realizadas com escravos que, com a assinatura da Lei Áurea, ainda eram vistos como mercadoria pertencente aos seus donos. Pelo viés psicológico, o autor aborda questões polêmicas como as atitudes possíveis de um pai que luta para poder estar com seu filho e principalmente o preconceito da sociedade.

Nos primeiros parágrafos do conto, o autor expõe algumas informações importantes sobre o regime escravocrata, apresentando características específicas de quem era escravo e que passava por maus tratos. Como um primeiro exemplo, a máscara de ferro, que impedia que os escravos se alimentassem, conforme a descrição realizada: "(a máscara de folha-de-flandres) tinha só três buracos, dous [*sic*] para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado" (ASSIS, 2009, *on-line*).

Descrições torturantes que os escravos da época sofriam naturalmente e hoje, consideradas por muitos jovens como algo longínquo, difícil de acreditar. Mas que são verídicas e carregadas ainda sob a forma de preconceitos. Por isso, a importância para além da leitura prazerosa que a literatura pode oferecer, a de conhecer e compreender fatos históricos, que marcaram a sociedade, que não podem ser esquecidos, ou tratados como momentos de pouca visibilidade.

É com essa perspectiva que a literatura cumpre a sua função formadora e, como afirma Candido (2002), ela tem o poder de atuar na formação do indivíduo, moldando as suas características. Nesse sentido, a literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder e que precisa estar em constante discussão, na formação de seres humanos. Não é por acaso que se tem, ainda, a situação do preconceito aos negros e a desvalorização da mulher que ainda luta por igualdade, pelos mesmos direitos e que a sociedade afirma, como um todo, que essas atitudes não ocorrem mais, mas que, de acordo com pesquisas se apresentam enraizadas e

naturalizadas, nas diferentes esferas sociais.

Reportando-se, novamente, para as passagens sobre o período da escravidão, apresenta-se a seguinte frase extraída do conto: “havia alguém em casa que servia de padrinho, e o dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói” (ASSIS, 2009, *on-line*). Em tom irônico, como Machado tinha gosto em fazer suas reflexões, ele tenta mostrar que as desculpas para a busca de escravos fujões não era porque os senhores se sentiam donos de seus escravos, era pelo sentimento de propriedade. Clareando dessa forma, a ideia de que a escravidão foi um comércio que envolvia dinheiro e propriedade, diante daqueles seres humanos, por isso a necessidade de se ter leis que garantissem o direito de propriedade desses escravos.

O que não ocorreu com a aprovação da Lei Áurea, a qual libertou os escravos, mas deixou espaços para que os senhores continuassem com seus escravos, visto que, para onde iriam essas pessoas? Como iriam sobreviver? Segundo Fernandes & Bastide (1971, p. 62), a falta de amparo diante da libertação dos escravos, gerou um problema social que permanece até hoje e que caracteriza os lugares inferiores ocupados pelos negros, a “[...] lenta reabsorção do elemento negro no sistema de trabalho, a partir das ocupações mais humildes e mal remuneradas”, pois foi o que lhes restou, depois de sua absolvição, o trabalho braçal, ou o retorno para os engenhos.

Um segundo elemento social a ser extraído do conto é a questão socioeconômica de quem não tinha grandes posses na época. Ao relatar algumas características do personagem Cândido Neves, o autor realiza algumas considerações; “[...] a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem” (ASSIS, 2009, *on-line*).

Demonstrando que o desejo pelo trabalho e a sua capacidade para isso traziam para esse homem, além da necessidade econômica, uma dignidade de ser humano trabalhador, mesmo que o ofício não seja o ideal no olhar da sociedade. Sem julgamentos Machado propõe pensar os vários tipos de trabalho, que nem sempre são os reconhecidos como desejáveis, mas que se mostram necessário, frente à urgência de cada um, como a de Neves, ao se tornar capitão do mato. Para Muniz (1996, p. 26):

Numa sociedade escravagista, como a brasileira do século XIX, o caçador de escravos era um ser socialmente necessário para a manutenção da ordem – leia-se propriedade – mas, ao mesmo tempo, tal atividade era desempenhada por homens não "ajustados" socialmente: ou muito pobre ou inapto ou servil.

Dentre as questões sociais exploradas pelo conto, também está o compromisso assumido com sua amada e a preocupação daquele homem, que não dava certo em trabalho algum, de assumir suas responsabilidades com seu filho que está para nascer, diante da situação do trabalhador no século XIX. Aquele que estava livre, mas não tinha para onde ir, assim como os escravos, homens livres, mas ao mesmo tempo, privados de tudo. Reflexões como esta buscavam mostrar para onde a sociedade estava indo a partir do momento em que estavam livres, mas não tinham garantia de trabalho, moradia e dignidade.

Para Muniz (1996) entre a necessidade material, a falta de especialização profissional por parte dos mais pobres, e a ausência de uma política trabalhista transformavam o trabalhador livre em um estado semelhante ao do negro escravo, pois embora tivesse garantida a liberdade, aquele não tinha a certeza do pão diário. Um cenário que não se distancia dos padrões mercantis da atualidade, cada vez mais, a disputa pelas vagas de emprego não condizem com uma estabilidade na vida de quem é mais pobre.

Como uma terceira ramificação de análise social, está a relação do que um pai é capaz de fazer para salvar seu filho. Ao explorar a forma de como o ser humano lida com as decisões que toma, neste caso, a atitude de Cândido, após ele ver as consequências de sua escolha ao entregar a mulata ao seu dono, o escritor traz à tona uma reflexão importante a realizar: poderá o ser humano, ultrapassar a tudo e a todos para defender suas questões pessoais? Principalmente quando se trata de outro ser humano, negro, escravo que vive em condições desumanas.

Cândido escolheu entre o seu filho ou o da mulata que capturou, que tomou todas as atitudes, sem pensar na mulata, porque achava que ela não tinha o mesmo direito que ele. E assim vislumbra-se uma narrativa que permite uma análise do comportamento humano a de que: para salvar uma criança, Cândido permite a morte de outro. Bosi (1982) aponta dois níveis de análise para essa luta: o primeiro natural, o de um pai e uma mãe lutando por seu filho, e outro com viés social, uma escrava buscando a liberdade e um caçador de negros à procura de sua caça e recompensa. E desse ponto emergindo uma outra leitura, a vontade de existir, mesmo que seja através de um descendente. Com um final instigante, Machado termina seu enredo com a seguinte frase: “nem todas as crianças vingam”.



## 5.4 O hipertexto e sua exploração em relação ao conto

A página inicial do site disponibilizado em hipertextos apresenta as obras com seus respectivos *links* e que busca fazer com que o leitor desfrute dos maiores conhecimentos possíveis sobre as obras machadianas. De acordo com Marta de Senna, a organizadora do projeto, por meio do texto inicial, faz as seguintes considerações sobre a página em hipertexto:

Nessa edição, preparada com o cuidado necessário para torná-la fidedigna, o leitor poderá não apenas desfrutar o romance ou o conto em si, mas também achar, nas notas em forma de *links*, explicações sobre todas as citações e alusões do texto: tanto as de natureza simbólica (autores, obras de arte, personagens, fatos históricos referidos por Machado de Assis), como as menções a lugares e instituições não-ficcionais (bairros e ruas da cidade do Rio de Janeiro, lojas, teatros, cafés que as personagens machadianas frequentam).

Observa-se com isso, que a página desenvolvida foi elaborada a partir de um projeto de pesquisa e que, para cada gênero das obras: romance, contos, entre outros, tem seus bolsistas responsáveis pela transcrição, desenvolvimento dos *links* explicativos e manutenção do *site*. Essas informações podem ser observadas conforme a imagem abaixo:

Figura 6 – Página do hipertexto com seus responsáveis

The image shows a screenshot of a web browser displaying the 'Equipe' (Team) page of the website machadodeassis.net. The page is organized into several sections, each detailing the roles and names of the team members involved in the project.

**Equipe**

Assistentes editoriais  
Marcelo da Rocha Lima Diego e Victor Doblaz Heringer

■ **Portal *www.machadodeassis.net***

concepção e pesquisa Marta de Senna  
programação e construção do site Eduardo Pinheiro da Costa  
webdesign Cristina Verdade

■ **Citações e alusões na ficção de Machado de Assis**

Pesquisa no banco de dados  
coordenação Marta de Senna  
bolsistas de iniciação científica  
Alice de Oliveira Ewbank, Aloysio Carrilho dos Santos, Karen Nascimento de Souza, Marcelo da Rocha Lima Diego e Monique Lopes Inocêncio

■ **Machado de Assis em linha**

Artigos sobre a obra de Machado de Assis  
editores  
Marta de Senna

■ **Romances em hipertexto**

Romances e Contos de Machado de Assis como hipertexto  
Coordenação Marta de Senna  
bolsistas  
Ana Maria Vasconcelos Martins de Castro, Camila Abreu, Karen Nascimento de Souza, Laíza Verçosa, Marcelo da Rocha Lima Diego, Mariana Barros e Victor Doblaz Heringer

CITAÇÕES E ALUSÕES NA FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS: PESQUISA | AJUDA  
ROMANCES E CONTOS EM HIPERTEXTO | ROMANCES DISPONÍVEIS | CONTOS DISPONÍVEIS | AJUDA  
BIOGRAFIA | BIBLIOGRAFIA | PERGUNTAS FREQUENTES | LINKS | EQUIPE | CONTATO  
INÍCIO

www.machadodeassis.net  
Base de dados de citações e alusões nos romances e contos de Machado de Assis  
Romances e contos de Machado de Assis com hiperlinks para as referências

© 2007-2009

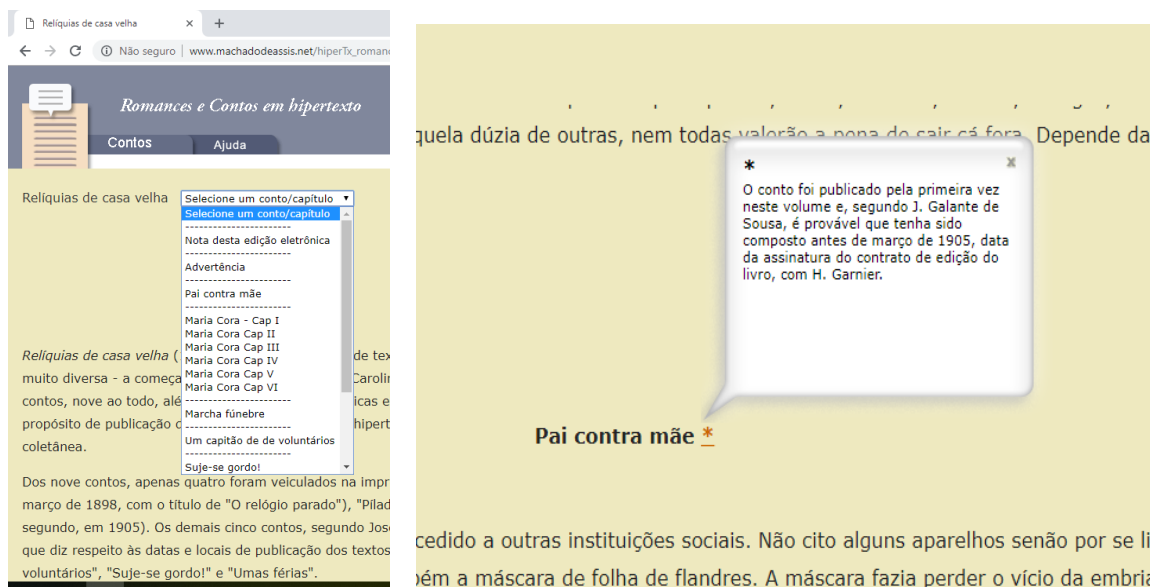
CNPq  
FAPERJ  
FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa  
INSTITUTO DE CULTURA

Fonte: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm)

Realizadas as apresentações iniciais, o leitor escolhe sua obra, clicando no *link* com seu nome. Em seguida, o texto escolhido já está disponível para leitura em sua íntegra. Logo no início do texto, apresenta-se a nota eletrônica com informações sobre a obra original, ano de publicação, entre outras informações importantes para a introdução. No canto superior está disponível uma janela que uma vez clicada, apresenta os contos separados para a escolha do leitor, caso queira ler o livro na íntegra é só permanecer na página e rolar o cursor para baixo.

Se o desejo é direcionar-se imediatamente para a leitura do conto basta selecioná-lo. Logo no título do conto está inserido no final, um sinal, identificado com asterisco. Ao clicá-lo encontram-se as primeiras informações, que se referem à bibliografia original. Sinalizando o primeiro diferencial expoente da leitura em hipertextos, a não linearidade, pois em textos convencionais essas informações para serem adquiridas devem ser pesquisadas em outro lugar, caso estejam presentes no livro ou ao realizar uma outra pesquisa. As imagens a seguir ilustram esses momentos:

Figura 7 – Informações no hipertexto

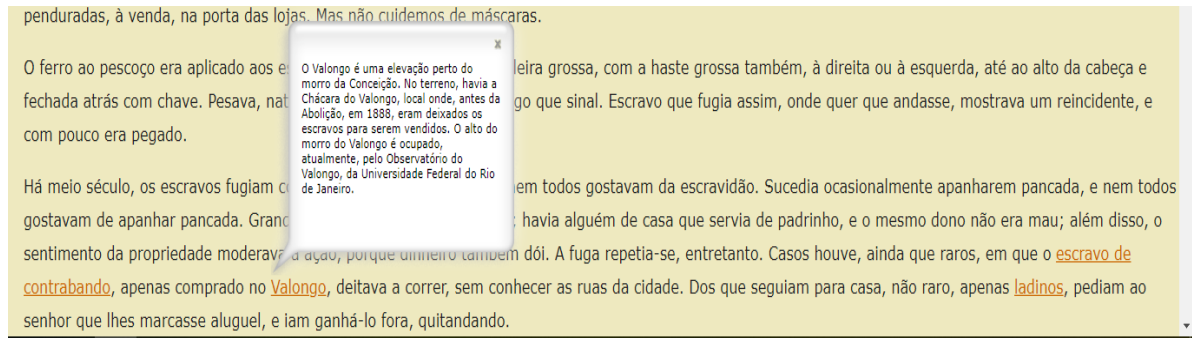


Fonte: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm)

O aspecto visual do hipertexto é bem atrativo, o texto apresenta-se com um bom espaçamento, a fonte utilizada na digitação está em um tamanho adequado. Sempre que a palavra oferecer dúvidas ou significado complexo, ela está grifada em vermelho e é só clicá-la que aparecerá uma nota explicativa sobre o assunto. Com isso, foi possível verificar claramente algumas das características anteriormente descritas por Xavier (2013), quando caracteriza o

hipertexto pela imaterialidade proposta no mundo virtual, a ubiquidade oferecida pelo fato de estar *on-line*, as textualidades possíveis e a intertextualidade, na medida em que os escritos extras, exploram outros textos já dotados de significado de possível compreensão. A imagem abaixo ajuda na ilustração da discussão:

Figura 8 – O conto em hipertexto



Fonte: [http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm)

Mediante esses aparatos, tecnológicos e de suporte para leitura, acreditou-se que o leitor dispõe de um subsídio maior na hora de realizar a leitura e, com isso, compreender alguns aspectos importantes que a literatura tem para contribuir, seja pelos momentos de leitura, de informação ou de construção de pensamento. Assim, apresenta-se num formato remodelado, no ambiente virtual, para que todos possam ter acesso e tenham a oportunidade de construir conhecimentos.

### 5.5 A vivência da prática sociocultural por meio da pesquisa ação na obra *Pai contra mãe*

Nesse momento, buscou-se analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de Literatura em uma perspectiva sociocultural, em uma turma do sétimo ano de uma escola de Ensino Fundamental no município de Ijuí – RS. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo, tendo por base a pesquisa-ação. Inicialmente foi realizada a coleta de dados, por meio de um questionário semiestruturado. Logo após, ocorreu a pesquisa-ação com a realização de cinco oficinas pedagógicas e por último, a análise de outro questionário semiestruturado. Destaca-se que a proposta da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

A pesquisa com intervenção social, a partir da pesquisa-ação, pode ser compreendida como uma *práxis* de conhecimento, com ações que se voltam para a constante reflexão e mudança de pensamento. Thiollent (2004, p. 18) faz a caracterização da pesquisa-ação, a partir da prática e aponta algumas considerações:

- a) [...] ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; [...]
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nessa situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos em esclarecer os problemas da situação observada;
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- f) a pesquisa-ação não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo). Pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento, ou o “nível de consciência”, das pessoas e dos grupos considerados.

Dessa forma, o que caracteriza uma pesquisa como “pesquisa-ação” é a presença e participação ativa na ação a ser desenvolvida por parte das pessoas ou grupos implicados no problema proposto para intervenção. Para o autor acima citado, pesquisadores têm um papel ativo na resolução dos problemas identificados e devem estar atentos a qualquer sinal que possa ser captado nas ações do grupo. Sempre atuante durante o acompanhamento e ocorrência da pesquisa e na avaliação das ações realizadas, para que o objetivo da mudança, da qual origina a ação social, possa ser alcançado.

Para coletar os dados iniciais e tomar conhecimento sobre algumas questões que envolvem a pesquisa-ação e seu desenvolvimento, durante as oficinas pedagógicas, aplicou-se um questionário inicial, para verificar o nível de conhecimento e pensamento dos alunos em relação ao uso das tecnologias digitais, dos hipertextos e da literatura em sala de aula por meio de leituras de obras literárias.

A análise do questionário inicial realizada foi embasada na análise de conteúdo de Bardin (2009), a qual pontua que, essa metodologia consiste em descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, por meio de falas ou de textos e cruzá-los com a teoria que embasa a pesquisa. As questões estão distribuídas em quatro categorias: a) concepções de linguagem para o aluno; b) conhecimento e uso das tecnologias da informação pelos alunos em sala de aula; c) o conhecimento e uso do hipertexto digital em sala de aula; e d) concepções de literatura para o aluno.

### 5.5.1 O primeiro questionário: tecendo informações importantes sobre linguagem, literatura e hipertexto

Para trabalhar a primeira categoria, concepções sobre linguagem para os alunos, foram elaboradas as seguintes questões: Para você, o que é linguagem? Como a linguagem se manifesta no seu dia a dia? E, na sua visão, qual o papel da linguagem na sociedade atual?

Na primeira questão, os alunos foram unânimes em responder que a linguagem é uma forma ou um meio de comunicação com os outros. Um aluno conseguiu refletir um pouco mais ao afirmar que “a linguagem é uma forma de comunicação, mas que todos possam se entender”. Percebeu-se, assim, que os alunos têm conhecimento de que a linguagem é um instrumento de comunicação entre os sujeitos.

A fim de resgatar a teoria discutida, busca-se Fiorin (2012, p. 17), em que afirma que a linguagem é uma atividade simbólica de reunião de palavras onde “[...] ordenam a realidade, categorizam o mundo”, sendo sua principal finalidade, a comunicação. Comunicação que vai além da transmissão de informação e pressupõe relacionamento ou interação entre pares que se efetivam durante as trocas de informações e discussões realizadas no ato da fala.

É o que Bakhtin (2006, p. 125) chama de “[...] fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*”. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua. É na interação verbal, no processo de escolha das enunciações, onde ocorre o fenômeno social da linguagem, em que os sujeitos conseguem estabelecer através de um jogo de palavras constituídas pelo mesmo sentido para os dois falantes, permitindo, assim, que tenha o significado suficiente para estabelecer uma conversa, um diálogo.

Bakhtin (2006, p. 130) ressalta ainda que “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza pela interação verbal social dos locutores”. E, por isso, a linguagem é uma prática social, pois, sem a interação, o sentido dados às palavras, à língua, não teria sentido e a linguagem não se efetivaria como uma forma de comunicação que organiza e estrutura a sociedade à qual se pertence.

A segunda questão: como a linguagem se manifesta nas atividades do seu dia a dia, buscou elencar informações se os alunos conseguiriam exemplificar situações em que a linguagem se manifesta nas atividades diárias. As respostas obtidas foram: para tudo, na escola, no *WhatsApp*, em casa, ao falar, ler, bem como “quando me comunico com as pessoas”. “Todos os dias em todos os lugares: em casa, com os amigos”. Demonstrando o que se havia discutido na outra questão de que o ato da linguagem vai muito além da comunicação, ela se faz presente nas mais variadas atividades do cotidiano.

A terceira questão direcionou o pensamento dos alunos para o poder da linguagem no dia a dia. Interrogados sob o questionamento: Para você, qual o poder da linguagem na sociedade atual? Algumas das respostas obtidas foram: “A linguagem é muito poderosa, ela pode trazer informações verdadeiras, falsas, interferindo na vida das pessoas”. “Nos meios de comunicação ela transmite informações”. A partir das respostas obtidas, percebeu-se que os alunos têm consciência sobre o poder da linguagem e sua atuação no campo social. Compartilham da informação de que esta assume diferentes papéis e que perpassa as atividades dos seres humanos.

Retomam-se os conceitos bakhtinianos em que o teórico afirma que a linguagem permeia as atividades da sociedade e exerce poder em várias esferas comunicacionais, formal ou informal, no simples “bom dia”, até em uma notícia que busca persuadir seu ouvinte. Bakhtin (2010, p. 15) afirma, “a comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder”. São atividades mediadas pela linguagem e que a caracterizam como uma prática permanente na sociedade com diferentes funções.

Na mesma direção, Fairclough (2001) faz a proposição de que, quando se usa o termo discurso para designar “[...] o uso de linguagem como forma de prática social” essa assume seu verdadeiro papel na sociedade. Aliada às mais diversas atividades dos seres humanos, a linguagem se constitui em uma prática social, na medida em que o sujeito se revela na relação que estabelece com o meio, a partir dos discursos que profere e, por isso, conforme o interesse dos interlocutores, a linguagem pode assumir diferentes papéis, inclusive nas relações de poder.

Foram obtidas outras respostas, como a de “informar as pessoas, promover encontros, estudar em sala”, “sem ela ficaria difícil e ruim de se comunicar”. “Sem ela as pessoas viveriam sozinhas como nos tempos das cavernas”. Nessa última, percebe-se a grande importância da linguagem, das palavras como comunicação, ao mesmo tempo em que ela une, organiza a sociedade, ela também modifica. No resgate das palavras de Bakhtin (2010, p. 41), “[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos, da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. [...]”.

A segunda categoria de análise aborda o conhecimento e uso das tecnologias da informação pelos alunos em sala de aula, foram elaboradas quatro questões assim descritas: Você percebe avanço no uso das tecnologias digitais na sala de aula? Os seus professores fazem uso das tecnologias digitais em sala de aula para auxiliar na aprendizagem dos conteúdos, ou

seja, como recurso pedagógico? Você pode citar alguns pontos positivos e negativos desse tipo de tecnologia? Você prefere realizar leituras em livros impressos ou no ambiente virtual, na internet? Por quê?

Dentro das colocações realizadas pelos alunos, na primeira questão, nove alunos responderam que não percebem avanços das tecnologias digitais em sala de aula. Bem como, no segundo questionamento, “não, porque os professores não levam muito no laboratório, ou ter aula com o *datashow*”, “não porque não usamos a tecnologia, vamos muito pouco ao salão usar o *datashow* e não vamos muito ao laboratório de informática”, “a grande maioria dos professores não levam os alunos até o laboratório de informática”.

Dois alunos afirmaram que percebem avanços, porque alguns professores usam o laboratório de informática para pesquisa e os recursos midiáticos em sala de aula, como rádio e celular. Também houve a resposta de que os professores levam os alunos ao laboratório para jogos na internet, principalmente para substituir a ausência de professores em seu horário de aula.

Nestas primeiras colocações, observa-se que a maioria dos alunos não vê o avanço no uso das tecnologias em sala de aula, que os professores usam o computador como um momento de lazer, com utilização de jogos e para substituir colegas, bem como alguns pensam que o único instrumento a que se refere nas tecnologias de informação e comunicação está restrito ao uso do computador e celular.

Percebeu-se que as respostas dos alunos não fogem às pesquisas ou à realidade escolar, descrita por muitos teóricos ao afirmarem que os professores ainda se sentem inseguros com as tecnologias digitais, não disponibilizam e não têm conhecimento suficiente para usar, de forma que venha construir ou agregar informações ao aluno.

Moran (2003, p. 03) é enfático ao falar sobre o uso das tecnologias em sala de aula “as escolas, para se tornarem inovadoras precisam incluir as novas tecnologias e utilizá-las nas atividades pedagógicas e administrativas, garantindo o acesso à informação a toda a comunidade escolar”. O que se encontra é uma tentativa de oferecer as tecnologias para a comunidade escolar, por meio do laboratório de informática, mas a insegurança ainda é um grande entrave entre as atividades pedagógicas com as tecnologias digitais, a fim de que estas se efetivem na prática pedagógica.

Se o professor deseja formar seu aluno crítico, consciente e construtor de seu conhecimento, a escola deve ser um *lócus* privilegiado de desenvolvimento das capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e de sociabilidade das crianças e adolescentes. E quando associadas à utilização das tecnologias digitais, podem potencializar esse processo de

construção do conhecimento e de real exercício de cidadania, pois deixam de ser simplesmente receptores de informações ditadas pelo docente.

Outra importante colocação de Moran (2003) é a necessidade de compreender que a forma como o profissional conduz suas atividades pode estar relacionada com as tecnologias, sem que estas fiquem sempre restritas ao uso do computador, como exemplo, na hora de fazer grupos de estudos, ou até mesmo, utilizar o giz para escrever. Isso também tem validade para toda a comunidade escolar que sempre relaciona a utilização das tecnologias somente ao computador ou ao acesso à internet. Moran (2003, p. 02) faz os seguintes esclarecimentos:

Tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. O giz que escreve na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com os outros, isso também é tecnologia. O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente. O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral.

Com essas colocações, o autor clarifica as ideias de que, ao se falar em tecnologias, nem sempre é preciso recorrer ao computador. E que, além dos meios tecnológicos, utilizar o jornal, revistas, o professor também estará se munindo de outros recursos que saem do tradicional copiar e responder das atividades em sala de aula e podem potencializar aprendizagens.

Diante das respostas obtidas, percebeu-se que, num primeiro momento, é necessário realizar discussões e atividades que façam os alunos se darem conta de que a utilização das tecnologias digitais não está somente na utilização direta do computador. E, sim, que este faz parte de um conjunto de ferramentas que podem auxiliar e transformar uma realidade que por muito tempo estava voltada para o recebimento passivo de informações e passe para um patamar de ação, das mais variadas formas, muito mais pela mudança de atitude do que pelo uso direto da tecnologia.

Para que, posteriormente, tenha condições de compreender o computador como uma ferramenta de aprendizagem que, conectado à internet, pode trazer outras informações, além de perfis sociais e jogos de entretenimento, como estão habituados. A interatividade que a tecnologia propõe tem a ver com colaboração, participação e interesse social, que contribui diretamente na vida das pessoas pelo contexto atual ou histórico.

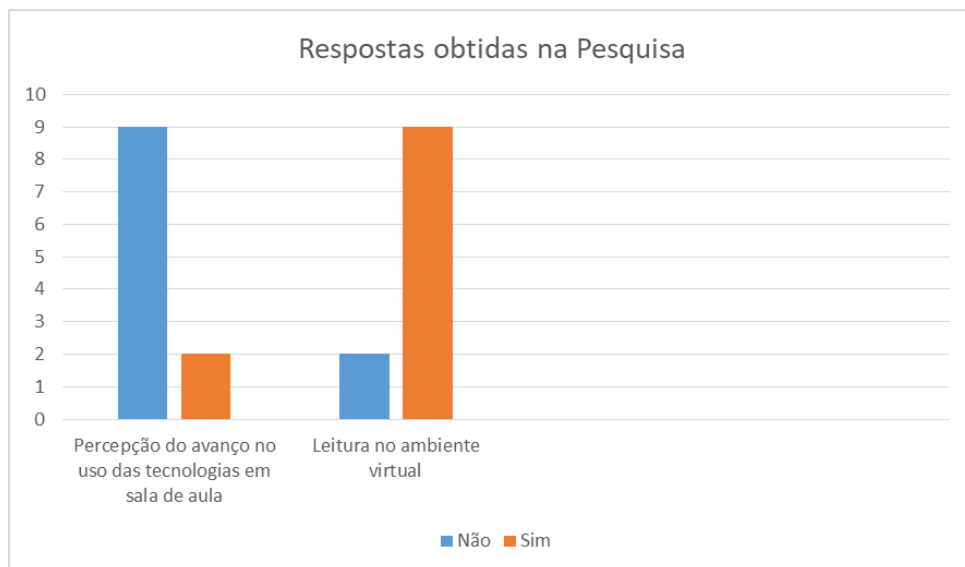
Em relação ao questionamento: Você prefere realizar leitura em livros impressos ou no ambiente virtual? Nove alunos responderam que preferem realizar leitura na internet com



justificativa de que “é mais interessante”, “dá para pesquisar mais sobre o assunto”, “ver imagens”, entre outros. Dois alunos responderam que preferem o livro por acreditarem ser mais real.

Ficou evidente que a maioria dos alunos prefere ler no ambiente virtual, conforme as justificativas descritas anteriormente. Mas, há que se considerar, que uma das justificativas para essa preferência está relacionada ao uso diário das tecnologias digitais, por meio do celular ou do próprio computador, o acesso imediato ao assunto desejado conhecer faz com que a leitura seja dinâmica e atrativa. O gráfico abaixo representa algumas das respostas obtidas nesta categoria:

Figura 9 – Resposta de alguns questionamentos obtidas nesta categoria



Fonte: Gráfico elaborado pela autora da pesquisa.

Para Xavier (2013, p.118), esse novo tipo de aluno, da sociedade do conhecimento “[...] se ergue sobre a imaterialidade aparente dos dados e sob a multiplicidade simultânea de fontes de conhecimentos”. O acesso às mais diversificadas informações é tão habitual que viver sem a rede de dados parece ser o da vivência de séculos atrás, em épocas medievais.

É também por esse motivo, das pessoas que ainda sentem a necessidade de ler no livro impresso, que este se faz bem presente nos hábitos de leitura e que não será desabilitado tão facilmente. Embora muitos autores apresentem em suas discussões a morte do livro, a herança cultural deixada por este formato de escrita e o costume de realizar a leitura em material impresso fará com que o livro permaneça vivo por muito tempo. Xavier (2103, p. 120) afirma que:

Há uma evidente idolatria pelo livro, enquanto objeto palpável e símbolo de cultura e sabedoria. Para alguns, a sensação de ter um livro é, às vezes, mais intensa do que até mesmo o prazer de lê-lo, saboreá-lo página por página. A posse de um artefato material com tanto prestígio cultural transfere automaticamente ao possuidor parte desse prestígio, criando dele uma imagem pública positiva e valorizável.

A terceira questão refere-se aos pontos positivos e negativos das tecnologias digitais em sala de aula. O destaque dos pontos positivos elencados pelos alunos é de que a tecnologia permite “realizar pesquisas para entender mais”, “é bom para estudar, fazer trabalhos e pesquisas”, “ler e ficar informado”. Percebeu-se que os jovens têm conhecimento dos conteúdos *on-line* e das múltiplas capacidades de conhecimento que a internet pode oferecer.

Os pontos negativos atribuídos ao uso das tecnologias recaem sobre os cuidados sobre o uso das redes sociais, a fim de que estas não venham expor a pessoa, como exemplifica um aluno: “cuidado para não se expor muito, não postar fotos que mostram muito seu corpo”. Assim como “tirar a concentração nas atividades, uso de perfis falsos, cuidados para não se expor”, “se distrair com outros assuntos e *sites* e não estudar”.

Os alunos demonstraram na apresentação dos pontos negativos, uma consciência sobre os perigos das exposições nas redes sociais e comentários e suas consequências na rede, assim como o interessante mundo dos *links* e as possibilidades de se desconcentrar e perder o foco no estudo. Para esse assunto, Xavier (2013) sustenta a ideia de que o hipertexto possibilita uma leitura interativa que proporciona outros conhecimentos, no momento em que *links* são acessados, mas também é preciso ter cuidado para não perder o foco, e isso, na escola é um dos papéis do professor enquanto mediador e orientador de estudos.

A terceira categoria enfoca o conhecimento e uso do hipertexto digital em sala de aula. As questões exploraram a visão do pesquisado sobre o uso de hipertextos digitais nas aulas, ficou nítido que os alunos ainda não têm conhecimento sobre o conceito e uso do hipertexto. Algumas das respostas obtidas constituem a seguinte redação: “nunca usamos hipertextos, mas seria bom usarmos para estudar”; “nunca usei hipertextos em sala de aula”; “nunca usei hipertextos, mas seria interessante usar para estudo, eu ia gostar muito.” Cabe salientar que um aluno afirmou “eu já usei na sala de aula quando eu terminei o que tinha que fazer, mas seria interessante usá-lo para pesquisa”, mas sua colocação reafirma que também não possui um bom conhecimento sobre o assunto e que se referiu somente à exploração na rede.

Nessas colocações, observou-se que os alunos ainda não conseguem relacionar que todo acesso a textos escritos (dos mais variados gêneros), imagens ou produções no ambiente virtual não deixam de ser hipertexto, pois, de acordo com uma das definições de hipertexto

escolhida na fundamentação teórica para esta pesquisa, “hipertexto é a tecnologia enunciativa inédita e exclusiva da qual emerge o modo de enunciação digital (XAVIER, 2013, p. 181). Com isso as atividades que se realizam, na rede mundial de computadores, estão sempre relacionadas aos hipertextos.

Diante deste dado coletado, verificou-se a necessidade de preparar uma oficina introdutória sobre tecnologias digitais, como já enunciado na análise das primeiras questões e o que são hipertextos, para que os alunos/atores da pesquisa pudessem compreender o que é um hipertexto e estabelecer finalidades positivas para o uso da internet, como uma fonte para leitura e estudos.

A quarta categoria de análise englobou questões referentes às concepções de literatura para o aluno. Os questionamentos foram os seguintes: Para você, quais são os objetivos do ensino de literatura no Ensino Fundamental? Você gostaria que a disciplina de literatura fizesse parte das disciplinas estudadas no sétimo ano? Por quê? Na sua opinião, que reflexões a literatura permite fazer, de modo que possa contribuir na sua formação enquanto cidadão pertencente a uma sociedade?

Para a primeira questão da categoria, a coleta de dados mostrou que eles pensam que os objetivos do ensino da literatura é para: “termos mais conhecimento e melhorar nossa leitura e vocabulário.” “Para nós ler melhor!” “Ler e entender melhor”. “Aprender a ler, escrever e ter mais conhecimento da história”. “A ter mais conhecimento de mundo”. Verificou-se que cada pesquisado tem um objetivo particular que pensa ser o do ensino da literatura dentro de sua compreensão, visto que eles não têm essa disciplina em sua grade curricular e, sim, em consonância com as aulas de Língua Portuguesa, por meio de um período semanal de leitura literária e atividades com literatura.

A Base Comum Curricular, documento que norteia o ensino de todo o país e estabelece diretrizes do que deve ser trabalhado em sala de aula, propõe que o aluno dos Anos Finais do Ensino Fundamental deve:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BNCC, 2017, p. 85).

Por isso, mesmo que não esteja em forma de disciplina curricular, os alunos devem estar em constantes atividades que envolvam o mundo literário e suas possibilidades de aprendizagem que a literatura pode oferecer.

Com relação ao segundo questionamento desta categoria: Você gostaria que a disciplina de literatura fizesse parte das disciplinas estudadas no sétimo ano? Quatro alunos responderam “não sei”, construindo uma resposta de que não têm muito conhecimento sobre literatura. Sete alunos afirmaram que sim, gostariam de que a literatura fizesse parte do currículo como disciplina, de acordo com suas palavras: “para lermos mais”, “para compreender as questões de mundo”, “seria interessante para conhecer autores”, “para conhecer mais os livros”, entre outros que representam o mesmo sentido, de agregar conhecimentos.

Diante da terceira questão: Na sua opinião, que reflexões a literatura permite fazer de modo que possa contribuir na sua formação enquanto cidadão pertencente a uma sociedade? Os alunos responderam que: “nos ajudaria a encarar a vida”, “ajudaria a compreender melhor o mundo”, “nos auxiliaria nas dúvidas que surgem na vida de adolescente”, “ajudaria a conhecer a sociedade”.

As respostas sinalizaram que, para os alunos, as aulas de literatura seriam um importante momento de aprendizagem, tanto pedagógico, como formativo para suas vidas. Foi possível verificar que eles têm compreensão de que a leitura pode auxiliá-los em questões particulares de vida, como a fase da adolescência, que nem todos conseguem ter um bom diálogo em família. De acordo com Candido (1999, p. 84), a literatura apresenta uma função formativa que se destaca na formação de estudantes:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 1999, p. 84).

São esses altos e baixos, luzes e sombras, entre outros exemplos citados pelo autor, de histórias que as obras abordam que faz com os alunos possam identificar-se, relacionar-se, compreender e assim, de forma literal, pelos livros encarar seus desafios do mundo diário. Demonstrando mais uma vez a importância de pesquisas como esta, para que a educação possa cada vez mais formar o cidadão crítico, autônomo e emancipado, que tanto se busca no ambiente escolar.

Após essa análise de dados coletados, que teve como objetivo conhecer o grupo de estudos e suas compreensões sobre as principais questões que norteiam a pesquisa, partiu-se para a próxima etapa, que é a descrição e análise da pesquisa-ação desenvolvida com esta turma de alunos durante as aulas de Língua Portuguesa, em uma escola municipal.

### 5.5.2 A pesquisa-ação: (um dos) grandes momentos

A primeira oficina denominada, conforme colocação anterior, “Conhecendo os hipertextos”, ocorreu no dia dezanove de novembro de 2018, foram trabalhados dois períodos de quarenta e cinco minutos cada um. A oficina iniciou-se com uma breve apresentação de slides organizados pela pesquisadora sobre o que são hipertextos, como surgem e se efetivam a partir da rede mundial de computadores e sua importância para o acesso a informações. Os registros estão disponibilizados por meio de fotos que serão anexadas, no final do trabalho e pelo diário de bordo criado pelos alunos nos computadores da escola durante as atividades. Foram anotadas, em separado, algumas colocações importantes que surgiam durante a realização.

Logo após a explanação dos *slides*, os alunos acessaram o *link* sugerido pela pesquisadora para fazer a leitura de um livro virtual, de acordo com sua preferência de leitura, observando sempre o que foi discutido sobre os hipertextos. As temáticas escolhidas foram bem variadas, alguns preferiram livros com poesias, outros com histórias românticas, de suspense e terror. De acordo com o diário de bordo construído, estes foram alguns títulos lidos pelos alunos: *A casa feita de sonhos*, *Não quero não*, *A influência dos espelhos*, e *Solidão*, textos disponibilizados pelo endereço eletrônico Contadores de histórias<sup>14</sup>.

Cabe salientar que para o desenvolvimento desta oficina, houve a necessidade de fazer o levantamento das leituras preferidas pelos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a fim de que as atividades propostas estivessem de acordo com seus interesses. Por isso, o site que melhor apresentou histórias para esta faixa etária e também diversidade de leitura foi este, anteriormente citado. Para realizarem a leitura nos hipertextos, os alunos uniram-se em duplas de trabalho pelo comum interesse nas temáticas a serem lidas, dessa forma estava constituída a equipe de trabalho para as próximas atividades, totalizando cinco duplas e um aluno individual por opção.

---

<sup>14</sup> Endereço eletrônico para acesso: <https://contadoresdehistorias.wordpress.com>. Acesso em 19 de nov. 2018.

Depois da leitura das histórias escolhidas, os alunos foram instigados a responder alguns questionamentos: Na sua opinião: o que é um hipertexto? Como funciona um hipertexto na rede mundial de computadores? Que história você leu? Qual era o assunto, você gostou de ler? Que passos você teve que percorrer para chegar ao texto? Esses questionamentos tiveram o objetivo de fazer com as duplas pudessem pensar sobre o texto que leram, o hipertexto e os cliques realizados até a página em que se encontra a história, para que pudessem perceber algumas noções de hipertexto que nem sempre são notadas, quando se navega na internet. Como a que define Xavier (2013) a noção de interligação, de textos interligados e interconectados, que se acionam na medida em que ocorrem os cliques.

Apresentam-se nesse momento, alguns registros anotados pelos alunos<sup>15</sup>, a transcrição foi realizada conforme as anotações deles, de acordo com suas palavras (sem correção ortográfico-gramatical), pois anotaram suas respostas sem a intervenção da pesquisadora, a fim de que a compreensão do assunto pudesse ser resgatada na sua integridade, sem interferências.

Diante dos questionamentos, as respostas obtidas foram: O que é um hipertexto? Como funciona um hipertexto na rede mundial de computadores? “Hipertexto são textos que acessamos na internet”; “o hipertexto funciona quando clicamos em um link e ele abre uma página com novas pesquisas e novos links que podemos clicar”; “os hipertextos são os textos que estão na internet e que nós acessamos através de links”; “o hipertexto funciona assim cada clique vai abrindo novas janelas, novos textos e qualquer outro tipo de conteúdo na internet que desejamos pesquisar”; “através de links acessamos hipertextos que nos beneficiam ao nos ajudar a acharmos respostas para vários assuntos e pesquisas, além de também podermos pesquisar e nos distrair”<sup>16</sup>.

As respostas obtidas, de uma forma geral, recaem sobre a assertiva de que os hipertextos são textos que se apresentam, quando clicados em *links*. Ao retomar os conceitos de Xavier (2013, p.161), o qual pontua que o hipertexto perpassa todas as atividades de leitura e escrita no mundo digital, seja ao acessar a caixa de correio eletrônico, um jornal on-line, um livro em *e-book*, páginas de redes sociais, e por isso, “[...] hipertexto significa, grosso modo, texto ampliado e interligado”. Com tais afirmações, percebe-se que os alunos puderam

---

<sup>15</sup> Durante as oficinas da pesquisa-ação, os alunos trabalharam em duplas devido ao número de computadores não ser suficiente, com exceção dos momentos de aplicação dos questionários que foram individuais. Nesse sentido, a compreensão das atividades foi elaborada a partir da discussão entre os integrantes de cada dupla, e anotações realizadas no diário de bordo.

<sup>16</sup> Nesta etapa da pesquisa, os pesquisados não foram identificados e numerados devido às mudanças de integrantes nas duplas, conforme o decorrer do trabalho. Nem todos participaram de todas as oficinas, pois faltaram à aula, no dia e, por isso, as duplas sofriam modificações. Dessa forma, optou-se pela transcrição das respostas obtidas pela pesquisa por meio do diário de bordo, elaborado pelas duplas e salvo nos computadores.

compreender e refletir sobre concepções que envolvem os hipertextos, incentivados a pensarem sobre essa prática.

A colocação “o hipertexto funciona assim cada clique vai abrindo novas janelas, novos textos e qualquer outro tipo de conteúdo na internet que desejamos pesquisar”, demonstra uma compreensão sobre a não linearidade apresentada em capítulos anteriores que ajuda a definir algumas características específicas dos hipertextos. Conforme Xavier (2013), a não linearidade apresenta-se como uma forma diferenciada de construção de texto que permite outros acessos complementares que se é possível fazer.

Assim como a resposta “através de links acessamos hipertextos que nos beneficiam, ao nos ajudar a acharmos respostas para vários assuntos e pesquisas, além de também podermos pesquisar e nos distrair”. Essa afirmação concretiza as concepções da imaterialidade de um hipertexto, da disponibilidade de acesso aos mais variados tipos de textos que podem ser encontrados, durante a navegação mediante acesso dos *links*.

Ao retomar os questionamentos realizados nessa primeira oficina, foram trazidas também, como relevantes, as respostas obtidas sobre o tema: Você gostou de ler? “Sim, a aula foi muito legal, bem diferente”; “legal bem diferente do que estamos acostumados”; “gostamos muito dessa oficina de hoje, estava muito legal, lemos um texto ótimo e respondemos as questões, a leitura foi muito legal, no computador é melhor que no livro de papel”; “a nossa opinião sobre a aula de hoje é boa pois possibilita que nós lêssemos textos e escrever sobre ele de uma maneira diferente e mais legal de falar sobre o que lemos”; “na nossa opinião sobre a oficina de hoje foi que com a internet facilita a pesquisa e a sabedoria que nós tivemos enquanto estávamos aqui no laboratório de informática”; “nós achamos a aula muito legal”.

Nesse momento, considerou-se importante registrar, que o aluno que se sentou sozinho e decidiu por realizar as atividades individualmente é um discente que, geralmente, não participa das aulas, não faz atividades e, nesse espaço, participou da oficina com entusiasmo e interesse, inclusive chamando a atenção dos colegas pela sua atitude positiva que demonstrou no laboratório. Todos os alunos gostaram da oficina, mas o que mais chamou atenção nas respostas obtidas foi o termo “diferente do que estamos acostumados”, isso porque já foi descoberto no questionário anterior que eles vão até o laboratório de informática em grande parte, para jogar, quando falta algum professor e dificilmente para realizar estudos.

Esse dado revela o quão importante é percorrer outros espaços de aprendizagem, assim como usar o recurso de hipertexto para leitura na prática pedagógica escolar. Por isso, se faz necessário retomar conceitos, como o de Belloni (1999, p. 27), quando afirma que mesmo despreparados e inseguros diante do uso das tecnologias, os professores precisam usá-las em

sala de aula, pois nas palavras dela “[...] talvez sejamos os mesmos educadores mas os nossos alunos já não são os mesmos”.

Moran se aproxima da discussão (2000, p. 12), ao afirmar: “educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos”, bem como para os alunos, ao mudar rumos e apontar caminhos que possam fazê-los se interessar novamente pelos conhecimentos que a escola tem a oferecer. Com isso foi possível mostrar que o laboratório de informática não deve servir somente para jogos, mas para grandes momentos de aprendizagem.

Para Behrens (2000, p. 103), “a inovação não está restrita ao uso da tecnologia, mas também à maneira como o professor vai se apropriar desses recursos para criar projetos metodológicos que superem a *reprodução* do conhecimento e levem à *produção* do conhecimento”. A oficina revelou, assim, o laboratório de informática um momento de leitura e escrita, pois, mediante observação, percebeu-se que alguns alunos, sequer sabiam mudar a linha para escrever. Essa primeira oficina também revelou-se um momento de inclusão digital, já que muitos não possuíam computador em casa, somente celular.

Retomar Moran (2000, p. 25) também se faz necessário nessa discussão, a pesquisa teorizou-se sobre a educação de qualidade por meio das tecnologias digitais e, para o autor, “o conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação”. Nesse sentido, revelou-se nessa prática, que na interação entre professor e aluno, com o objetivo de construir juntos o saber, movidos pela interação/integração, indo além do falar ou dar explicações, a sala de aula pode se constituir em trocas de experiências, e em espaços de importantes discussões que produzem competências.

Ao encerrar a primeira oficina, obteve-se, conforme os relatos e observações, resultados bem positivos tanto para o entendimento inicial sobre os hipertextos, bem como concepções importantes para serem observadas durante a navegação, como a leitura que os alunos realizaram. Não foram aqui analisadas em sua totalidade devido à extensão que tomariam no trabalho, mas que, mediante a liberdade de escolha de assuntos de seu interesse, foram lidos com entusiasmo, demonstrando que a autonomia em alguns momentos da aula é sempre bem-vinda e pode se tornar uma mola propulsora para o gosto pela leitura.

A segunda oficina teve como título: “Exploração em hipertexto sobre a vida e obras do autor Machado de Assis”. Nesta oficina, os alunos tiveram a oportunidade de pesquisar livremente na internet, a partir de um tema indicado pela pesquisadora, ou seja, quem foi Machado de Assis? Quais são suas principais obras? Seus escritos eram destinados para quais públicos? Qual a importância do autor para a sociedade? Nesta oficina os estudantes



conheceram o autor, pesquisando sua biografia e algumas obras; muitos alunos não conheciam o escritor, no entanto reconheceram alguns títulos das obras, como *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*.

O trabalho realizou-se no dia vinte de novembro de 2018, teve duração de um período composto por quarenta e cinco minutos. Os alunos leram as informações encontradas, a fim de responderem as perguntas propostas. A pesquisadora solicitou que a resposta deveria ser a continuação da pergunta inicial e estar de acordo com o solicitado. Essas colocações tiveram por objetivo fazer com que os alunos lessem e se apropriassem de informações sobre Machado de Assis. Um ponto curioso foi que não funcionaria a estratégia muito usual dos adolescentes, que é o copiar e colar da internet, pois muitos não sabiam como fazer isso, diante de um computador, visto que, no telefone celular, é usado outro procedimento. Mais uma vez, a oficina contribuiu com a leitura e conhecimento do autor, bem como para o letramento digital e escrita dos alunos.

As anotações realizadas no diário de bordo, inicialmente tiveram um padrão, escrever sobre a biografia de Machado de Assis, logo após, eles deveriam pesquisar suas principais obras. Alguns alunos listaram as principais, outros expuseram a obra com alguns trechos que encontraram na pesquisa e também teve aqueles que se dedicaram a leitura e transcrição de poemas machadianos.

Quanto ao questionamento para qual público o autor escrevia, os alunos tiveram dificuldade em encontrar textos que falassem especificamente sobre isso, o que relataram são alguns fragmentos encontrados na pesquisa: “Machado escrevia com a intenção de mostrar as diferentes realidades entre burgueses e pobres”; “usava da metalinguagem para trazer questões que iam além de romances mas mostrava a fragilidade do ser humano”. Já nas respostas sobre a importância do autor para a sociedade, as colocações obtidas ficaram em torno da assertiva de que o escritor foi um dos mais importantes para a literatura e sociedade, porque deixou um legado de grandes obras e rico em informações.

Ao final do registro, eles deveriam fazer uma anotação como forma de avaliação de alguns poemas de Machado de Assis: “as obras dele são muito boas, aprendemos que Machado foi o primeiro presidente da academia brasileira de letras e um dos escritores mais aclamados da literatura e nasceu no Morro do Livramento”; “na aula de hoje aprendemos muitas coisas sobre Machado de Assis e suas principais obras, que é um grande escritor brasileiro e fez um dos melhores livros que eu já li Dom Casmurro, obras que até hoje são muito importantes no Brasil e na história da literatura”; “aprendi que Joaquim Maria Machado de Assis era um dos

maiores escritores do mundo, aprendi também que ele tinha várias obras como romances, poesias e contos.”

As atividades desenvolvidas nessa oficina prepararam os alunos para a leitura de uma obra, que ficaria perdida sem o conhecimento prévio da importância do autor e algumas questões que se apresentam no texto dele. Saindo do espaço silencioso da Hora da leitura para uma atividade dinâmica, que houve momentos em que as aulas tiveram leitura, interpretação e capacidade de escrever sobre o assunto que foi discutido.

A terceira oficina, intitulada: “Uma leitura de Machado de Assis”, ocorreu na sexta-feira dia vinte e três de novembro de 2018, durante um período de quarenta e cinco minutos. Trouxe a proposta da leitura do conto *Pai contra mãe*, assim como a exploração do hipertexto construído para que o conto pudesse ser melhor compreendido pelo leitor, na versão digital. Nessa oficina, estavam previstos, após a leitura, alguns questionamentos, no entanto, não foi possível, porque os alunos ficaram o período todo lendo.

A descrição feita desta oficina merece destaque pela concentração dos alunos durante a leitura, o laboratório manteve-se em silêncio. Todos exploraram as caixas de textos explicativas com atenção, chamando a pesquisadora somente em casos bem específicos de falas que não conseguiram compreender, visto que ler contos machadianos necessita também de um bom conhecimento lexical, além de, devido à época em que foi escrito, algumas palavras estarem com grafia diferenciada, o que causava dúvidas.

Nesse momento, a pesquisadora somente falava o significado da palavra solicitada e como ela é escrita hoje, para não interferir na concentração dos demais. Cabe salientar que foram poucos os momentos de interferência. E assim a atividade de leitura prolongou-se pelo período e, nessa manhã, não houve anotações no diário de bordo como aconteceu nas demais, bem como, não foi possível realizar a finalização da oficina, ficando para a próxima as questões as serem respondidas.

A quarta oficina, realizada em um período de quarenta e cinco minutos, no dia vinte de seis de novembro, criada excepcionalmente para concluir a atividade anterior, retomou o conto e propôs que os alunos respondessem alguns questionamentos: O que vocês entenderam sobre o conto? Sobre o que se trata? O que mais lhe chamou atenção nessa história? Como era a vida naquela época?

Diante dos registros coletados, são apresentadas algumas das respostas obtidas: “o assunto é sobre uma família pobre que precisa encontrar uma forma de sobreviver em meio à crise que viviam”; “sobre uma família que precisava sobreviver na pobreza e sustentar uma criança”; “o texto fala de uma família sem dinheiro, sem emprego certo, a esposa engravida e

eles não têm condições de criar o filho”; “é sobre o tempo da escravidão e sobre uma mulher e um homem que se apaixonaram e com o tempo ela engravidou e a tia da mulher deu-lhes a ideia de dar a criança para a roda dos enjeitados”.

As respostas encontradas abordam os diferentes aspectos do texto, dando conta de trazer sim o principal assunto do conto, a dificuldade de uma família pobre, sem emprego fixo de sustentar um filho. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017, p. 60), já utilizada na pesquisa, ressalta que “[...] se a leitura literária possibilita a vivência de mundos ficcionais, possibilita também ampliação da visão de mundo, pela experiência vicária com outras épocas, outros espaços, outras culturas, outros modos de vida, outros seres humanos”. Nas próximas respostas, essa proposição da BNCC fica bem evidente.

Questionados sobre os aspectos sociais e culturais que o texto apresenta, que falava da cultura, dos modos de vida daquela época, onde as pessoas viviam, uma das respostas foi a seguinte:

O texto mostra que mesmo depois de anos da abolição da escravidão, os escravos ainda eram vendidos, comprados, capturados e se fugiam ainda eram torturados. Na sociedade ainda existia e ainda existem padrões de pessoas corretas, e na história ele não se encaixava na sociedade. Por ele não se encaixar nos padrões da sociedade, não ter emprego fixo que lhe dava prazer, então resolveu virar um capitão do mato, trabalho onde tinha que capturar escravos, ele precisava do emprego para criar seu filho, e não ter que levar seu filho para a roda. Ele para conseguir o dinheiro teve que capturar uma escrava grávida, que se ele levasse ela para seu dono ela seria espancada e iria abortar seu filho, e ganhou em troca cem mil reis, a escrava perdeu seu filho e Candido voltou para casa feliz por não ter que deixar seu filho.

Essas outras colocações ressaltam ainda mais a discussão: “os aspectos sociais e culturais que mais se apresentam são os que falam da escravidão, a responsabilidade que eles passaram a ter com seu filho, fala do que é certo ou errado para a sociedade, e para um pai que pode perder seu filho”; “as mulheres que vivam trabalhando como faxineiras, costureiras de famílias ricas, dos escravos negros que deveriam usar máscaras de ferro para perder vícios e que nem podiam tomar água”.

Dentre as anotações realizadas pela pesquisadora, destaca-se o momento em que as questões familiares particulares como a responsabilidade de criar um filho surgiu na discussão, principalmente porque a irmã de uma aluna, que cursa o nono ano do Ensino Fundamental nessa escola, engravidou e agora terá de enfrentar outras responsabilidades para sustentar o filho, vindo ao encontro, o texto literário e o mundo real. A oficina, assim como as outras, passou muito rápido, os alunos concluíram as discussões e já era hora de retornar à sala de aula.

No dia vinte e nove de novembro aconteceu a última oficina da pesquisa, com duração

de um período de quarenta e cinco minutos. Foi conduzida pela pesquisadora mediante a leitura e estudo de seis fragmentos do conto, que selecionados anteriormente foram usados para análise de questões sociais e culturais abordadas no conto. Primeiramente, todos se sentaram ao redor da mesa que fica no centro do laboratório para a discussão dos fragmentos, anotaram em seus cadernos alguns pontos principais e como não teriam tempo de digitar, resolveram entregar as anotações escritas a mão, mas não deixando de ter cumprido seu objetivo.

Os fragmentos escolhidos pela pesquisadora para a discussão encontram-se no Anexo B. O primeiro e o segundo fragmento estavam relacionados com a escravidão e algumas condições que o autor apresenta, sobre os escravos e suas vidas nas fazendas. A escolha dessa temática se fez necessária para que os alunos pudessem, de forma conjunta, pensar sobre a escravidão, colocando-se, por meio do imaginário, na situação em que esses seres humanos eram submetidos. E mediante os relatos que surgiram diante da provocação. Eles demonstraram-se bastante mobilizados com a situação traçando, um paralelo entre a liberdade de hoje e antigamente, bem como a proteção que se conquistou perante o ser humano e que ainda é deficitária, principalmente pelo racismo que ainda permanece enraizado no contexto social e que já era visível, pelas palavras de Assis, quando se reportavam a descrever os escravos.

O terceiro fragmento discutido apresentou um cidadão, que não consegue se enquadrar nos padrões ideias de uma sociedade trabalhadora e, que com isso, tem uma vida difícil sem garantias de sobrevivência e sustentabilidade de uma família, principalmente com filhos. Essa situação é bem peculiar no contexto em que os alunos vivem, as famílias que integram a escola têm renda baixa, quase todos vivem de empregos informais, sem uma profissão que lhes garanta direitos enquanto cidadãos. Ao questionar os alunos sobre o que hoje é necessário para ter uma vida digna, eles chegaram à conclusão que não é muito diferente das descritas por Machado de Assis, no século XIX. Ainda permanecem as diferenças de classes e a dificuldade de um cidadão periférico conseguir uma boa formação profissional, até porque estão amalgamadas, nas famílias, algumas continuidades que não são muito positivas, como a das meninas serem mães bem jovens.

A função dessas colocações fundamenta-se nos objetivos escolares, sendo que os ensinamentos precisam se voltar para o contexto em que o aluno vive e, dessa forma, contribuir para sua formação pessoal e profissional. A literatura, nesse momento, exerce um papel primordial de função social para a vida dos alunos, conforme pontua Zilberman e Silva (1985, p. 97) “[...] a leitura escolar pode converter-se numa prática de instauração de significados e, com isso, transformar o estudo da literatura na investigação e na vivência crítica do percurso

social cumprido por seus textos, suas teorias, suas leituras.” Contribuindo para uma formação que busca a compreensão e autonomia para construir pessoas capazes de conhecer e transformar a sua realidade.

Os estudos sobre o quarto e quinto trecho escolhidos focou na família, nas dificuldades e no amor de pai e mãe, que, em grande parte, não medem esforços para criar seus filhos. Nesse momento, alguns alunos colocaram suas experiências particulares sobre as atitudes dos pais, dos avós para conseguirem manter a família dentro de condições dignas. Um dos alunos que, nas oficinas (conforme já mencionado) obteve destaque, colocou que, no período da tarde, ajuda seu pai que é construtor, porque vai nascer mais um irmão e os gastos aumentaram bastante.

Para concluir a oficina, o último fragmento continha os dois últimos parágrafos, os quais diziam: “*Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto. – Nem todas as crianças vingam – bateu-lhe o coração*” (ASSIS, *on-line*). Essas palavras encerram o conto e apontam para a construção do título do texto, *Pai contra mãe*, um afrontamento paternal pela sobrevivência do filho, no caso, o de Cândido. Fez-se necessário trazer a finalização, para que o grupo pudesse pensar sobre o conto de forma geral, assim como questões pelas quais irão passar na vida, as dificuldades e as escolhas que constroem a vida em sociedade e que fazem de um homem, um ser considerado justo ou injusto diante das atitudes que ele escolhe ter.

Assim como, enfatizar as atitudes de Candido, que diante do amor incondicional pelo filho, não se atentou para a injustiça que cometeu ao permitir que uma criança fosse abortada e não tivesse o direito de nascer para constituir uma outra família. Também não se colocou no lugar da mulher escrava, sem se preocupar com o sofrimento dela enquanto mãe, já que ele, como pai, não queria viver sem estar ao lado de seu filho. Reflexões importante, discutidas com os alunos, e que se reportam na capacidade do ser humano olhar o sofrimento alheio, e nesse contexto de discussões, a oficina estava com seu tempo esgotado.

Ao finalizar esta etapa da pesquisa que é social e, conforme discutido por Gil (2011), consiste num processo que permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social, enfatiza-se que o conhecimento construído por esses adolescentes, bem como pela pesquisadora que esteve junto todo o tempo, mostrou-se grandioso. Evidenciou-se isso, quando observado que os pesquisados aprenderam e estudaram em outro espaço da escola, envolveram-se durante as oficinas e, sem resistência, propuseram-se a ler um conto considerado para a faixa etária complexo. E para além disso, entenderam que um texto literário está carregado de informações que, além de artístico, pode trazer informações importantes para a vida social.

No caminho epistemológico, apresentou-se que a pesquisa-ação, nas palavras de Barbier (2006, p. 59), é “[...] uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com ou sem especialistas em ciências humanas e sociais práticas, com o fito de melhorar sua práxis”. Sim, a pesquisa mostrou-se como uma atividade em que vários fatores que constituem as bases dos grupos sociais foram abordados com paralelos entre os personagens criados pelo autor e a vida deles, para que cada um pudesse pensar sobre sua vida e nas possibilidades de conduzi-la.

Não era a proposta da presente pesquisa quantificar esse momento, mas sim qualificá-lo, apontando aprendizagens verdadeiras que não podem ser medidas. A cooperação e a participação ativa por meio da pesquisa-ação alargou os horizontes dos alunos, trouxe conhecimento intelectual e emocional. Vivenciar um texto e conseguir compará-lo com a vida e assim tentar modificar um futuro, que numa comunidade carente, nem sempre é visto com grandes perspectivas. Adquirir conhecimentos sobre informática, hipertexto, discutir como se escreve ortograficamente uma palavra, mostrou quão deficitário, em algumas questões eram os alunos, da mesma forma, revelou o quanto podem aprender em momentos de interação.

Para concluir, retoma-se Bakhtin (2010, p. 95), que diz: “é assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Ou seja, a linguagem assume sua postura de prática social, quando realmente possui sentido naquele que a usa, ou troca com seu grupo, mediada pelo princípio de que tem poder transformador e deve ser explorada ao máximo para que venha contribuir com a vida dos sujeitos.

### **5.5.3 Questionário final: a tessitura das últimas reflexões**

Para elaborar o questionário final desta pesquisa, foram desenvolvidas duas categorias de análise: a contribuição do hipertexto para a aprendizagem e a compreensão do ensino de literatura. Para isso, foram elaborados oito questionamentos, conforme podem ser observados no Apêndice B, os quais buscam contemplar as principais teorias discutidas na pesquisa, o uso de hipertextos e o ensino de literatura. O questionário foi aplicado dia trinta e um de novembro de 2018, em um período de quarenta e cinco minutos. Os alunos receberam as perguntas e foram motivados a responder de acordo com o seu posicionamento.

A primeira questão foi: Qual a sua opinião sobre a leitura em hipertexto? Você voltará a utilizar esse recurso? Os dez alunos que responderam ao questionário disseram que sim, segue

na íntegra algumas das respostas: “eu gostaria de voltar a utilizar o recurso do hipertexto porque eu me concentrei e fiz todas as coisas sem a professora mandar”; “eu achei muito mais melhor que o texto impresso. Eu fiquei com mais vontade de ler. E eu vou continuar lendo hipertexto”; “a leitura do hipertexto foi bem legal, bem diferente, todos se concentraram o Gian fez tudo sem a ‘sora’ precisar mandar. Eu gostei de ler em hipertexto porque tem a explicação das palavras e parece menor, daí não dá preguiça de ler, vou utilizar este recurso na minha vida, melhor de que ler no livro”; “além de auxiliar a gente com as informações adicionais, também é um modo de leitura mais rápido e moderno.”

Com essas respostas obtidas, percebe-se que os alunos gostaram de ler, aproveitaram o momento oportunizado e que estão conectados com o mundo virtual, que condiz com o pensamento de Castells (1999, p. 497), “redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades [...]”. É por isso que a escola precisa proporcionar momentos como estes que as oficinas ocasionaram, pois revelaram estudos com entusiasmo e vontade de aprender, assim como, necessita enfrentar a tecnologia presente na sociedade e fazer desta uma parceira. A importância da incorporação das tecnologias no ambiente escolar é discutida por Moran (2000, p. 36),

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos.

Incluir a leitura de hipertextos, propor pesquisas em que os alunos tenham que estudar para formular respostas, conhecer novas biografias, construir e conhecer novos espaços para as diferentes linguagens, foi uma aposta com retorno positivo. Evidenciou-se uma prática pedagógica moderna, e que ganha importância, na medida em que condiz com a realidade, já que estão sempre com seus celulares conectados no ambiente virtual.

A satisfação dos estudantes estava principalmente, no fato de que, as aulas de Língua Portuguesa adentraram no mundo que eles vivem, o da cibercultura, diferenciando-se das demais, que geralmente utilizam o laboratório para jogos. De acordo com Lévy (1999, p. 11) “[...] estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano”.

O segundo questionamento foi: Durante a realização da leitura você se dispersou? Encontrou dificuldades para realizá-la? Os alunos responderam que não se dispersaram, e

alguns responderam que encontraram dificuldades em algumas palavras. Algumas das respostas: “enquanto eu lia eu não me dispersei, muito menos do que quando eu leio um livro ou texto impresso”. “Não e também não tive dificuldades para realizá-la porque conforme nós vamos entrando no texto, vai nos interessando cada vez mais”. “Não, pois todos se mantiveram em silêncio e mantiveram a concentração. Não porque a com o auxílio da internet até facilitou a leitura”. “Não, porque quanto mais você lê, mais você se interessa por isso, te dá mais vontade de saber o que vai acontecer, encontrei algumas dificuldades sim, porque tinha algumas palavras que não conseguia entender”.

Ao analisar essas respostas, observou-se que a leitura no hipertexto não tirou a concentração do grupo, as dificuldades encontradas ficaram em torno das palavras, que possuem um léxico antigo, e que, por isso, são mais difíceis de compreensão. Essa apreciação favorável dos jovens pela tela do computador confirma a tendência que Xavier (2013, p. 121) discute, quando ressalta que as novas gerações tendem a usar mais as tecnologias digitais para a leitura, pois veem várias proposições positivas como “[...] a possibilidade de mais interação com outros textos na tela, facilidades para grifar e salvar os trechos importantes, comodidade e conforto, menos cansaço”.

A terceira e a quarta questão podem ser analisadas em conjunto, pois buscaram entender o que os alunos pensavam sobre as caixas de textos adicionais que estão presentes no conto em hipertexto e se a aprendizagem ocorreu de forma interessante, contextualizada, se sentiu diferença ou não em comparação ao texto impresso. Essas perguntas ainda fazem parte da categoria: a contribuição do hipertexto para a aprendizagem.

Quanto à compreensão diante das informações adicionais disponibilizadas pelas caixas de texto, os relatos dizem: “contribuíram porque elas ajudaram a entender o que o autor quis dizer”; “na minha opinião elas contribuíram porque as vezes nós tínhamos dúvidas e curiosidades em saber o significado da palavra então clicava em cima e aparecia tudo explicado”; “contribuíam porque tem palavras que não sabíamos o significado e as caixas do texto ajudam a sabermos”; “contribuíram porque era bom para nos informar sobre as palavras que nós não sabíamos”.

As caixas de textos adicionais, com as informações sobre palavras e possíveis pensamentos do autor, criadas no conto em hipertexto, caracterizam um diferencial nessa modalidade, pois, na medida em que termos apareciam, havia o *link* que, ao clicá-lo, apresentava uma explicação do assunto, promovendo uma intertextualidade de textos. Nessa conjuntura, se faz necessário retomar Xavier (2013, p. 177), o qual ressalta: “a internet é o aporte digital midiático e o espaço virtual que torna mais evidente este fenômeno próprio da



linguagem: a intertextualidade”. Na medida em que os alunos tinham informações extras, também estavam em contato com outros conhecimentos, tecendo a compreensão global do texto.

Sobre a forma da aprendizagem se foi mais interessante, contextualizada, sentiram ou não diferença diante do texto impresso, os alunos responderam que foi interessante e diferente: “ocorreu de forma interessante, porque eu achei melhor de ler no computador porque tem mais informações”; “mais interessante porque o quadrinho ajudava a explicar o que não entendemos”; “sim porque não deixa de ser um texto, só que no computador, as diferenças são pequenas mas aparecem, no celular é só abrir na página, mas no livro tem que ter ele e foliar”.

Para essa nova forma de reescrever os textos, recriar com novas configurações, com espaços adicionais e acessível a todos, Marcuschi (2001) reitera que não se trata de um deslocamento do texto impresso, mas uma revisão de novas formas de pensar e escrever em um novo espaço de textualização, na rede mundial de computadores. Como dizem os alunos, não deixa de ser um texto que precisa ter a leitura realizada, mas se apresenta de forma diferenciada, sem a necessidade de estar com o livro nas mãos, com características específicas que torna o texto atraente.

Nessa primeira categoria de análise, por meio dos registros escritos, a contribuição dos hipertextos para a aprendizagem caracterizou-se como positiva. Os alunos mantiveram concentração, gostaram da forma como o conto estava disposto na página virtual, consideraram positivos os *links* com notas explicativas, perceberam diferenças entre o texto impresso e virtual e sinalizaram que voltarão a ler no ciberespaço. Além disso, conseguiram realizar a leitura com compreensão e construção de conhecimentos.

No que se refere à segunda categoria de análise, que enfoca a compreensão do ensino de literatura, foram realizados quatro questionamentos. O primeiro consistiu em: o que você aprendeu sobre o ensino de literatura, a partir da realização das oficinas? Foram coletas respostas, como: “compreendi que a literatura é importante pois conhecemos autores, escritores, textos literários que nos deixam com maior conhecimento”; “a literatura é importante nas escolas, ela traz coisas boas e faz a gente entender melhor as coisas”; “eu aprendi a ler mais, eu estou bem melhor na leitura e aprendi sobre os textos de Machado de Assis, eu nunca tinha lido textos dele”; “aprendi bastante sobre a escravidão nos tempos passados e outros temas, e como a literatura vai contribuir para nosso aprendizado”; “que a literatura é importante, a partir disso nós descobrimos coisas importantes da cultura, autores e diversos lugares diferentes”.

Embasado nesses relatos, entende-se que a literatura constituiu-se em uma arte para além do ato de ler de forma prazerosa e torna-se um momento de descobertas e reflexões de

diferentes situações sociais. Nicola (1998, p. 08) diz que “a literatura obedece a leis inflexíveis: a da herança, a do meio, a do momento”. É a partir da herança deixada pelos escritores em suas obras que a arte ainda vive, com um cuidado que ultrapassa gerações e que se apresenta fundamental para o momento, na medida em que pode provocar reflexões na vida do leitor. Bakhtin (2010, p. 364) afirma que: “As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na *grande temporalidade*, [...]”.

Retomar Bunzen e Mendonça (2006, p. 85) para falar do papel da escola sobre a literatura é fundamental para compreender a importância dos registros expostos pelos alunos ao responder o questionário, de acordo com os autores “é preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentido”. Indo além do preenchimento de fichas e elaboração de resumos que nem sempre têm seu objetivo alcançado, pois nem todos os alunos conseguem sozinhos, compreender as riquezas implícitas que uma obra permite explorar.

Considerando que, muitas vezes, há quem pense que a literatura é apenas um complemento do currículo, é por meio dessa disciplina, que se pode potencializar a leitura escolar, o conhecimento de mundo e melhorar o entendimento em outras. Nessa pesquisa observou-se a quantidade de ações que geram aprendizagem na hora de pesquisar, ler e construir respostas para as diferentes situações em que lhes foram propostas, que certamente deixarão marcas positivas nesses alunos. A literatura não deve ser um peso deixado para o Ensino Médio, merece espaço e reconhecimento já no Ensino Fundamental, trabalhada com leveza e carregada de significado.

Na sequência do questionário, a próxima pergunta realizada aos estudantes foi: Que conhecimentos você considera que esta disciplina pode trazer para a sua vida? “Conhecimentos de culturas passadas, sobre a escravidão que vão nos ajudar a compreender o passado e o presente e nos auxiliar no futuro”. “Compreender melhor a sociedade e a história de outras épocas”. “Um ótimo desenvolvimento para melhorar na vida poder achar um bom emprego”. “Conhecer que a vida não é fácil que temos que ter responsabilidade que antigamente era ainda mais difícil e que a escravidão foi muito triste”. “Entender um pouco melhor o ser humano, a sociedade como funciona a vida”. “Realmente coisas muito importante porque é através dessa disciplina que nós devemos levar pra vida”. As respostas afirmam que as atividades da disciplina trouxeram conhecimentos que contribuiriam para o presente e futuro, na medida em que provocaram reflexões de vários âmbitos seja sobre os períodos históricos, ou sobre o sujeito na sociedade e algumas implicações que isto lhe custa.

Mais uma vez, o ensino de literatura cumpriu com o seu papel na formação desses cidadãos, no momento em que fez com eles levem conhecimentos para o seu cotidiano e assim, buscar uma mudança de vida. No primeiro questionário, observou-se que os objetivos propostos na BNCC para os Anos Finais do Ensino Fundamental, vão além da leitura prazerosa, ao afirmar, dentre outras características, o reconhecimento sobre “[...] o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura” (BNCC, 2017, p. 85) e com isso, propor uma formação sociocultural. Para Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 12) “educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos”.

Com os resultados da aplicação do primeiro questionário, os alunos trouxeram a informação de que já pensavam o ensino literário como um auxílio para leitura e de entendimento de mundo. Mas agora, depois do trabalho realizado tornaram-se reais, com uma materialidade construída com a compreensão sobre o que é trabalhar com a arte literária. Faz-se necessário resgatar as palavras de Candido (2011, p. 82) que destacou “talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-esconde, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente”, o que reafirma o papel que a literatura pode exercer quando explorada por metodologias diferenciadas, como a utilizada na leitura do conto.

O último questionamento retomou as questões sobre a leitura em hipertexto e se esta, foi uma leitura prazerosa. Os alunos responderam que “a leitura foi mais prazerosa, tinha mais conteúdo”; “no computador é melhor, porque irmos na informática e praticarmos aulas diferentes é bem mais interessante”; “eu prefiro o hipertexto porque também podemos abrir várias páginas”; “eu gostei porque me senti motivado, fiz tudo sozinho, aprendi a digitar as coisas melhor para a minha vida”; “achei atraente e legal”. Uma aluna respondeu que não sentiu diferença na leitura porque segundo ela, no livro ou no computador, continua a mesma.

Com tais colocações, observou-se que, embora uma aluna tenha percebido a leitura tanto do livro quanto no computador da mesma forma, já que teve que ler, nenhum aluno disse não ter gostado da leitura. Foram quase unânimes as respostas, nas quais os alunos consideraram prazerosa e sentiram-se motivados a ler, principalmente por ser uma prática diferenciada na sala de aula. Não houve reclamação do tamanho do conto, visto que não era pequeno e devido aos recursos extras que o hipertexto oferece aos alunos, conforme já discutido, agradou a todos e facilitou o entendimento do texto.

Ao finalizar as análises, observou-se que, perante as colocações, a prática sociocultural de leitura e estudo do hipertexto conseguiu modificar e construir pensamento tanto literário no

sentido imaginário quanto real, do cotidiano dos alunos. Certamente, esses conhecimentos construídos modificarão práticas sociais, diante de suas vidas e serão retomadas, na medida em que eles realizarem outras leituras, pois o olhar para o texto não será mais o mesmo, depois desse arcabouço de aprendizagens construídas.

Em todos os momentos da pesquisa, houve interação entre pesquisadora e o grupo de estudos, interlocução com o texto e leitor, e exploração entre máquina (computador) e sujeito, demonstrando que a linguagem é uma prática social que permeia as atividades humanas. Geraldi (1991, p. 6) relata que “[...] os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto’ deste mesmo processo”. Retomar essas colocações para finalizar este momento da pesquisa é fundamental, pois foi mediante o uso da linguagem, da comunicação, da interlocução nos diferentes momentos, que a compreensão e o desenvolvimento das atividades foram possíveis e alcançaram os objetivos propostos.

## **VI CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa qualitativa, com abordagem metodológica pelo procedimento da pesquisa-ação e de revisão bibliográfica, buscou-se desenvolver, junto aos jovens do Ensino Fundamental, uma prática de leitura por meio da linguagem hipertextual, como ferramenta pedagógica para a imersão inicial na literatura em uma perspectiva de formação sociocultural. Destaca-se a importância desta pesquisa nos vários contextos, pois, além de se produzir conhecimentos científico na Universidade, em âmbito educacional, a pesquisa permitiu verificar possibilidades diferenciadas de se trabalhar a literatura em sala de aula e formar alunos com diferentes olhares sobre sua sociedade com o subsídio das tecnologias digitais.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural, em uma turma do sétimo ano de uma escola de Ensino Fundamental no município de Ijuí – RS. Para tanto, foram elaborados objetivos específicos que visaram alcançar este objetivo geral, que aos poucos foram sendo desenvolvidos e contemplados na pesquisa.

O primeiro objetivo buscou refletir concepções de linguagem, literatura e hipertexto, a partir de uma perspectiva de práticas sociais. Esse objetivo desdobrou-se entre o terceiro quarto e quinto capítulo, na medida em que a base teórica fundamentava os conceitos a serem explorados na pesquisa-ação e na análise dos questionários. O terceiro capítulo contextualizou questões de linguagem pelos teóricos Bakhtin (2006, 2010), Fairclough (2001) bem como Xavier (2013) que abordou as questões da linguagem hipertextual.

Essa discussão permitiu compreender algumas questões importantes para a pesquisa, como a de que a linguagem é o resultado da interação entre membros pertencentes a um contexto social, sendo uma ação, modifica e molda-se conforme o interesse de quem a utiliza. Nesse mesmo capítulo, recorreu-se ao uso da linguagem hipertextual para conceituar e amparar as oficinas que foram realizadas na pesquisa-ação que se utilizaram de hipertextos.

O segundo objetivo, que era averiguar a compreensão dos alunos quanto ao ensino da disciplina de literatura como um dos meios para entender os fatos históricos e sociais necessários para a formação do cidadão, pode ser explorado a partir dos questionários aplicados

com alunos, embasados pelas posições de Candido (1999, 2002, 2011), Coutinho (2003), entre outros. Os questionários mostraram que os alunos, de maneira superficial, tinham uma ideia do que a literatura poderia oferecer, mas não haviam vivenciado uma experiência concreta, orientada, para pensar sobre questões sociais e culturais que estão amalgamados em nossa sociedade e que se desvelam por meio da literatura. Nesse sentido, ao final da pesquisa observa-se que os alunos puderam estabelecer algumas reflexões que contribuíram para a formação cidadã desses jovens.

O terceiro objetivo de investigar como o recurso do hipertexto vem sendo usado nas escolas e, com isso, incentivar essa prática pedagógica foi contemplado em dois momentos. O primeiro, foi realizado por meio do questionário aplicado, no qual se verificou que os alunos não tinham conhecimento sobre o assunto, nem haviam trabalhado em sala de aula como uma atividade pedagógica. Dessa forma, para incentivar o uso desse recurso da melhor forma possível, fez-se o levantamento de um arcabouço teórico em um capítulo específico sobre cibercultura e hipertexto, constituindo o quarto capítulo desta dissertação.

Este capítulo formulou-se a partir da teoria desenvolvida por Castells (1999), Xavier (2013) e Lévy (1999), entre outros autores que se destacam na temática. Foram explorados conceitos como o da cibercultura, entendida como um novo cenário que emerge das relações que se constituem em um novo espaço, agora virtual, diante de uma nova cultura de informações e modos de agir. Concretizada principalmente pela ação humana diante dos meios tecnológicos, que se caracteriza como ciberespaço, uma dimensão da sociedade que se interconecta em rede e troca informações basicamente em tempo real.

A partir dessa nova configuração social, o uso do hipertexto ganha um espaço contínuo nessas relações e não pode estar desconectado na escola, como uma tecnologia enunciativa, um novo modo de produzir linguagem que também é capaz de promover conhecimento, pouco explorado no educandário em pesquisa, conforme os resultados obtidos, mas que pode se tornar um grande aliado na construção de aprendizagens.

O último objetivo específico, realizar oficinas de literatura, por meio do recurso hipertextual, com ênfase nas questões socioculturais, a partir do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, disponibilizado na internet, tornou-se o quinto capítulo. Desmembrado em seis momentos, contemplou a literatura e algumas concepções, apresentou o conto, o autor, algumas questões sociais e culturais, a aplicação da pesquisa-ação e a análise dos questionários aplicados.

A realização das oficinas ocorreu em cinco momentos de estudos, pensadas a partir de uma sequência de atividades que, aos poucos, tornaram-se complexas. Os alunos

desenvolveram o trabalho de uma forma cooperativa, participativa, com motivação que contribuíram para que o problema da pesquisa (que contribuições o uso da linguagem hipertextual apresenta, como recurso metodológico para o ensino de literatura enquanto prática sociocultural, para estudantes de uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental?), pudesse obter algumas respostas.

A linguagem hipertextual, oportunizada pela literatura através do conto machadiano, oportunizou momentos de leitura, reflexões e aprendizagens, que foram literárias, gramaticais, social e de cunho particular. Os conhecimentos literários revelaram-se a partir do conhecimento do autor, de algumas de suas obras, da leitura de um conto machadiano, escrito para um outro público, com um contexto diferente, mas que se torna atual e influente pela maneira com que Machado de Assis constrói o enredo.

As aprendizagens gramaticais emergiram durante as atividades mediante as dificuldades que os alunos apresentavam em manusear o computador e seus programas, seja para o registro do diário de bordo, como na busca em sites e leitura em hipertextos. Os estudantes tiveram dificuldades para escrever os resultados de suas pesquisas, para elaborar as respostas de alguns questionamentos realizados, bem como necessitou de oficina extra, já que para realizarem a leitura do conto utilizaram um período inteiro, demonstrando as dificuldades que tinham em compreender o texto. Mas que, por outro lado, revelaram o interesse que tinham em realizar a leitura com atenção e responsabilidade.

Os conhecimentos de cunho social ficaram por conta da proposta de leitura do conto, a fim de explorar questões sociais e culturais. Abordou-se a escravidão pelo viés que o texto apresentava, em que Machado de Assis relata um pouco desse período histórico brasileiro, que marca a sociedade até a atualidade, questões de personalidade, de modos de vida de uma sociedade em um outro contexto histórico. E particular, porque proporcionou reflexões sobre a vida dos jovens em suas famílias e as metas para o futuro, cabe retomar que o contexto em que a pesquisa foi aplicada é de uma comunidade periférica, carente e como os jovens precisam de orientação, seja para a vida pessoal ou profissional.

Com tais colocações, é possível afirmar que a prática pedagógica fomentada pela linguagem hipertextual contribuiu para a construção de um conhecimento significativo nos alunos, que se apresenta como uma ferramenta importante na busca pela qualidade da educação. O ambiente escolar precisa voltar-se para práticas como essas e tentar resgatar pelos meios tecnológicos uma educação motivadora, interessante. São práticas diferenciadas, que não precisam aparecer todos os dias na escola, mas que exploradas seguidamente podem alicerçar

conhecimentos que, trabalhados de forma expositiva, não terão o mesmo efeito na aprendizagem.

Concluir esta pesquisa que percorreu um caminho teórico, analisou questionários e ofereceu ao grupo de alunos e pesquisadora uma pesquisa-ação, foi um trabalho longo, mas que proporcionou conhecimentos a ambos, e que cumpriu com seu papel social, enquanto produção de conhecimento científico e oportunidade de pensar sobre práticas pedagógicas diferenciadas que possam fazer diferença no ambiente escolar.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco Cordeiro. **Diário** – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas. Instituto Politécnico de Viseu. Disponível em [www.ipv.pt/millennium/millennium29/30.pdf](http://www.ipv.pt/millennium/millennium29/30.pdf). Acesso em: 25 de ago. 2018.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2006.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 18 out. 2018.

ASSIS, Machado de. **Pai contra mãe**. 2009. Disponível em: <http://machadodeassis.net/hiperTxromances/index.asp>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

ASSIS, Machado de. **Relíquias da casa velha**. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1906.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAQUERO, Marcelo. Os elementos da pesquisa social. In: **A pesquisa quantitativa nas ciências sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BELLONI, Maria. Luiza. **Educação a distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

BOAVENTURA, Edivaldo; PÉRISSE, Paulo. Educação e globalização: uma perspectiva planetária. In: **Ensaio: Avaliação das políticas Públicas em educação**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v.7, n. 22, Jan/Mar, 1999.

BOSI, ALFREDO. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. In: BOSI, Alfredo *et all.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, 2. versão. Brasília, DF, 2017.

\_\_\_\_\_. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 12 dez. 2017.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e a formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Remate de males**. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONTADORES DE HISTÓRIAS. Disponível em: <https://contadoresdehistorias.wordpress.com>. Acesso em 19 de nov. 2018.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, Carlos. Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. **Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. v. 305, 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B. & SOUZA e SILVA, M.C. (Orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERALDI, João. Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIL. Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Linguagem e Ensino**, v. 4, n. 1, 2001.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 15 jul. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). O desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MORAN, José Manuel. Gestão inovadora da escola em tecnologias. In: VIEIRA, Alexandre (org.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. Uma leitura possível de "Pai contra mãe", de Machado de Assis. **Revista de Estudos Acadêmicos**, v. 4, p. 25-31, 1996.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Análise de conteúdo temático categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de Enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, out/ dez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Porto Alegre: Cortez, 2010.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UBIQUIDADE. Dicionário Aurélio *online*. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/ubiquidade>. Acesso em: 20 abr. 2018.

UBIQUIDADE DO HIPERTEXTO. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/rede-de-computadores-em-todo-o-mundo-2648526/>. Imagem de domínio público. Acesso em: 20 abr. 2018.

VENTURA, Mauro Souza. **Via política**. 2008. Disponível em [http://www.viapolitica.com.br/pagina\\_view.php?id\\_pagina=111https://literaturapolitica.wordpress.com/2008/09/20/o-ideario-critico-de-machado-de-assis/](http://www.viapolitica.com.br/pagina_view.php?id_pagina=111https://literaturapolitica.wordpress.com/2008/09/20/o-ideario-critico-de-machado-de-assis/). Acesso em: 14 out. 2018.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI & \_\_\_\_\_(orgs). **Hipertextos e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, 2013.

ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1985.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – Termo de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido.****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: A linguagem hipertextual e o ensino de literatura: uma perspectiva de formação sociocultural na escola pública, conduzida por mim, professora Andréia Mainardi Contri. Este estudo tem por objetivo analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural.

O menor ao qual o (a) senhor(a) é responsável foi selecionado(a) por estar na turma escolhida para o estudo, que mediante as demais, apresentou uma boa participação e interesse nas aulas. A participação do menor não é obrigatória. A qualquer momento, ele poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo ou desconforto com professores e direção da escola.

A participação na pesquisa não é remunerada e nem implicará em gastos pessoais, ele fará em horário escolar, intercalado com as aulas de Língua Portuguesa. Os riscos de participação são mínimos visto que não será necessário deslocamento para lugares externos da escola, porém poderão ocorrer desconforto ao responder o questionário, discussões entre colegas. Caso sinta qualquer desconforto ou risco, o menor tem o direito de não continuar a pesquisa, sem quaisquer prejuízos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a dois questionários solicitados e participar de algumas oficinas no laboratório de informática, que serão ministradas em horário escolar, na Escola Municipal Deolinda Barufaldi, durante as aulas de Língua Portuguesa.

Com a participação dele, estará contribuindo para uma formação de alunos com maior esclarecimento sobre questões sociais e culturais, além de ajudar em pesquisas acadêmicas que buscam uma aprendizagem escolar mais interessante e significativa para os alunos. Portanto terá, já de início, uma oportunidade de construir novos conhecimentos.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Mas você tem a garantia de acesso à informações em qualquer etapa do estudo, bem como esclarecer dúvidas que surjam durante a pesquisa.

Se o(a) senhor(a) concorda que o menor pelo qual é responsável participe desta pesquisa, assine ao final deste documento, que contém duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável. Abaixo estão o endereço institucional e da pesquisadora, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Professora Andréia Mainardi Contri. E-mail: [deiamainardi@bol.com.br](mailto:deiamainardi@bol.com.br)

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ - Telefone: (55) 3321 1500 Endereço: Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km 5.8 – Parada Benito , Cruz Alta - RS Cep: 98005-972

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor ao qual sou responsável, sendo que aceito que ele participe da pesquisa.

Assinatura do(a) responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## TERMOS DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: A linguagem hipertextual e o ensino de literatura: uma perspectiva de formação sociocultural na escola pública, conduzida por mim, professora Andréia Mainardi Contri. Tem por objetivo: analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural, para isso serão utilizadas algumas aulas de Língua Portuguesa.

Seus pais permitiram que você participe. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na sua escola, e vocês terão que responder a dois questionário e participar de algumas oficinas ministradas no laboratório de informática. Para isso, serão usados alguns períodos de aula e computadores do laboratório. Mas há coisas boas que podem acontecer você se tornar um aluno com melhor compreensão social, um bom leitor, tomar gosto pela literatura e carregar conhecimentos pela vida toda.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada: A linguagem hipertextual e o ensino de literatura: uma perspectiva de formação sociocultural na escola pública, que tem o/s objetivo analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém me perseguir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

]  
]



**APÊNDICE B – Carta de Validação e Questionários aplicados nos alunos.**

**UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL - MESTRADO**

**CARTA DE VALIDAÇÃO**

Prezados Professores

Tenho o prazer de apresentar-lhes a mestranda Andréia Mainardi Contri, do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, minha orientanda, que está desenvolvendo o projeto, intitulado *A linguagem hipertextual e o ensino de literatura: uma perspectiva de formação sociocultural na escola pública*

O projeto tem por objetivo geral analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural.

Neste momento da pesquisa, foi elaborado dois questionários semiestruturados os quais lhe apresento, solicitando-lhes sua leitura e análise, tendo em vista a validação, a fim de ser aplicado com as integrantes do corpus da pesquisa.

Antecipadamente, agradeço-lhes por sua importante contribuição.

Cordialmente

**Profª Drª. Carla Rosane da Silva Tavares Alves  
Docente e Coordenadora do PPG em Práticas  
Socioculturais e Desenvolvimento Social**

Questionário inicial para os alunos:

Questões	Categoria de análise
<p>a) Para você o que é linguagem?</p> <p>b) Como a linguagem se manifesta nas atividades do seu dia a dia?</p> <p>c) Na sua visão, qual o papel da linguagem na sociedade atual?</p>	<p>Concepções de linguagem para o aluno</p>
<p>d) Você percebe avanço no uso das tecnologias digitais na sala de aula?</p> <p>e) Você pode citar alguns pontos positivos e negativos desse tipo de tecnologia?</p> <p>f) Os seus professores fazem uso das tecnologias digitais em sala de aula para auxiliar na aprendizagem dos conteúdos, ou seja, como recurso pedagógico?</p> <p>g) Você prefere realizar leituras em livros impressos ou no ambiente virtual, na internet? Por quê?</p>	<p>Conhecimento e uso das tecnologias da informação pelos alunos em sala de aula.</p>
<p>h) Os hipertextos digitais são textos digitalizados que agregam outros textos, até mesmo imagens, sons possíveis de edição ou não, como exemplo, uma página de informações na internet. Diante dessa característica, qual é sua visão sobre o uso de hipertextos digitais em sala de aula?</p> <p>i) Você acredita que a leitura não linear, isto é, aquela que é escolhida conforme o interesse do leitor, pode motivá-lo a ler mais ou confundi-lo devido à quantidade de informações disponibilizadas?</p>	<p>Conhecimento e uso do hipertexto digital em sala de aula.</p>
<p>j) Para você quais são os objetivos do ensino de literatura no Ensino Fundamental?</p>	

<p>k) Você gostaria que a disciplina de literatura fizesse parte das disciplinas estudadas no sétimo ano? Por quê?</p> <p>l) Na sua opinião, que reflexões a literatura permite fazer de modo que possa contribuir na sua formação enquanto cidadão pertencente a uma sociedade?</p>	<p>Concepções de literatura para o aluno.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------

Questionário final (para avaliações parciais, relatórios e análise final) para os alunos:

<p>a) Qual a sua opinião sobre a leitura em hipertexto? Você voltará a utilizar este recurso?</p> <p>b) Durante a realização da leitura você se dispersou? Encontrou dificuldades para realizá-la?</p> <p>c) Quanto à compreensão, as informações adicionais (caixas de textos com informações secundárias sobre o texto) contribuíram ou prejudicaram o entendimento?</p> <p>d) A aprendizagem ocorreu de forma mais interessante, contextualizada com o uso do hipertexto, ou você não sentiu diferença diante do texto impresso?</p>	<p>CATEGORIA DE ANÁLISE:</p> <p>Contribuição do hipertexto para a aprendizagem.</p>
<p>e) O que você compreendeu sobre o ensino de literatura, a partir da realização das oficinas?</p> <p>f) Que conhecimentos você considera que esta disciplina pode trazer para sua vida?</p> <p>g) Você considerou esta metodologia de leitura por meio de hipertexto, uma leitura mais prazerosa, mais atraente?</p>	<p>CATEGORIA DE ANÁLISE</p> <p>Compreensão do ensino de literatura.</p>

## APÊNDICE C – Termo de Confiabilidade



# UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA

RECONHECIDA PELA PORTARIA 1.704 DE 03.12.1993 - D.O.U. DE 06/12/1993  
 RECREDENCIADA PELA PORTARIA 711 DE 08.08.2013 - D.O.U. DE 09/08/2013

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E  
 EXTENSÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS  
 SOCIOCULTURAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL -  
 MESTRADO**

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** A linguagem hipertextual e o ensino de literatura: uma perspectiva de formação sociocultural na escola pública.

**Pesquisador responsável:** Andréia Mainardi Contri

**Instituição/Departamento:** Universidade de Cruz Alta

**Telefone para contato:** (55) 991556984

**Local da coleta de dados:** Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos alunos cujos dados serão coletados durante o período escolar da Escola Municipal Fundamental Deolinda Barufaldi. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas junto ao pesquisador e orientador, por um período de 12 meses sob a responsabilidade da Sr. (a) Andréia Mainardi Contri. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ em ...../...../....., com o número do CAAE

.....

Cruz Alta, .....de .....de 20.....

.....

## APÊNDICE D – Carta de Apresentação



# UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA

RECONHECIDA PELA PORTARIA 1.704 DE 03.12.1993 - D.O.U. DE 06/12/1993  
 RECREDENCIADA PELA PORTARIA 711 DE 08.08.2013 - D.O.U. DE 09/08/2013

## CARTA DE APRESENTAÇÃO

**Senhora Ivonete Kuchak**  
**Diretora da Escola Deolinda Barufaldi**

Por meio desta, apresentamos a aluna **Andréia Mainardi Contri**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, que está realizando a pesquisa intitulada “A linguagem hipertextual e o ensino de literatura: uma perspectiva de formação sociocultural na escola pública”. O objetivo do estudo é analisar o uso da linguagem hipertextual, fomentando o seu emprego como suporte para o ensino de literatura em uma perspectiva sociocultural.

Na oportunidade, solicitamos autorização para que realize a pesquisa através da coleta de dados por meio de questionário e aplicação de oficinas pedagógicas na turma do sétimo ano, T:71, desta escola.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade dos alunos participantes.

Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização para divulgação em meios acadêmicos é uma pré-condição para a realização da pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste trabalho. Em caso de dúvida você pode procurar a coordenação do curso pelo e-mail: [ctavares@unicruz.edu.br](mailto:ctavares@unicruz.edu.br), ou pelo contato telefônico: (55) 3321 – 1500.

Atenciosamente,

---

**Profª Drª. Carla R. da Silva Tavares Alves**  
**Docente, Coordenadora do PPG em Práticas**  
**Socioculturais e Desenvolvimento Social**

---

**Ivonete Kuchak**  
**Diretora da Escola Municipal**  
**Fundamental Deolinda Barufaldi**

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Conto *Pai contra Mãe*

### *Pai contra mãe*

*A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade, certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.*

*O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.*

*Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.*

*Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.*

*Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.*

*Cândido Neves - em família, Candinho - é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel*

de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos, Clara, vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela, para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para lembrar o primeiro ofício do namorado - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

- Pois ainda bem - replicava a noiva -; ao menos, não caso com defunto.

- Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

- Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome - disse a tia à sobrinha.

- Nossa Senhora nos dará de comer - acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriu-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

- Deus nos há de ajudar, titia - insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos, longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

- Vocês verão a triste vida - suspirava ela.

- Mas as outras crianças não nascem também? - perguntou Clara.

- Nascem, e acham sempre alguma cousa certa que comer, ainda que pouco...



- *Certa como?*
- *Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?*

*Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.*

*- A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...*

*- Bem sei, mas somos três.*

*- Seremos quatro.*

*- Não é a mesma cousa.*

*- Que quer então que eu faça, além do que faço?*

*- Alguma cousa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.*

*- Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.*

*Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.*

*Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão.*

*Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.*

*Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.*

*- É o que lhe faltava! - exclamou tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências -. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.*

*Cândido quisera efetivamente fazer outra cousa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.*

*A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.*

*- Não, tia Mônica! - bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo -. Isso nunca!*

*Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.*

*- Titia não fala por mal, Candinho.*

*- Por mal? - replicou tia Mônica -. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...*

*Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor - crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.*

*- Quem é? - perguntou o marido.*

*- Sou eu.*

*Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.*

*- Não é preciso...*

*- Faça favor.*

*O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.*

*- Cinco dias ou rua! - repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.*

*Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.*

*A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise, comesse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas*

*sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.*

*Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda.*

*- Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à rua dos Barbonos.*

*Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.*

*Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela rua e largo da Carioca, rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.*

*Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da rua dos Barbonos.*

*Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que lhe cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.*

*- Hei de entregá-lo o mais tarde que puder - murmurou ele.*

*Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.*

*- Mas...*

*Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de São José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.*

*- Arminda! - bradou, conforme a nomeava o anúncio.*

*Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas*

entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

- Estou grávida, meu senhor! - exclamou -. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

- Siga! - repetiu Cândido Neves.

- Me solte!

- Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava, ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites - coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? - perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

- Aqui está a fujona - disse Cândido Neves.

- É ela mesma.

- Meu senhor!

- Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

- Nem todas as crianças vingam - bateu-lhe o coração.

## ANEXO B – Fragmentos do Conto *Pai contra Mãe* utilizados para análise

### Fragmentos

Fragmento 1: *“O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado”.*

Fragmento 2: *Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.*

Fragmento 3: *Cândido Neves - em família, Candinho - é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.*

Fragmento 4: *Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.*

- Titia não fala por mal, Candinho.

- Por mal? - replicou tia Mônica -. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim..

Fragmento 5 - *Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da*

*mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da rua dos Barbonos.*

*Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que lhe cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.*

*Fragmento 6 - Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.*

*- Nem todas as crianças vingam - bateu-lhe o coração.*

**ANEXO C – Fotos das oficinas realizadas**